

ERICK MARCELO LIMA DE SOUZA

ESTUDO FONOLÓGICO DA LÍNGUA
BANIWA-KURIPAKO

*PHONOLOGICAL ANALYSIS OF THE BANIWA-KURIPAKO
LANGUAGE*

CAMPINAS

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

So89e Souza, Erick Marcelo Lima de, 1986-
Estudo Fonológico da Língua Baniwa-Kuripako / Erick
Marcelo Lima de Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador: Wilmar da Rocha D'Angelis.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gramática comparada e geral - Fonologia. 2.
Linguagem e línguas - Variação. 3. Línguas baniwa. 4.
Línguas curripaco. I. Wilmar da Rocha D'Angelis. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos
da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Phonological Analysis of the Baniwa-Kuripako language.

Palavras-chave em inglês:

Grammar, Comparative and general - Phonology

Language and languages - Variation

Baniwa languages

Curripaco languages

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

Wilmar da Rocha D'Angelis [Orientador]

Frantomé Bezerra Pacheco

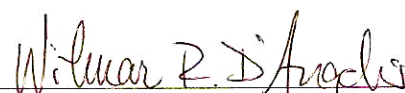
Rosane de Sá Amado

Data da defesa: 12-11-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

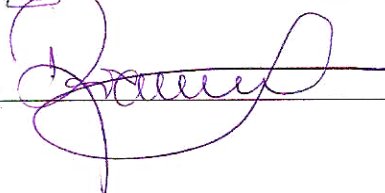
Wilmar da Rocha D'Angelis



Frantome Bezerra Pacheco



Rosane de Sá Amado



Maria Filomena Spatti Sândalo



Vitória Regina Spanghero



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ERICK MARCELO LIMA DE SOUZA

ESTUDO FONOLÓGICO DA LÍNGUA
BANIWA-KURIPAKO

Oreintador: Prof. Dr. Wilmar D'Angelis

*PHONOLOGICAL ANALYSIS OF THE BANIWA-KURIPAKO
LANGUAGE*

Director: Prof. PhD. Wilmar D'Angelis

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Master's thesis submitted to the Institute of Language Studies of the State University of Campinas for the degree of Master in Linguistics.

CAMPINAS, 2012

RESUMO

Este trabalho é um estudo tanto descritivo quanto comparativo do que consideramos duas variantes da mesma língua, conhecidas como Baniwa do Içana e Kuripako, pertencentes à família Aruak. Aqui, se faz uma análise linguística da relação entre ambas as variantes, pautada em parte do seu componente linguístico, isto é, o sistema fonológico, com vistas a colaborar para uma definição da classificação dialetal. Sua base teórica linguística é fundamentada nas ideias estruturalistas europeias da Escola de Praga. Neste trabalho, há uma discussão da variação dialetal deste ramo da família Aruak, um breve histórico dos estudos sobre esse ramo da família e uma descrição da fonologia da língua. Esta pesquisa é, assim, uma tentativa de discutir tanto questões da Fonologia quanto da Sociolinguística, com ênfase nos aspectos fonético-fonológicos como um dos requisitos para as discussões sobre variação dialetal.

Palavras-chave: Fonologia, variação dialetal, Baniwa do Içana, Kuripako.

ABSTRACT

This work is both a descriptive and comparative analysis, of what we consider two variants of the same language, known as Baniwa of Içana and Kuripako, which belong to the Arawakan family. Here there is a linguistic analysis of the relationship between both variants based in part of its linguistic component, it means, the phonologic system, in order to collaborate to a definition of the dialectical classification. Its linguistic theoretical basis is grounded on the structuralist ideas from the School of Prague. In this work, there is a discussion about the dialectical variation of this branch of the Arawakan Family, a brief history of the studies on the branch of this family and a description of the phonology of the language. This research is thus an attempt to discuss issues related to the Phonology and Sociolinguistics as well, with emphasis on the phonetic and phonological aspects as one of the requirements for the discussions about dialectical variation.

Keywords: Phonology, dialectical variation, Baniwa of Içana, Kuripako.

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida, em primeiro lugar, os agradecimentos deste trabalho se dirigem ao professor Dr. Wilmar D'Angelis, cujas contribuições e sugestões foram extremamente importantes, e sem as quais, seguramente, essa dissertação não poderia ser concluída. Agradeço a grande atenção, as sugestões, a paciência e o esforço em ter aceitado orientar este trabalho. Agradeço-lhe também por nunca ter faltado com seus compromissos de orientador e, principalmente, por ter sempre se esforçado para fazer além disso, sendo um grande exemplo de professor, pesquisador e orientador.

Agradeço ainda aos professores Angel Humberto Mori, Maria Filomena Sândalo, Maria Bernadete Abaurre, Anna Christina Bentes, Plínio Barbosa e Marcos Pereira, seja pelos conhecimentos transmitidos durante as disciplinas, seja pelas importantes sugestões na banca de qualificação, seja pelo estímulo, incentivo, orientações dadas durante esses meses, seja pelo apoio pessoal, seja pelos conselhos acadêmicos.

Agradeço aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do IEL e da Biblioteca pelo ótimo e eficiente serviço prestado, o que contribuiu muito para o andamento do processo.

Agradeço enormemente aos meus primeiros professores na vida, meus pais Ely e Selma de Souza, pelo incentivo, suporte, compreensão e preocupação, não somente durante estes últimos anos, mas por toda a vida.

Agradeço à grande colega linguista Sarah Schulist que ajudou muito, mediando contatos e trocando informações, além também do seu companheirismo durante a fase de coleta de dados no Amazonas o que, sem dúvida, ajudou o trabalho a fluir melhor.

Agradeço à FOIRN que autorizou a realização desta pesquisa na cidade de São Gabriel da Cachoeira e pelas importantes informações de onde seria possível encontrar os falantes que ajudaram neste trabalho.

Agradeço aos Baniwa, em especial ao Felipe Alexandre, à Dona Maria e aos Kuripako, Quirino e Élvia que foram extremamente prestativos e dedicados em ajudar com dados e com a compreensão da língua.

Agradeço enormemente à FAPEAM pela ajuda financeira e suporte durante os primeiros 24 meses desta pesquisa, ajuda a qual foi vital para o desenvolvimento do trabalho e deslocamento até a cidade de Campinas e retorno à cidade de Manaus.

E por último, um agradecimento especial ao professor e pesquisador Dr. Frantomé Pacheco que foi, sem dúvida, o maior incentivador para o início deste trabalho. Agradeço-lhe muito pela inspiração que passa como exemplo de pesquisador, pela paciência, atenção, pelas palavras de apoio e por ter me introduzido no universo da Linguística e dos estudos em línguas indígenas desde as disciplinas durante os estudos de graduação na UFAM, passando pela iniciação científica, até o período após a conclusão da graduação.

LISTA DE ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

Adv — advérbio

Caus — causativo

Dat — dativo

Dei — dêitico

Dem — demonstrativo

M — gênero masculino

Mod — modificador

F — gênero feminino

Neg — negação

1Sg — primeira pessoa do singular

2Sg — segunda pessoa do singular

3Sg — terceira pessoa do singular

Ind — indeterminado

1Pl — primeira pessoa do plural

2Pl — segunda pessoa do plural

3Pl — terceira pessoa do plural

sp — sufixo de posse

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	13
1. A QUESTÃO DIALETAL.....	19
1.1. INTRODUÇÃO.....	19
1.2. A ETIMOLOGIA DOS DIALETOS.....	19
1.3. INFORMAÇÕES GERAIS.....	24
1.4. O HISTÓRICO DOS POVOS BANIWA E KURIPAKO.....	28
1.5. OS ESTUDOS EM BANIWA E KURIPAKO.....	32
1.6. A DELIMITAÇÃO DIALETOLÓGICA.....	46
2. AS PREMISSAS TEÓRICAS EM FONOLOGIA.....	53
2.1. INTRODUÇÃO.....	53
2.2. A ANÁLISE FONOLÓGICA.....	53
3. A METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS.....	63
3.1. INTRODUÇÃO.....	63
3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	63
3.3. AS FASES DA PESQUISA.....	69
4. O SISTEMA FONOLÓGICO	71
4.1. INTRODUÇÃO.....	71
4.2. A ANÁLISE FONÉTICA.....	73
4.2.1. OS FONES CONSONANTAIS.....	74
4.2.2. OS FONES VOCÁLICOS.....	82
4.3. A ANÁLISE FONOLÓGICA.....	94
4.3.1. AS VOGAIS.....	95

4.3.1.1. AS VOGAIS BREVES.....	95
4.3.1.2. AS VOGAIS LONGAS.....	102
4.3.2. AS CONSOANTES.....	108
4.3.2.1. AS SOANTES.....	108
4.3.2.2. CONSOANTES SOANTES ENSURDECIDAS POR /h/.....	122
4.3.2.3. OBSTRUENTES.....	126
4.3.2.4. CONSOANTES OBSTRUENTES ASPIRADAS POR /h/.....	143
4.4. CLASSIFICAÇÃO DAS OPOSIÇÕES.....	150
4.4.1. OPOSIÇÃO BILATERAL.....	150
4.4.2. OPOSIÇÃO PROPORCIONAL.....	151
4.4.3. OPOSIÇÃO EQUIPOLENTE.....	151
4.4.4. OPOSIÇÃO NEUTRALIZÁVEL.....	152
4.4.5. OPOSIÇÃO ISOLADA.....	152
4.4.6 OPOSIÇÃO CONSTANTE.....	153
4.5. PROCESSOS FONOLÓGICOS.....	153
4.5.1. PALATALIZAÇÃO.....	154
4.5.2. APAGAMENTO VOCÁLICO.....	160
4.5.3. NASALIZAÇÃO.....	161
4.5.4. ASSIMILAÇÃO DE /h/.....	167
4.5.5. DITONGAÇÃO, ALONGAMENTO E COALESCÊNCIA VOCÁLICA.....	168
4.6. A SÍLABA FONOLÓGICA	175
4.6.1. LICENCIAMENTO PROSÓDICO.....	181
4.6.1.1. REDUPLICAÇÃO.....	181
4.6.1.2. DITONGAÇÃO.....	183

4.6.1.3. APAGAMENTO.....	184
4.6.2. ACENTO E DURAÇÃO.....	185
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	192
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	196

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de um projeto de pesquisa linguística que visa a discutir questões dialetais e, principalmente, a Fonologia de um ramo particular da família linguística Aruak. Este ramo compreende dois falares conhecidos por Baniwa do Içana e Kuripako, que são falados por comunidades indígenas da Amazônia, estendendo-se por uma região que engloba três países da América do Sul, sendo eles: Brasil, Venezuela e Colômbia na região da bacia do Rio Negro.

O interesse por essa pesquisa nasceu, basicamente, em um curso de Introdução a Línguas Indígenas ministrado na Universidade Federal do Amazonas pelo professor Dr. Frantomé Pacheco. Ela foi motivada pela necessidade de pesquisas voltadas à descrição das línguas indígenas do estado do Amazonas. Inicialmente, ela surgiu como consequência de um projeto de Iniciação Científica dedicado a catalogar as pesquisas linguísticas sobre as línguas indígenas do Estado, o que, posteriormente, culminou no projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação.

Uma vez que o estado brasileiro do Amazonas constitui um imenso território ainda não suficientemente explorado cientificamente, o que inclui, obviamente, sua grande diversidade linguística, este projeto colabora, ainda que minimamente, com o avanço das pesquisas científicas sobre o Estado.

Para podermos entender a riqueza linguística do Estado, destacamos o fato de que nele há, de acordo com Rodrigues (2006), um número de 54 línguas indígenas de um total de cerca de 180 línguas indígenas ainda vivas em todo o País. Entretanto, esse expressivo número de línguas conta com um número ainda um tanto reduzido de pesquisas científicas voltadas para a sua descrição e divulgação.

O risco de extinção de tais línguas é, ainda, mais um motivo que torna relevante e urgente a necessidade de mais pesquisas voltadas a sua descrição, uma vez que há línguas com apenas poucos falantes ou mesmo com seus falantes já na última geração. Essa situação é ainda comum no Brasil atual devido à perda linguística provocada pelo contato com a sociedade não indígena do País em favor do português e, mesmo no caso do Amazonas, em favor do Nheengatu, língua geral, ou ainda do Tukano, outra língua predominante na região do Alto Rio Negro.

Por isso, estudos linguísticos para o conhecimento da realidade das línguas indígenas são muito importantes, favorecendo um avanço adequado no conhecimento dos nossos povos aborígenes, da sua história e da sua cultura. A Linguística, com seu posicionamento importante entre as Ciências Humanas, contribui bastante para o avanço dessas outras ciências, uma vez que a língua ocupa um importante papel dentro das sociedades e é extremamente importante para a sua compreensão. Muitos antropólogos, por exemplo, valem-se de critérios linguísticos para construir hipóteses sobre as classificações étnicas de comunidades indígenas, do mesmo modo que se valem do conhecimento linguístico para elaborar hipóteses sobre a origem e o percurso desses povos autóctones pelo continente.

A língua é um dos principais recursos de representação da cultura e da transmissão de suas tradições e do seu imaginário. Como os povos indígenas não possuíram, durante toda a sua história, uma forma de escrita, usando-se critérios de cultura letrada, tornou-se difícil preservar e conhecer sua história desde o período pré-colombiano.

Espera-se que o avanço dos estudos linguísticos sobre as línguas indígenas também contribua para que as línguas desses povos possam ser preservadas e possam

e ser transmitidas dentro das comunidades indígenas, favorecendo-lhes o ensino nas escolas por meio de um conhecimento mais profundo da própria língua. Com isso, espera-se também que seja possível preservar não só a língua, mas também a história e riqueza cultural desses povos.

Assim, este trabalho de caráter fonológico pretende contribuir para o conhecimento da língua que acreditamos ser, aqui, Baniwa-Kuripako, bem como servir de suporte para discussões sociolinguísticas e, também, sobre planejamento e desenvolvimento de sistema ortográfico.

Esta pesquisa contou com financiamento da FAPEAM, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, e foi desenvolvida na cidade de Campinas, no estado brasileiro de São Paulo entre os anos de 2010 e 2012. Durante esse período, foram realizadas duas viagens à cidade de São Gabriel da Cachoeira no estado brasileiro do Amazonas para coleta de dados linguísticos.

Nessa dissertação seguimos a Convenção da ABA (1953) sobre grafia dos nomes de povos indígenas¹, de modo que adotamos as formas *Baniwa* (com “W”) e *Kuripako* (com “K”). Com respeito ao último termo, empregaremos apenas um R, em vez de dois, uma vez que transcreveremos aqui o fonema /z/ como “R” e o fonema /l/ por “L”, assim não haverá necessidade de transcrever com RR, considerando a forma fonológica é /kuzipa:ku/. Esta é uma tentativa de aportuguesar ou criar um termo em português para os respectivos nomes, uma vez que há grande variedade de grafias desses termos na literatura.

¹ Cf. *Convenção para a grafia dos nomes tribais*, de 1953, publicada na *Revista de Antropologia*, vol. 2, (2), p. 150-152. São Paulo, 1954. Seguindo a mesma convenção e o uso consagrado na linguística brasileira, adotamos aqui a forma *Aruak*.

Na parte inicial deste trabalho, apresenta-se um panorama das questões históricas, geográficas, étnicas e discute-se a diversidade dialetal deste ramo da família Aruak que é composto pelo que chamaremos aqui de variante Baniwa do Içana, variante Kuripako e língua Piapoco. O foco, neste trabalho, recai, entretanto, sobre os dois primeiros. Assim, discutiremos as principais visões dos autores em relação a essa questão dialetológica. Nesta seção, nos dedicamos também a apresentar alguns dos trabalhos prévios sobre Baniwa e Kuripako, bem como discutir as bases teóricas que utilizaremos para dar suporte à nossa análise e considerações sobre a problemática.

A segunda parte deste trabalho ocupa-se das premissas fonológicas que darão suporte e embasamento teórico para nossas considerações e discussões. Tais premissas são orientadas pelo pensamento linguístico nascido no Círculo Linguístico de Praga e teremos como mentor central para nossa fundamentação teórica Trubetzkoy (1939) com seu modelo fonológico estruturalista europeu e sua noção de correlações opostas e sistema.² Outras noções produzidas na continuidade dessa tradição fonológica serão, eventualmente, também utilizadas para contribuir à análise, a saber: uma teoria de traços distintivos, inicialmente proposta por Jakobson e desenvolvida, entre outros, por Chomsky & Halle; uma representação de processos fonológicos, derivada da concepção que toma os traços distintivos como primitivos do sistema fonológico.

A terceira parte deste trabalho ocupa-se em apresentar e descrever os procedimentos de coleta de dados em campo. Nela, é possível entender como foi feita a escolha dos falantes, que foram os fornecedores de dados para nossa análise, e quais foram os critérios subjacentes a essas decisões. Apresentaremos também a elaboração

² Seguiremos a versão francesa (tradução de J. Cantineau de 1949) da clássica obra de Troubetzkoy, publicada com o título *Principes de Phonologie*.

e a base da metodologia de coleta de dados, a escolha do local para coleta de dados, as ferramentas utilizadas para isso, algumas considerações sobre a experiência de coleta de dados e um pouco da visão dos indígenas em relação a algumas questões que envolvem classificações linguísticas e uso da língua.

Na quarta parte do trabalho, apresentam-se as análises para o início de uma discussão de cunho fonológico. Apresentamos a Fonologia comparada do Baniwa e do Kuripako. Assim, apresentaremos algumas questões fonéticas para darmos início a nossas considerações fonológicas. Ali serão apresentados os fones registrados em cada dialeto e suas condições de ocorrência, bem como algumas discussões sobre a representação fonética. Nessa seção, apresenta-se o quadro fonético com a representação dos fones das duas variantes em questão aqui, tanto Baniwa do Içana quanto do Kuripako. Nela, pretende-se também demonstrar como está estruturado o padrão silábico da língua, ou seja, quais são suas ocorrências, quais segmentos ocupam posição de aclave, ápice e declive, e qual o papel da duração e do acento. Nessa seção, o foco é a Fonologia propriamente dita, em que será feita uma análise do jogo opositivo do sistema fonológico para definição do estatuto das consoantes e vogais, objetivando uma definição do quadro de fonemas em Baniwa e em Kuripako. Em seguida, apresentaremos nossas considerações para os processos fonológicos tais como: apagamento, ditongação, alongamento e coalescência, harmonia vocálica, metátese de /h/, aspiração de obstruintes, ensurdecimento de soantes, palatalização de consoantes e nasalização.

Na última parte do trabalho, dedicamo-nos a estabelecer nossas conclusões, as considerações finais que nos mostrarão aonde chegamos e o que podemos estabelecer

como um avanço em relação ao que se sabe até o momento sobre os dois dialetos em questão nessa pesquisa.

1. A QUESTÃO DIALETAL

1.1. INTRODUÇÃO

Os povos tradicionalmente conhecidos como Baniwa do Içana e Kuripako são povos da família linguística Aruak que habitam a região amazônica, espalhados por regiões que abrangem terras do Brasil, da Venezuela e da Colômbia. Os Baniwa do Içana e os Kuripako consideram-se e são, tradicionalmente, conhecidos na região do Alto Rio Negro como povos distintos um do outro, embora sejam povos irmãos. Com vistas a explicar essa forma de referir-se a esses povos Aruak, apresentaremos aqui a etimologia desses termos, algumas informações gerais importantes para o entendimento da classificação das línguas Aruak, um histórico dos povos Baniwa e Kuripako, alguns dos estudos realizados sobre os falares desses povos e a base teórica que nos servirá de suporte para nos situarmos em meio a toda essa problemática.

1.2. A ETIMOLOGIA DOS DIALETOS

O termo *Baniwa* é provavelmente uma palavra de origem Nheengatu, porém não se encontra, na literatura da área, uma explicação completamente exata sobre a etimologia desse termo. Os Baniwa também não sabem explicar por que se passou a usar este termo para designá-los. Supõe-se, porém, que este termo está, provavelmente, relacionado à palavra “mandioca” ou “maniva”.

Segundo Wright (1999), que trabalhou com o povo Baniwa, o nome *Baniwa* não é o termo usado por eles próprios para se autodenominarem. Seria, assim, usada por eles a expressão *waakurikuperi* para designar os que falam o mesmo idioma, ou ainda o termo *waakuenai* no Rio Negro. Todavia, eles usam o termo *Baniwa* para denominação em conversas com pessoas que não são internas à comunidade, isto é,

não Baniwa ou Kuripako, e, assim, esse termo tem permanecido no seu uso e na história. Eles o reconhecem e o aceitam sem problemas, fato que pôde ser confirmado em conversas com indígenas Baniwa durante as duas viagens para coleta de dados desta pesquisa, mas vale ressaltar que esse termo é usado, sobretudo, como termos de uso comum, ou seja, é um termo genérico usado na região e por pesquisadores, ou seja, a a nomenclatura dos outros e não a deles. Contudo, quando perguntados por pessoas externas à comunidade sobre a sua etnia, os Baniwa e os Kuripako assumem uma das duas identidades

Valadares (1993), pela tabela a seguir, enumera os clãs do complexo Baniwa-Kuripako, embora use apenas o termo Baniwa do Içana para tal:

Tabela 1.1. Os nomes dos clãs do complexo Baniwa-Kuripako

Língua nativa	Nheengatú	Língua Portuguesa
1. Adáru-minanei	Arara-Tapúya	gente da arara
2. Ayáneni, Adzáneni, Adyánene ou Adyána	Tatú-Tapúya	gente do tatu
3. Aini-dákenei, Máulieni	Káwa-Tapúya	gente da vespa
4. Awádzurunai	Akutí-Tapúya	gente da cotia
5. Dzawí-minanei	Yawareté-Tapúya	gente da onça
6. Dzúrume, Dzíremene	Yibóya-Tapúya, Búya-Tapúya	gente da jibóia
7. Héma-dákene	Tapíira-Tapúya	gente da anta
8. Hohôdene, Hôde	?	?
9. Kadaupuritana Kataporitana	Mutum-Tapúya, Pixuna-Tapúya	gente do mutum
10. Kapité-minanei	Kuatí-Tapúya	gente do quati
11. Kumadáminanai Kumándene	Ipéka-Tapúya Pátu-Tapúya	gente do patu
12. Mápanai, Mápa-dákenei	Íra-Tapúya	gente da abelha
13. Mapátse-dákenei	Yuruparí-Tapúya	gente do jurupari
14. Moríwene	Sukuriyú-Tapúya	gente da sucuri
15. Payualiene Padzoliene	Pakú-Tapúya	gente do pacu
16. Wádzoli-dákenei	Urubú-Tapúya	gente do urubu
17. Walipéri-dákenei	Siusí-Tapúya	gente das Plêiades

Os Baniwa e os Kuripako, entre si, não parecem preferir se reconhecer, necessariamente, por um termo genérico, mas parecem preferir utilizar os próprios

nomes dos clãs dos quais fazem parte. Além dos clãs, também há uma divisão, mencionada na literatura, em fratrias. Os clãs são agrupamentos ou subdivisões desse povo com nomes que fazem alusão a animais. Como vimos na tabela, há uma dupla terminologia, uma na própria língua e outra em Nheengatu (nesta língua usando, além do nome de um animal, o termo *tapuya* que significa *gentio*). Todos os clãs têm um termo nas duas línguas, exceto os Hohodene, termo cuja tradução parece bastante difícil de se encontrar, tanto em Nheengatu, quanto em português. Sendo esse termo usado independentemente da língua.

Por sua vez, Kuripako é um nome usado para outro povo da região do Içana Setentrional ou Alto Rio Içana, na Amazônia. Esse termo também é usado para designar a fala desse povo e tem origem na própria língua, significando “a gente diz *kuri* (não)” ou “*kuri* (não) a gente diz”, e não *ñame* ou *karo* que são outros termos de negação, como se pode ver abaixo:

Kuri paako

Neg.3Imp.dizer

“‘*Kuri*’ se diz”

Isso já demonstra como os termos para dizer *sim/não*, desde bastante tempo, têm servido como critério para fazer distinção dialetal. Mas, assim como no caso dos Baniwa, entre os Kuripako, este termo não é o usado entre si para autodenominação. Eles preferem denominar-se *Naiki* que significa *gente*.

É importante ressaltar que, historicamente, também têm sido usados, como forma de nomear os dialetos, nomes dos clãs, como no caso de *Hohodene*. Por outro lado, há classificações que se valem do uso da terminologia *sim/não* para a classificação dialetológica como as de Hill (1983) e González-Ñañez (1985). Tais fatos

têm apresentado dois problemas: (1) geram uma divisão e uma quantidade muito grande de línguas ou dialetos falados por muitos clãs diferentes, se se usa unicamente o nome do clã para definir o dialeto, mesmo não havendo, necessariamente, diferenças relevantes entre o falar de alguns clãs; (2) há uma falta de regularidade no uso do léxico, ou de formas fonéticas atribuídas a um dialeto classificado com base em *sim/não*, e as palavras que eles realmente usam cotidianamente, assim acontece de uma palavra ser relacionada a um dialeto classificado como Kuri, por exemplo, mas o falante usa *karo no seu falar*, para dizer *não*, e ainda usa palavras não parentecentes (em tese) a esse dialeto, mas sim palavras relacionadas a outro dialeto.

Há um falar que é conhecido como Kurikaro, que seria um dialeto intermediário entre o que aparece na bibliografia como dialeto Kuri e o que aparece como Karo, como veremos mais adiante. Há ainda o caso de falantes que são considerados Kuripako, mas que não utilizam o negativo *kuri*, que é justo o termo que dá origem ao nome *Kuripako*, mas que usam *ñame*, fato que fez nascer na Colômbia, por parte de alguns indígenas, um questionamento referente a por que não se chamar a língua de “*Ñamepako*” em lugar de “*Kuripako*”. Isso foi dito e constatado no discurso do próprio falante Kuripako que colaborou com essa pesquisa e que justamente não utilizava a palavra *Kuri* correntemente no seu falar e pensava que por isso, ele não deveria chamar sua língua de Kuripako, mas sim de Nhamepako. Granadillo (2006) apresenta a seguinte classificação:

Tabela 1.2. Classificação dialetal com base nos termos de sim/não

Yes	No
Aha	Kuri
Ehe	K ^h enim
Oho	Karo
Oho	Ñame

Como já mencionamos, esse critério de classificação é inconsistente, por causa da falta de regularidade no uso dos termos de *sim/não*. Classificar um dialeto ou variante por um termo de negação e relacionar determinado léxico a ele não é linguisticamente (cientificamente) consistente, já que muitos falantes alternam o uso das formas negativas, isto é, que podem dizer tanto *kuri* quanto *ñame* indistintamente para *não*, ou que podem usar palavras relacionadas a um dialeto *Ñame*, enquanto que seu dialeto é considerado *Karo*, porque seu dialeto é *Karo*.

Visto isso, usaremos aqui o termo Baniwa-Kuripako para referirmo-nos a essa língua ou contínuo dialetal por serem esses termos de uso corrente nas classificações linguísticas da família Aruak e no uso da comunidade geral.

Sobre a grande complicação que existe em torno da classificação interna do grupo dentro da família Aruak. Granadillo (2006) confirma a nossa dificuldade de entender essas classificações, e quão problemática se torna essa divisão. Diferentes divisões das línguas Aruak têm confundido a quem tenta entender a situação da família.

Ao analisarem-se as classificações que têm sido feitas ao longo dos anos, percebe-se a irregularidade que há quanto à definição de línguas e dialetos e às equivalências entre os nomes de dialetos e línguas, bem como os grupos de línguas Aruak têm sido classificados diferentemente entre um autor e outro.

As diferentes formas de classificação, segundo Ramirez (2001), começaram a aparecer nas descrições que surgiram depois de Nimuendajú, cuja classificação é bem similar a de Ramirez. Os critérios de classificação de línguas e dialetos e os seus nomes são distintos entre os diferentes autores. Isso tudo reforça a necessidade de

estudos linguísticos comparativos e históricos para uma classificação adequada baseados em critérios comuns e consistentes.

1.3. INFORMAÇÕES GERAIS

Com vistas a demonstrar melhor como se dão as relações entre as línguas da Família Aruak e situarmos melhor o Baniwa-Kuripako dentro da família, apresentamos aqui algumas informações gerais e algumas propostas de classificação linguística para a família.

É bastante comum encontrar classificações de caráter geográfico como as de Kaufman (1994) e Aikhenvald (1999). Essa classificação divide as línguas Aruak em 2 grupos, as línguas do norte e as do sul e também leva em conta usos da forma pronominal de primeira pessoa, aquelas em que se usa *nu* e aquelas em que se usa *ta*. A classificação de Aikhenvald (1999) fica assim organizada, (1) Aruak/Maipuran do Norte: Wapishana, Palikur, Caribe ou Ta-Maipurean, Alto Amazonas; (2) Arawak do Sul e Sul-Occidental: Arawak do Sul (incluindo o Terena, os grupos Moxos e o Salumã Lapachu), Pareci-Xingu, Piro, Campa, Amuesha e Chamicuro. Cada grupo desses subagrupa outras várias ramificações.

Já de acordo com a classificação de Ramirez (2001), são aproximadamente 39 línguas que compõem a família Aruak. Dentre essas, há 21 vivas e 18 já mortas. A família é subclassificada por ele em dois grupos: (1) ocidental (Japurá-Colômbia, Alto Rio Negro, Divisão alto Orinoco, Negro-Roraima, Juruá-Jutaí, Divisão Purus-Ucayali, Bolívia-Mato Grosso e Caribe-Venezuela) e (2) oriental (Divisão Amapá e Xingu-Tapajós). As línguas Aruak mais faladas são Guajiro (Venezuela) com 200 mil

falantes, Garifuna (América Central) com 100 mil e Kampa³ (Peru) com 55 mil. Os povos que falam os dialetos do ramo Baniwa e Kuripako somam uma população de uns 11000 falantes.

A classificação mais recente para a família Aruak é a apresentada por Fabre (2005). Nessa classificação, faz-se uma subdivisão em cinco ramos: (1) Maipure setentrional com cinco subgrupos, totalizando 17 línguas; (2) Wapixana, totalizando apenas uma língua; (3) Maipure oriental, totalizando cinco línguas; (4) Maipure meridional, totalizando cinco ou seis línguas, (5) Maipure pré-andino, totalizando três subgrupos, oito línguas no total.

O Baniwa do Içana e o Kuripako são classificados por ele como pertencentes ao grupo central, subclassificados como pertencentes ao grupo norte amazônico e, dentro deste grupo, compondo o subgrupo chamado de Karo (um dos negativos da língua).

É importante atentar para o fato de que há duas línguas chamadas de Baniwa. Sobre isso, Fabre (2005) explica que essa confusão se dá, porque, historicamente, costumou-se fazer referência, com o mesmo termo, a dois grupos etnolinguísticos pertencentes a dois ramos diferentes da Arawak: (1) o Baniwa do Içana, pertencente a a um subgrupo Aruak e (2) o Baniwa do Guainia, pertencendo, juntamente com o Yavitero, ao grupo Baniva-Yavitero. Ramirez (2001) refere-se ao segundo Baniwa com o termo Baniwa de Maroa. Segundo Fabre (2005), linguisticamente falando, o Baniwa do Guainia/Maroa é extremamente próximo do “novo Warekena”. Este último

³ "Kampa" é designação antiga e genérica usada para referir aos Ashaninka, cuja população atual (Peru e Brasil) soma quase 100 mil pessoas (ISA 2011).

termo, Warekena, também é usado como referente para dois grupos etnolinguísticos diferentes.

Veamos, então, como Fabre (2005) esquematiza o seguinte quadro para resumir a classificação interna da família Aruak:

Tabela 1.3. Classificação das línguas Aruak

FAMÍLIA ARUAK		
I	ARAWAK OCCIDENTAL 1. Amuesha ¹ 2. Chamikuro ²	ARAWAK SEPTENTRIONAL
II	ARAWAK CENTRAL ³ A. XINGUANO 1. Waurá 2. Mehinaku 3. Yawalapiti 4. Agavotoqueng B. MATO GROSSENSE 1. Paresi 2. Enawenê-nawé () ? ⁴ 3. Saraveka () ? ⁵	A. CARIBEÑO 1. Garifuna 2. Lokono # SUBGRUPO GUAJIRO 1. Wayüu (guajiro) 2. Añún (paraujano) B. WAPISHANA 1. Wapishana 2. Bahuana (shiriana) () ? C. GRUPO CENTRAL C.1. NORTEAMAZÓNICO a. 1. Resigaro ¹¹ b. RIONEGRINO • SUBGRUPO YUCUNA-GUARÚ ¹² 1. Yukuna ¹³ • SUBGRUPO PIAPOCO ¹⁴ 1. Achagua 2. Piapoco 3. Tariano • SUBGRUPO CABIYARI 1. Kawillari • SUBGRUPO CARRU ¹⁵ 1. Baniwa do Içana ¹⁶ 2. Kurripako 3. Katapolitani 4. Ipeka • SUBGRUPO GUARE-QUENA-MANDAHUACA 1. Warekena (“antigo”) ¹⁷ 2. Mandawaka • SUBGRUPO BARÉ ¹⁸ 1. Baré C.2. BANIVA-YAVITERO • SUBGRUPO BANIVA 1. Baniwa del Guainia ¹⁶ 2. Warekena (“nuevo”) ¹⁷ • SUBGRUPO YAVITERO 1. Yavitero
III	ARAWAK MERIDIONAL A. BOLIVIA/PARANÁ 1. Terêna ⁶ 2. Baure ⁷ 3. Mojo (cadena dialectal): a) ignaciano, b) trinitario, loreetano, javeriano B. PURUS ⁸ 1. Piro 2. Apuriná 3. Iñapari ⁹ C. CAMPA 1. Ashaninka 2. Asheninka 3. Caquinte 4. Nomatsiguenga 5. Matsigenka 6. Nanti	V
IV	ARAWAK ORIENTAL ¹⁰ 1. Palikur	D. 1. *Apolista ¹⁹

Os Baniwa e os Kuripako, de acordo com Ramirez (2001), formam um complexo étnico-cultural indígena de língua Aruak composto por vários clãs, que vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela, em comunidades que se situam às margens do (1) Rio Içana e seus afluentes Cuiari, Aiairi e Cubaté e de (2) comunidades ao longo do Rio Negro, chegando às cidades de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos no estado do Amazonas.

No Brasil, esses povos vivem numa região vulgarmente conhecida como Cabeça do Cachorro, somando um número estimado em 4000 pessoas, enquanto que, aproximadamente 8000 pessoas viveriam na Colômbia e Venezuela. Do lado brasileiro, a atual localização destes povos Aruak é na região da bacia do Rio Içana. Já, fora do Brasil, vivem nas regiões do Rio Negro na Venezuela, ali chamado de *Guainía*, nas proximidades com o Rio Casiquiare.

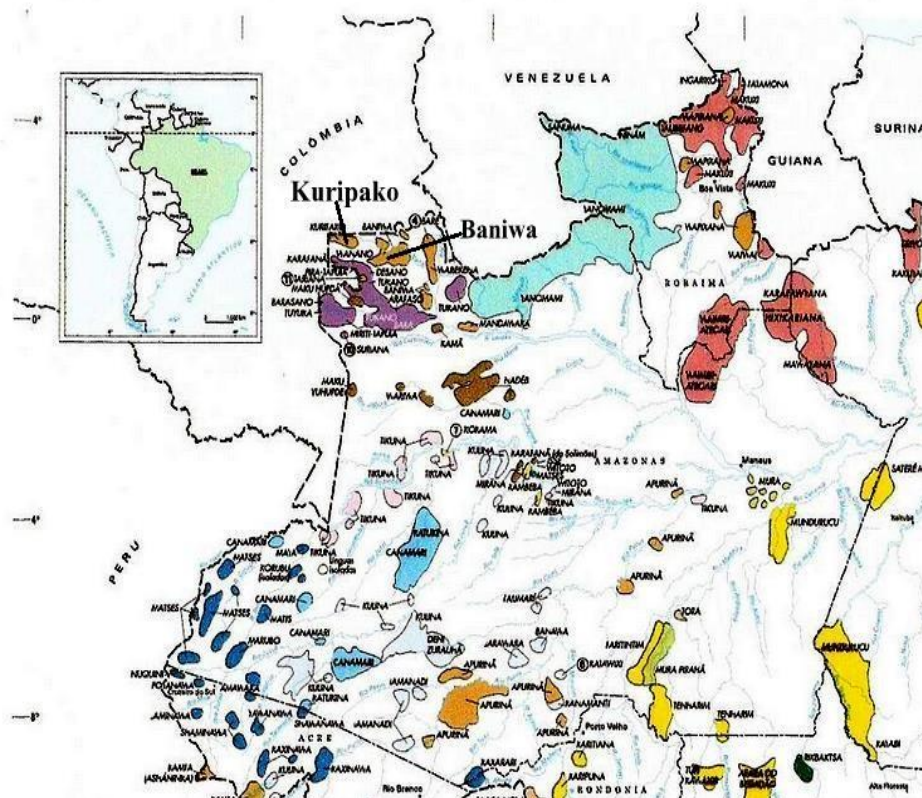
Os Baniwa do Içana vivem mais afastados da Colômbia que os Kuripako. Estes, por sua vez, vivem em aldeias que se localizam nas áreas da Amazônia colombiana e, dentro do território venezuelano, na fronteira com a Colômbia. Os Kuripako, descritos em Granadillo (2006), vivem na Venezuela próximos da região de Puerto Ayacucho, Victorino e Rio Negro venezuelano.

Estes Kuripako, descritos no trabalho de Granadillo (2006), provavelmente são os que falam o “dialeto meridional” descrito em Ramirez (2001), que seria uma terceira variante num grupo de três, juntamente com o “dialeto central” (Baniwa do Içana)” e “dialeto setentrional” (Kuripako brasileiro e colombiano).

No Brasil, os Kuripako vivem no extremo noroeste brasileiro, nas áreas de fronteira com a Colômbia, como mostra o mapa a seguir elaborado por Queixalós &

Lescure (2000) num trabalho que tenta demonstrar a situação linguística das línguas Amazônicas nesse início de século espalhadas por todo o Brasil (no caso, aqui, fizemos um recorte sobre o Estado do Amazonas):

Figura 1.1. Localização dos grupos Baniwa do Içana e Kuripako no Brasil



A fronteira linguística oriental é bastante flutuante, como bem aponta Fabre (2005), devido à presença de diversos dialetos Aruak espalhados (alto Orinoco, Atabapo, canal Casiquiare e rio Negro), alguns dos quais também são chamados de Baniwa, na região de Maroa e rio Atabapo.

1.4. O HISTÓRICO DOS POVOS BANIWA E KURIPAKO

A história desses povos é marcada pela tentativa de fuga da escravidão e do domínio do homem não indígena, o que os fez deslocarem-se por diversos pontos na região amazônica. Sabe-se que, a partir de 1730, os povos Aruak foram obrigados a sair das regiões em que viviam habitualmente para buscarem regiões mais afastadas,

preferencialmente cabeceiras de igarapés (riachos). Esse deslocamento ocasionou a dispersão por regiões além das suas áreas de origem, como no caso de alguns Baniwa que viviam no Brasil e emigraram para a Venezuela.

Esse isolamento favoreceu que os dois povos, Baniwa e Kuripako, mantivessem, por algum tempo, sua língua e cultura preservadas, longe do contato com os não indígenas ou com outros grupos indígenas. Conforme aponta Ramirez (2001), os povos Baniwa que habitavam a região meridional do Rio Içana, migraram para uma região venezuelana, onde atualmente fica o povoado de Victorino (sul da Venezuela), e preservaram o que seria uma forma mais antiga do Baniwa, permanecendo, então, esse grupo isolado nessa região até hoje.

Segundo Ramirez (2001), haveria uma diferença linguística a nível lexical de 7% entre o dialeto falado pelos Baniwa do Içana meridional, que migraram para Victorino e hoje vivem ali, e o dialeto falado pelos Baniwa que habitam a região do Içana central. Por outro lado, haveria uma diferença de 11% entre o dialeto falado pelos falantes do “dialeto meridional” e o dialeto falado pelos povos que habitam a região setentrional do Rio Içana, o dos chamados Kuripako. E, por último haveria uma diferença de 7% entre os falares do grupo que habita a região setentrional (Kuripako) e central (Baniwa). Essa comparação é baseada em itens lexicais que compõem a lista de Swadesh.

Para entender os movimentos desses povos, é interessante atentar para os motivos e a maneira como ocorreram as suas dispersões geográficas. Ramirez (2001), sobre o que ocorreu no século XVIII, conta que, motivadas pela fuga da escravidão, populações Baniwa e Kuripako migraram para as áreas altas do rio Içana. Ainda assim, muitos foram perseguidos e escravizados pelos espanhóis e portugueses. Boa parte da

população morreu devido a epidemias como sarampo e varíola, por causa do contato com os brancos. A relação com os comerciantes brancos, aliados dos militares dos fortes portugueses de São Gabriel da Cachoeira e de Marabitanas foi algo problemático para eles também. Em meados do século XIX, houve grandes movimentos contra a opressão dos brancos, mas a partir de 1870, com o advento do período áureo da borracha, começaram a ser explorados por patrões extrativistas dos seringais da região do baixo Rio Negro também.

No início do século XX, a região do Rio Negro e afluentes assistiu à chegada dos missionários católicos salesianos e à implantação de suas escolas. O contato com os missionários católicos deixou uma marca na cultura dos Baniwa do Içana, o uso do Nheengatu. Alguns Baniwa falam Nheengatu porque era a língua disseminada por muitos missionários católicos, como aponta Cruz (2011), prova disso é a dupla nomenclatura dos clãs em Nheengatu e em Baniwa do Içana.

No final da década de 40, chegaram os evangélicos também e, com eles, Sophie Muller, uma missionária evangélica norte-americana vinculada à *Missão Novas Tribos*⁴ que foi responsável por desenvolver o sistema ortográfico Kuripako usado no lado colombiano. Ela iniciou sua evangelização entre os Kuripako na Colômbia e chegou até alguns Baniwa do alto Içana. Com a conversão de indígenas Baniwa e Kuripako ao cristianismo, começou a haver certa divisão entre os indígenas católicos e evangélicos, já que missionários católicos já haviam começado o processo de evangelização com os Baniwa e Kuripako na região antes dos evangélicos. Atualmente, quase todos os indígenas Baniwa ou Kuripako são cristãos, sendo a maioria de orientação evangélica.

⁴ A Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB), também conhecida pela denominação original, "New Tribes", é um empreendimento missionário evangélico norte-americano.

Sophie Muller traduziu o Novo Testamento para o Kuripako e escreveu alguns livros religiosos usando o sistema ortográfico que ela criara. Muitos indígenas Kuripako usam esse sistema ortográfico, entretanto há indígenas Kuripako, principalmente os educados na escola Baniwa Pamáali, que usam o alfabeto inspirado na análise de Ramirez. Isso mostra que há uma divisão quanto ao uso ou aplicação do sistema ortográfico entre os Kuripako, já que uns usam e leem o elaborado por Sophie Muller, enquanto que outros usam o sistema ensinado na escola Baniwa Pamáali, uma escola independente das igrejas e com financiamentos internacionais.

Retornando à questão das migrações, percebemos que elas resultaram numa nova disposição geográfica desses povos e, por conseguinte, certa alteração nos falares dos diversos clãs que passaram a ter uma maior proximidade uns com os outros, o que gerou uma mistura nos falares. Mais recentemente, no século passado, a influência dos missionários submeteu os dois povos a um contato com a língua portuguesa. Por sua vez, o mesmo aconteceu com indígenas que se deslocaram para a sede do município de São Gabriel da Cachoeira. Essa exposição à língua portuguesa também tem provocado certa diminuição no uso da língua nativa, mas, sobretudo, incorporação de itens lexicais do português na língua indígena. Antigamente, havia uma readequação fonológica desses itens no processo de inserção vocabular, mas hoje em dia, as novas palavras que estão entrando na língua parecem ser usadas com uma “fonologia do português”, dado o elevado grau de bilinguismo dos falantes hoje em dia.

Assim, processo de mudança linguística da língua é reflexo da história de dispersão desses povos para as cabeceiras dos rios e regiões de acesso mais difícil, Essa é a razão que motivou que esses clãs se misturassem ou se separassem de tal forma que grupos diferentes passaram a viver em conjunto, mesclando os falares. O

falar dos que se afastaram tornou-se cada vez mais diferentes do dos outros. Esse processo histórico tem um forte impacto nas transformações dialetais dentro desse ramo Aruak, o que o torna um grupo de grande complexidade classificatória, justamente devido a esse processo de mescla e separação, e não só a isso, mas também à escassez de bons dados comparativos disponíveis entre todos os clãs para mostrar qual é a real situação do grupo, como bem aponta Granadillo (2006), que também destaca a indisponibilidade dos dados por parte dos autores que realizaram as classificações anteriores.

1.5. OS ESTUDOS EM BANIWA E KURIPAKO

No início da segunda metade do século XX, começam a aparecer classificações linguísticas com divisões dialetais baseadas na terminologia *sim/não*, do mesmo modo como se costumavam dividir os dialetos na região da Gália entre *langue d'oc* e *langue d'oïl*, em que tanto *oc* quanto *oïl* são termos para *sim*, nos respectivos dialetos gauleses. A partir de então, começa a ficar extremamente difícil entender as classificações das línguas e dialetos Aruak. As terminologias e as relações “hierárquicas” entre elas seguem critérios bem diversos, além de serem bem pouco claras essas classificações. Entretanto, em Nimuendajú (1955), obra póstuma, há uma divisão dialetal, que organiza as fratrias e as variações, baseada em três grupos dialetais, como também o faz Ramirez (2001).

Os primeiros estudos para uma descrição do Baniwa-Kuripako datam de meados do século XIX e início do século XX, com listas de vocábulos como as de Martius (1863), Koch-Grünberg (1906, 1909, 1911, 1922) e Nimuendajú (1932). Ao longo do século XX, trabalhos sobre Baniwa foram realizados, sendo eles o de Scheibe (1957) com uma das primeiras descrições fonológicas; de Hill (1988) com um estudo

sobre a classificação nominal e sua relação com os classificadores numerais e adjetivais no dialeto conhecido como *Kurikarro*; de Taylor (1991) com sua gramática e léxico do Baniwa do Içana; de Valadares (1993) com uma descrição fonológica do Kuripako; de Franca (1993) com um estudo fonológico não linear sobre Baniwa-Siusi; de Teles (1995) com uma pesquisa fonética sobre a proeminência acentual em Baniwa-Hohodene. Mais recentemente, já no início deste século, há publicações de Ramirez (2001) com uma gramática e um dicionário do Baniwa-Kuripako, de Granadillo (2006) com dois capítulos de sua tese discorrendo sobre características linguísticas do Kuripako e seus falantes, e de Melgueiro (2009), um baniwa que desenvolveu um estudo sobre classificadores nominais e escopo em Baniwa. As classificações mais clássicas para divisão dialetal são as seguintes:

Wright (1983) divide em cinco os dialetos, classificando como mutuamente inteligíveis, sendo conhecido pelos povos que os falam como *wakuenai*: (1) Curripaco (Journet 1995: kurrim/aha), (2) Curicarro, (3) Onhon, (4) Enhen (Journet 1995: Keñim/Enhen) y (5) Niame (Journet 1995: Ñame/Uhu).

González-Ñañez (1985) propõe também uma divisão baseada em termos *sim/não*. Em sua divisão, ela faz a seguinte classificação: (1) Êje-kjênim, (2) ãja-Kûrri, (3) Ôjo-Kârro, (4) Ôjo-Ñâme, (5) KurriKarru.

Hill (1983) é outro autor que chega a propor uma classificação para as variantes do grupo em questão, considera que cada variação corresponde a uma fratria. Assim, sua classificação dialetal resulta em cinco: (1) Curripaco, (2) Curricarro, (3) Ôh-hon, (4) Êh-hen, (5) Ñame.

Journet (1995), seguindo seus informantes indígenas, que utilizam para

referirem-se às três variedades principais de *sim/não*: (1) Kurrim-aha (Guania); (2) Ñame (Alto Içana), (3) Karrum (médio e baixo Içana) (4) Kenim-ehen, (baixo Içana e Alto Rio Negro no Brasil e Maroa e Victorino na Venezuela). Do termo *Karru*, originou-se o etnônimo *Karutana*, inserido na bibliografia por Koch-Grünberg (1911) que incluiria o clã Hohodene e seria, portanto, Baniwa.

Vimos como a questão do uso dos marcadores de afirmação e negação eram bastante influentes nas classificações, o que reflete até hoje na forma de se classificar os dialetos, sobretudo na Venezuela e na Colômbia. Usam-se ainda classificações como *Karro*, *Ojo*, *Kurrikarro*. Entretanto, no final da década de 90, outros pesquisadores começaram a ver problemas nesta forma de classificação e apresentaram, então, propostas alternativas para a classificação destas variantes. As principais propostas mais recentes são as seguintes: (1) Journet (1995), que separa os dialetos geograficamente em 4 áreas geográficas, aposta no peso das regiões como influenciadores do falar; (2) Aikhenvald (1999), que se refere a todos os dialetos com o nome “Kurripako-Baniwa”, acreditando numa só língua sem separar Baniwa e Kuripako; (3) Ramirez (2001), que separa os 3 grupos em 3 super dialetos, sendo eles (a) Setentrional (Kuripako), (b) Central (Baniwa do Içana) e (c) Meridional; (4) Fabre (2005), que apresenta os dialetos num grupo chamado *Karru*, em que os dialetos do Baniwa do Içana são os seguintes: (a) *Karru* ou *Carutana* (Venezuela e baixo e medio Içana no Brasil), (b) *Corripaco* (Alto Içana), (c) *Enhen* ou *Unhun* ou *Cadaupuritana* (Médio Içana e boca do Aiari) e (d) *Cuyarí* (Rio Guainia na Colombia); e (5) Granadillo (2006), prefere usar um critério para distinguir dialetos com base nos léxicos indígenas para dizer "sim" e "não", contudo ela própria alerta que esta pode não a melhor forma de classificar os dialetos. De nossa parte, não consideramos esse um critério científico.

Para este trabalho, pretendemos assumir a posição de Ramirez (2001) por parecer-nos um pouco mais consistente. Dessa forma, tomamos como ponto de partida uma separação que leva em conta critérios não somente linguísticos, mas também étnicos e geográficos.

Todavia, não usaremos o termo *super dialeto*, como o faz Ramirez, mas chamaremos de dialeto Baniwa do Içana (chamado por Ramirez também de Central) e Kuripako (chamado por Ramirez também de Setentrional). Não trataremos, nesta dissertação, do dialeto que Ramirez chama de *super dialeto meridional*, uma vez que não dispomos de dados que possam servir de base comparativa entre este e aqueles primeiros, e, por conseguinte, não usaremos um termo claro para nos referirmos a ele.

Apresentaremos agora algumas das mais recentes descrições da Fonologia das variantes em questão publicadas até hoje, a saber Taylor (1991), Valadares (1993), Ramirez (2001) e Granadillo (2006).

Taylor (1991) apresenta um trabalho inicial sobre a língua Baniwa do Içana e apresenta um esboço fonológico, uma proposta ortográfica, a morfologia e traz também alguns textos de narrativas do povo. Ele assume a posição que encara o Kuripako como uma variedade do Baniwa, apoiando-se em "etnógrafos contemporâneos", cujos nomes não cita, o que coincide com a divisão que tradicionalmente fazem os povos da região do Alto Rio Negro (tanto indígenas quanto não indígenas) que chamam de Baniwa os indígenas que habitam as regiões do Médio e Baixo Rio Içana e os do Alto Içana pelo nome de Kuripako.

Quanto à fonologia da língua, o autor faz uma descrição breve de alguns aspectos do Baniwa do Içana. O próprio Taylor afirma no seu trabalho não pretender

fazer uma descrição fonológica detalhada do Baniwa, mas sim estabelecer um inventário dos fonemas da língua, bem como apresentar uma proposta ortográfica. Nesse trabalho, o autor salienta a necessidade de um estudo mais aprofundado da fonologia da língua e da relação entre Baniwa e Kuripako, já que apresenta suas críticas em relação à proposta ortográfica até então difundida por missões evangélicas na Colômbia e Brasil. Ele apresenta assim a sílaba, o acento, as vogais, as consoantes e os processos de nasalização e *sandhi*.

Taylor (1991) propõe um quadro de fonemas, mas não especifica nele traços (nem fonéticos, nem fonológicos). Para essa representação, ele usa os próprios símbolos gráficos que usa na sua proposta ortográfica para a língua. Dessa forma, ele não representa as palavras usando símbolos fonológicos, mas sim ortográficos. Todas as representações a seguir encontram-se exatamente como o autor apresentou em seu trabalho para que se possa ver a maneira como está apresentada a representação fonêmica em cada trabalho. Assim seu quadro vocálico é o seguinte:

Vogais breves:

i

e

a

u [u/o]

ii

ee

aa

Vogais longas:

uu [uu/oo]

O autor defende o valor fonológico da duração e chega a apresentar alguns pares mínimos de palavras em que a duração altera o sentido das palavras.

Para as consoantes, Taylor (1991) apresenta o seguinte:

Consoantes

p	ph	t	th	tt		k	kh
b		d					
m	hm	n	hn		ñ	hñ	
			ts				h
		dz					
		r	hr		rr	hrr	
w	hw				(y)		

Taylor não apresenta, no seu quadro de fonemas como pudemos ver, traços fonológicos nem apresenta modos e pontos de articulação, entretanto ele caracteriza, foneticamente, cada fonema separadamente da seguinte maneira:

p oclusiva bilabial surda

ph p aspirada

t oclusiva dental oral surda

th t aspirada

tt oclusiva alveolar oral surda

k oclusiva velar oral surda

kh k aspirada

b oclusiva bilabial oral sonora

d oclusiva dental oral sonora

m soante bilabial nasal

hm m pré-aspirada

n soante dental nasal

hn n pré-aspirada

ñ soante palatal nasal

hñ ñ pré-nasalisada

ts africada dental oral surda aspirada

h fricativa glotal oral surda

dz africada dental (palatal no Kuripako) oral sonora

r soante vibrante alveolar lateral oral

hr r pré-aspirada

rr soante vibrante palatal oral

hrr rr pré-aspirada

w soante semi-vocálica bilabial oral

hw w pré-aspirada

i [y] soante semivocálica palatal oral

Taylor (1991) propõe diversos padrões de sílaba. Entre as sílabas, ele propõe a estrutura **CvVv** como uma das possíveis sílabas não iniciais, e assinala que **CvVv** poderia estar também no começo de palavra. Taylor identifica, no padrão silábico,

como máximas expansões de sílaba, os tipos CV(N), para sílaba fechada, e CvVv, para sílabas em casos em que aparecem “tritongos”.

A dissertação de mestrado de Valadares (1993) é um trabalho de caráter pioneiro no Brasil direcionado para a língua Kuripako. Seu trabalho basicamente trata de uma análise fonológica da língua em questão. Nessa dissertação, a autora propõe-se a descrever aspectos fonológicos da língua Kuripako com base em dois grupos clãs ditos *Kuripako*, os *Kumandáminanai* e *Ayáneni*. Dentre os aspectos abordados estão o sistema fonêmico, a estrutura silábica, os processos fonológicos, o padrão acentual e uma fonologia dita de empréstimo da língua portuguesa. Nesse trabalho, a autora inicia contextualizando historicamente a língua Kuripako e a família Aruak e faz uma descrição sobre a situação linguística do grupo. A autora utiliza para fundamentar teoricamente seu trabalho a Fonologia Lexical em Mohanan (1986); Mohanan & Mohanan (1984), a Geometria de Traços em Clements (1985:1991a, 6) e a Teoria Métrica em Hayes (1982; 1991). No trabalho, há uma descrição fonética preliminar em que se faz uma apresentação das vogais, das consoantes, da sílaba e do acento. Sua análise fonológica debruça-se sobre os processos fonológicos, dedicando-se aos processos ligados à vogal e assimilação vocálica. Além disso, também se dedica brevemente a fazer uma descrição do sistema acentual do padrão silábico do Kuripako. Seu último capítulo é uma descrição gramatical a nível morfológico, em que apresenta a morfologia verbal, a morfologia nominal, a classe dos pronomes e dos adjetivos.

Nesse trabalho a autora, reconhece o Kuripako como sendo uma das variações do Baniwa do Içana. De acordo com sua análise, ela considera as informações descritas por Taylor (1991) de que uma separação entre o Kuripako e o Baniwa do Içana é pertinente, considerando as diferenças fonéticas e lexicais. Esta separação é a

nível dialetal ou de variantes da mesma língua, não necessariamente duas línguas distintas. Com esse estudo, a autora também ressalta a importância da implantação duma determinada ortografia que possa representar as distintas variantes, porque, de acordo ela, a ortografia vigente parece privilegiar o dialeto dos *Walipéri-dákenei* um clã Baniwa do Içana.

Valadares (1993) apresenta uma proposta de quadro fonológico para as vogais e para as consoantes do Kuripako, as quais ela chama de “elementos subjacentes”, dado o modelo teórico por ela adotado. Seu quadro baseia-se em valores binários de traços.

Consoantes	p	t̚	t	d	k	h	tʃ	m	n	ɲ	ɹ	ɻ	j	w
Soante	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+
Sonoro				+										
Nasal								+	+	+				
contínuo							+							
lateral												+		
labial	+							+						
coronal		+	+	+					+					+
anterior		+												
dorsal					+		+			+		+		+
Glote dilatada						+								

Vogais:

	i	e	u	a
coronal	+	+		
dorsal			+	+
aberto	-	+	-	+

No quadro consonantal, é importante ressaltar, em relação aos traços do segmento /tʃ/, que ele está marcado como [+ contínuo] quando não o é, sendo na realidade [- contínuo] por se tratar de uma africada e não uma fricativa.

Sobre a sílaba, a autora propõe que o Kuripako está estruturado com o padrão silábico (C)V. Com essa estrutura, ela postula que há impossibilidade em nível subjacente de codas silábicas, que há sequências de no máximo duas posições para V heterossilábicas em nível superficial (ditongos são classificados por ela como VV, em que cada V é núcleo de uma sílaba independente).

Valadares trata, ainda, de alguns processos fonológicos recorrentes em Kuripako, sendo eles: assimilação vocálica, aspiração e ensurdecimento vocálico, ditongação, alongamento e coalescência. A autora afirma adotar a proposta presente na fonologia lexical de Mohanan (1986, 1984), a Teoria Métrica de Hayes (1982; 1991) e a A Geometria de Traços em Clements (1985:1991). Os aspectos morfológicos foram apresentados de maneira resumida para fazer entender o aspecto acentual.

A autora afirma que a observação de empréstimos da língua portuguesa reforçou algumas hipóteses, todas em função das estratégias fonológicas que refletem o sistema da língua, sendo eles a não distinção no grau de abertura nas vogais dorsais e coronais além das duas alturas fonológicas, tratadas como [+ aberto] e [- aberto], a culminância acentual paroxítona e a estrutura silábica.

No trabalho de Valadares, ressalta-se a necessidade de estender a análise do acento a um nível de locução e de frase, isto é, não analisar o acento somente da palavra, mas contextualmente inserido numa frase, para tentar saber se todos os processos fonológicos ultrapassam o domínio pós-lexical, se ocorrem em fronteiras de

palavras, se sofrem efeito de posição na frase ou se há um acento proeminente dentre outros.

Outra descrição mais contemporânea é a que se encontra no trabalho apresentado por Ramirez (2001). Esta descrição consiste no que é, até então, talvez uma descrição mais completa em Fonologia e Morfosintaxe para o Baniwa do Içana e Kuripako. Em seu trabalho, dedicado a apresentar uma descrição para várias línguas Aruak, o autor apresenta os fonemas da língua, alguns processos fonológicos observados por ele e algumas comparações com outras línguas tais como Tariano, Piapoco e Warekena.

Seu quadro fonológico é o seguinte:

Vogais:

	iniciais	centrais	finais
Altas	i		u
Médias	e		
Baixas		a	

Consoantes:

	bilabial	dental	alveolar	pós-alveolar	retroflexo	palatal	velar/glotal
oclusivas surdas	p	t̪	t				k
oclusivas sonoras	(b)	d					
constritivas							h
africadas surdas				ts			
africadas sonoras				dz			
nasais	m	n				ɲ	
flapes laterais			ɭ				
aproximantes	w				ɻ	(j)	

O quadro de Ramirez representa os fonemas da língua classificados de acordo com modo e ponto de articulação fonéticos. Após apresentar o quadro, Ramirez (2001) apresenta as diferenças entre três variantes, classificadas por ele como dialeto, ou *super dialetos* como ele prefere referir-se para agrupar dialetos menores, provavelmente relacionados aos clãs. Assim, esses *super diatos* são classificados por termos geográficos: central (Baniwa do Içana), meridional (Baniwa venezuelano) e setentrional (Kuripako).

O padrão silábico da língua Baniwa proposto por Ramirez (2001) é apresentado como (C)V para o que ele considera o nível subjacente, sendo que, no que ele chama de nível intermediário, seria (C)(h)V. Para essas representações, ele considera C as consoantes; /h/, uma fricativa glotal, de acordo com seu quadro; e V, as vogais. Além do padrão silábico, o autor também se dedica a tratar do acento, processos fonológicos, pares mínimos e uma comparação com o Warekena, Tariano e Piapoco, outras línguas Aruak. Além da fonologia, ele apresenta um pouco de morfossintaxe na segunda parte do seu capítulo dedicado ao Baniwa do Içana.

Na visão de Ramirez, tanto Baniwa do Içana como Kuripako são considerados dois *super dialetos*. Assim, para ele, ambos são a mesma língua. No seu trabalho, Ramirez apresenta algumas variações entre os dialetos baseando-se em dados coletados na lista de Swadesh para suas comparações estatísticas das variações dialetais.

Granadillo (2006) apresenta um trabalho sobre o Kuripako, no qual apresenta a variante falada na Venezuela na região de Puerto Ayacucho. Nesse trabalho, ela apresenta as várias nomações que são utilizadas por vários pesquisadores ao longo dos anos e apresenta os critérios usados por cada uma. Ela faz uma interessante

documentação linguística etnográfica e, ao que tudo indica, considera o que é conhecido como Baniwa e Kuripako duas variantes, entretanto se ocupa na descrição do Kuripako. Ela opta pelo critério *sim/não* para referir-se às variantes, ainda que ela reconheça que esta não é a melhor classificação.

Em sua tese, Granadillo (2006) apresenta sua proposta de quadro consonantal para as vogais e consoantes. Os termos usados, para as representações abstratas, por ela, são tanto *fônema*, quanto *segmento*. Ela não explicita qual a perspectiva teórica do seu trabalho, contudo a análise é pautada no modelo fonêmico norte-americano e a distinção dos níveis fonético e fonológico na análise é pequena. Granadillo usa os próprios símbolos gráficos da sua proposta ortográfica. Assim sendo, todas as representações de palavras e frases são apresentadas com símbolos ortográficos e não fonéticos ou fonológicos, que aparecem apenas nos quadros propostos por ela para vogais e consoantes. Vejamos a seguir:

Consoantes

	Bilabial	Dental	Retroflex	Palatal	Velar	Glottal
Stops	p b	t d			k (g)	
Aspirated Stops	p ^h	t ^h			k ^h	
Nasals	m	n				
Preaspirated Nasals	^h m	^h n				
Fricatives	β Φ	ʃ	ʂ			h
Affricates		ts dz				
Tap		p				
Preaspirated Tap		^h p				
Trill			ɽ			
Approximants	w			j		

Vogais

	Front	Non-front
High	i	u
Non-high	e	a

Na seção de Fonologia, há um quadro, para vogais, adequadamente construído com traços fonológicos, em que os fonemas aparecem organizados de forma opositiva. Já para as consoantes, o quadro fonológico está construído com as clássicas características fonéticas (IPA) organizados dentro de um quadro fonético.

Ainda sobre a organização do quadro fonológico de Granadillo (2006), aparece como fonema o segmento /β/, que é, na realidade, apenas uma das realizações fonéticas de /w/. Ela caracteriza como fonemas próprios todas as ocorrências aspiradas e ensurdecidas, distinguindo-os fonologicamente dos não aspirados/ensurdecidos. Contudo, há a ausência dos fonemas /ɲ/ e /^hɲ/ no seu quadro.

Ela apresenta também, na sua seção de Fonologia, uma lista de ditongos, em que elenca oito possíveis ditongos de acordo com as ocorrências por ela atestadas.

São elas:

/iu/, /ie/, /ia/, /ui/, /ue/, /ua/, /au/, /ai/

De acordo com sua análise, todos esses ditongos são compostos por duas vogais fonológicas, uma como núcleo e a outra não. Quanto ao padrão silábico do Kuripako, a autora apresenta-o como sendo (C1)V{(V)(C2)}. Para ela, a consoante C2 só pode ser uma nasal.

1.6. A DELIMITAÇÃO DIALETOLÓGICA

Tendo em conta que faremos uma comparação entre dois objetos e que há classificações que consideram Baniwa do Içana e Kuripako línguas distintas, como por exemplo, a classificação que apresenta Rodrigues (2006), apresentaremos nossa descrição fonológica para cada variante separadamente com o objetivo de demonstrar o grau e de similaridade entre os dois objetos e demonstrar que parece ser desnecessária uma classificação de duas línguas distintas. Assim, esperamos evidenciar que as variantes aqui em questão não apresentam dois sistemas fonológicos distintos, mas apenas um. Queremos demonstrar, com isso, a enorme similaridade entre os dois e a aparente evidência contrária a essa separação dos dois sistemas.

Para essa definição de *língua* e *dialeto*, tomamos como base de referência os conceitos de Chambers & Trudgill (1980), em que se considera que cada falante é falante de, ao menos, um dialeto e que cada dialeto deve ser considerado dialeto de uma língua, sendo eles, portanto, considerados subdivisões de uma língua particular. Seguindo Chambers & Trudgill (1980), há uma grande quantidade de línguas consideradas diferentes que são inteligíveis entre si, ao passo que há outra grande quantidade de dialetos de uma mesma língua que não são inteligíveis, ou não há uma relação simétrica de compreensão entre os falantes dos diferentes dialetos ou línguas. Com bases nesses autores, consideraremos três diferentes níveis no decorrer do trabalho: (1) *variedade*, (2) *dialeto* e (3) *sotaque*.

Uma vez que “língua” é um termo bastante amplo, Chambers & Trudgill (1980) usam o termo *variedade* para serem mais específicos. *Variedade* é, portanto, um termo que especifica um tipo particular de língua considerada como uma unidade única, a saber, o que se entende por língua Xa, Xb, Xaa, Xab, Ya, Yb, quando se usa o

termo língua, mas com um detalhamento e especificação maior, usado para um caso específico como o desse trabalho, do tipo: inglês britânico, inglês americano, inglês britânico londrino, inglês americano texano. Esse detalhamento pode ser (1) geográfico, (2) social, (3) histórico, (4) étnico, (5) político, enfim. Além da noção de variedade, ainda é preciso entender duas outras, como acima mencionado. Por *sotaque* entende-se que seja a forma fonética ou fonologicamente diferente de uma variedade, sendo então a maneira como o falante pronuncia. Por último, por *dialeto* entende-se que seja a variedade que é gramatical ou fonologicamente diferente de outras variedades.

Tratando-se da problemática da dialetologia, Chambers & Trudgill (1980) ainda definem os contínuos que influenciam na questão dialetológica: (1) contínuo geográfico de dialeto, que é a área de abrangência de um dialeto; (2) contínuo social de dialeto, que é a mudança de variedade de acordo com o nível/classe social (3) autonomia e heteronomia, que é um conceito mais politicamente motivado que linguístico, e tem a ver com as dependências de dialetos vernáculos à língua *standard* às quais todas as variedades se assujeitam e são reconhecidas pelos falantes como sendo todas pertencentes à mesma matriz.

É relevante relacionar o surgimento de *variantes* (no sentido acima discutido), com o desenvolvimento da *variação* linguística em uma língua. Como sabemos, desde Labov, não há mudança linguística sem variação. Sobre a mudança linguística, Labov (2008) salienta três questões importantes. A primeira delas é relacionada ao lugar da variação social que, para ele, juntamente com a variação estilística, pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, ou seja, ele lhes atribui valor equivalente quanto à verdade ou referente, mas valor diferente quanto à significação

social. A segunda das questões levantadas, por ele, é relacionada ao nível de abstração, onde a mudança linguística em regras de nível mais alto é um mero reajuste interno, ainda que os fatores sociais alterem a fonética e o vocabulário de uma língua, e, possivelmente também, os formativos superficiais (em modelos gerativos), pois ele acredita que a maioria das regras gramaticais estão muito distantes da percepção consciente das pessoas. A terceira questão refere-se à função da diversidade, em que o autor dedica-se a discutir o paralelismo entre evolução biológica e linguística, buscando argumentos contrários à assunção de que língua e seres evoluem da mesma forma e para os mesmos fins e buscando uma ideia que as mudanças ocorrem por motivos distintos.

Quanto ao encaixamento da mudança linguística em seu contexto social, Labov (2008) defende que cinco problemas estão relacionados à explicação da mudança linguística. Assim, para ele, (1) os condicionamentos universais sobre a mudança linguística são independentes de qualquer comunidade particular; (2) a transição entre dois estágios quaisquer da mudança linguística; (3) o encaixamento tem dois aspectos diferentes, em que, por um lado, a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças linguísticas e, por outro lado, é encaixada também num complexo social, correlacionada com mudanças sociais; (4) a avaliação da variação é complexa no sentido de saber como mostrar tanto a forma com que os membros da comunidade de fala reagem à mudança em andamento, quanto descobrir qual informação expressiva as variantes veiculam. Labov conecta o comportamento linguístico com a medição do *status* atribuído (filiação étnica e religiosa, casta, sexo, família) e do *status* adquirido (educação, renda, profissão). Com isso, o autor deixa entender que mudanças na língua podem estar correlacionadas com mudanças na posição dos subgrupos com os quais o falante se identifica e isso se daria antes da mudança

estilística. Dessa forma os principais fatores de variação linguística seriam, de acordo com Labov, a classe socioeconômica, o grupo, étnico e a casta, a identidade local, a transformação de dialetos regionais em dialetos de classes urbanas, o papel das mulheres (as mulheres usariam, segundo o autor, mais as formas inovadoras que os homens), reestruturação de padrões iniciais sob influência do grupo de pares.

Quanto aos eventos linguísticos ou sociais que disparam uma mudança linguística, Labov aponta o pouco a ser dito. Entretanto, o autor acredita na tese de que as explicações para o curso irregular da mudança linguística devem ser procuradas na composição social flutuante da comunidade de fala.

Sobre o lugar da variação social na história de vida de uma mudança linguística, Labov (2008) explica que a mudança aparece primeiramente como um traço característico de um subgrupo específico, sem atrair a atenção particular de ninguém. Progressivamente o traço vai se expandindo num movimento de onda afetando os grupos mais próximos. Nesse momento, o traço linguístico pode ser um indicador de idade e de distância social em relação ao grupo de origem. À medida que a mudança original vai avançando e englobando novos grupos de falantes, ela adquire mais complexidade, escopo e extensão, bem como valor. Mas um fator interessante explicado por Labov é o de que a classe dominante parece funcionar como uma espécie de regulador ou controlador dessa mudança. Assim, se o estereótipo resultante for “aprovado” pelo grupo dominante, então as chances são muito elevadas de ele prevalecer.

Neste trabalho, partimos da hipótese de serem o Baniwa do Içana e o Kuripako duas variantes da mesma língua e não duas línguas diferentes. Esse estudo é pautado somente no componente fonológico da análise linguística. Uma análise linguística mais

exaustiva para uma definição desse porte deveria envolver não somente o componente fonético-fonológico, mas também o sintático e lexical. Entretanto, por motivos de limitação, não poderemos abordar, aqui, os outros níveis de análise linguística. Ainda assim, por questão de delimitação e posicionamento sobre o tema, consideraremos os dois objetos de estudo dessa pesquisa dois dialetos da mesma língua, que são, por sua vez, falados por dois povos diferentes. Assim, assumiremos, inicialmente, uma posição que vê cada dialeto como fonte dum sistema fonológico próprio, para, com isso, evidenciarmos porque não parece ser essa uma boa caracterização. Assim, esperamos poder contribuir para uma melhor classificação dialetal futura, pelo menos do ponto de vista linguístico, dessa condição da divisão entre língua e dialeto.

Enfim, apesar disso, reafirmamos que, para uma análise mais completa de Baniwa do Içana e Kuripako como duas variantes distintas em absoluto, são necessários não somente critérios linguísticos (fonético-fonológicos, morfo-sintáticos e lexicais), mas também critérios étnicos, geográficos e políticos. Contudo, a escolha do componente fonético-fonológico como base de comparação está relacionada aos padrões e níveis da variação apresentados por Chambers & Trudgill (1980) que apresenta como um dos níveis da variação o sotaque, estritamente ligado a questões fonético-fonológicas. Acreditamos que a variação torna-se mais marcada e evidente no nível fonético-fonológico e, depois, nos demais níveis linguísticos. Além disso, a limitação desta pesquisa como dissertação de mestrado não favorece uma análise mais extensa, sendo então necessário optar por aquele nível de análise que mais possa evidenciar as diferenças.

No que diz respeito às classificações, usaremos a noção de variantes para nos referirmos ao Baniwa e ao Kuripako, já que encaramos ambos como duas variantes da

mesma língua, faladas por povos diferentes. Assumiremos, assim, para nos referirmos ao nome da variante, o nome do povo e do clã para especificarmos melhor a variante, levando em conta declarações dos próprios indígenas de que há variações linguísticas entre os clãs no que diz respeito ao léxico e a fonética. Dessa forma faremos referência à variante valendo-nos do nome do clã da mãe, considerando a fala da mãe como sendo mais influente na língua do falante, como, por exemplo, a variante *Baniwa Hohodene* (Hohodene é o clã da mãe do falante baniwa que nos forneceu os dados linguísticos para essa pesquisa), mas usaremos *Kuripako Kapitti Minanai* (que é a variante do pai do falante Kuripako que colaborou com dados linguísticos para a pesquisa, pois ele foi muito cedo órfão de mãe).

Esta proposta é baseada na forma dos povos, aqui em questão, se auto reconhecerem diante dos não Baniwa ou Kuripako, isto é, na maneira de se reconhecer ou como Baniwa ou Kuripako fora da própria comunidade. Essa é também uma reconstrução da terminologia usada por Ramirez (2001), com a diferença de que aqui, preferiremos o termo variante ao termo dialeto ou, ainda, "super dialeto", como prefere Ramirez. Essa denominação também usa termos geográficos para classificar os dialetos: Central, Meridional e Setentrional, considerando o lugar de origem do povo, valendo-se da influência do local no falar. Essa classificação relaciona os clãs a um "dialeto". Assim *Hohodene* é classificado como integrante do dialeto central (um Baniwa moderno), outro clã como *Dzawi Dakenai* como pertencente ao dialeto Meridional (um Baniwa tradicional) e *Kapiti Minanai*, *Ayáneni* e *Payualíene* e *Kumada Minanai* como sendo do dialeto Setentrional (dito Kuripako). Ainda assim, Ramirez (2001) reconhece que há clãs que falam um dialeto intermediário entre dois dos três mencionados acima.

Visto tudo isso, daremos então início às bases teóricas que subjazem nossa análise fonológica das seguintes variantes *Baniwa Hohodene* e *Kuripako Kapitti Minanai*.

2. AS PREMISSAS TEÓRICAS EM FONOLOGIA

2.1. INTRODUÇÃO

Apresentaremos aqui os pressupostos teóricos dessa pesquisa e um panorama tanto da Fonologia (teoria) quanto do trabalho em Fonologia (prática) para podermos situar teoricamente nosso trabalho. Espera-se, com isso, mostrar o que está subjacente à pesquisa fonológica, isto é, seus interesses e sua concepção em relação ao objeto de análise. Discutiremos, assim, a forma como se encara a noção de traço, fonema, sistema fonológico e o que subjaz aos três principais modelos que têm sido ponto de partida para o desenvolvimento da análise fonológica e de novos modelos teóricos.

2.2. A ANÁLISE FONOLÓGICA

Em Fonologia, toda análise e descrição do dado fonológico depende, basicamente, da teoria fonológica que subjaz ao trabalho do analista, por assim dizer, o fonólogo. Este, por sua vez, dependendo dos seus objetivos, escolhe a Teoria ou Modelo Fonológico que melhor lhe serve aos seus propósitos. Para tentar entender o que se faz em análise fonológica, segundo Hyman (1975), seria preciso entender uma divisão básica inicial em três diferentes visões acerca do *fonema*. Assim, de acordo com ele, quanto à natureza da análise fonológica, há um ponto em debate entre os fonólogos no que tange à natureza básica da Fonologia. Distinguem-se, então, em relação ao *fonema*, três pontos: (1) o dos linguistas que associam sons a fonemas com base na sua capacidade de *distribuição*; (2) o dos linguistas que associam sons com base nas suas funções dentro do *sistema de oposições*; e (3) o dos linguistas que veem no fonema uma *unidade psicológica como parte do componente linguístico*. Há de se mencionar também a existência de modelos, em Fonologia, sobretudo alguns mais

recentes, para os quais o fonema não é um primitivo, ou seja, não é a unidade sobre a qual se constrói a Fonologia da língua. Estes modelos são principalmente os pós-gerativos, dentre eles destacam-se modelos como Autossegmental, Otimalidade, Fonologia Lexical etc.

Alguns linguistas associam sons a fonemas na base das suas propriedades distribucionais. Este procedimento é inspirado no modelo de análise originado na América (Estados Unidos) entre as décadas de 40 e 50, em que se assume o fonema como uma realidade fonética, física e, portanto, considera-se que fones relacionados ao mesmo fonema compartilham propriedades fonéticas importantes. A base de análise é, portanto, encarar o *fonema* como uma realidade fonética, o que implica conceber conceitos como *distribuição complementar* e *variantes livres* a partir da similaridade fonética, e aplicar procedimentos de descoberta para estabelecer um inventário de fonemas da língua. Esta visão é amplamente conhecida como Fonêmica.

Os seguidores da Fonologia da Escola de Praga, por outro lado, associam sons a fonemas na base das suas funções dentro dum sistema de oposições. Nessa perspectiva, o fonema é apresentado como uma *realidade fonológica* (funcional), tomado em termos puramente linguísticos, funcionando para distinguir significados. Fica subjacente, nessa visão, que os traços governam as correlações opositivas, como a menor unidade fonológica, e sendo os grandes responsáveis pela organização do sistema opositivo (em padrões binários, na concepção de Jakobson). Na concepção da Escola de Praga, oposições podem ser neutralizáveis, em contextos bem definidos, o que permite tratar as chamadas ‘sobreposições fonêmicas’ de maneira consistente, de modo distinto das soluções contra-intuitivas do modelo fonêmico.

Uma terceira visão, numa perspectiva que busca a realidade psicológica como uma parte integrante das funções mentais superiores, aproxima-se muito da anterior ao assumir o caráter funcional distintivo das oposições binárias dos traços. Esse é o ponto de partida de vários modelos de análise fonológica que o sucederam, conhecido como Fonologia Gerativa Padrão. É um modelo de caráter inatista e mentalista que tem (1) o traço como unidade mínima, (2) representação dos segmentos constituída de um feixe de traços e (3) formalização dos processos fonológicos.

Com relação a critérios para se definir ou concluir quais sejam as formas subjacentes, ainda uma vez citaremos Hyman, que resume quatro critérios cruciais: (1) *Previsibilidade* para decidir, entre duas representações fonéticas, qual tomar por forma subjacente; (2) *Economia*, pela qual é preferível a análise fonológica que reconhece menos fonemas (em fonologia gerativa um conceito que se assemelha a essa noção é o de *simplicidade*); (3) *Padrão de congruência* em que uma proposta de descrição deve obedecer ao padrão global do sistema fonológico, ou seja, a solução de um problema fonológico deve estar em conformidade com o próprio modelo geral do sistema fonológico sem incoerências; (4) *Plausibilidade* : esse critério considera o que é mais “natural”, fonologicamente falando, ou que de alguma forma é mais plausível; sendo assim, regras fonológicas plausíveis são unidirecionais e assim pode-se tentar estabelecer um inventário de segmentos subjacentes de onde os segmentos de superfície possam ser derivados por meio de regras plausíveis. Ainda seguindo na discussão das diferentes formas de se encarar a Fonologia, há diferentes visões em relação aos *traços distintivos*. Essas visões foram teorizadas por Trubetzkoy (1939), Jakobson, Fant & Halle (1952), Jakobson & Halle (1956) e Chomsky & Halle (1968). Vejamos como elas se apresentaram:

Na primeira visão, isto é, a de Trubetzkoy, o foco são as “correlações opositivas” (que remetem a traços distintivos), e uma exaustiva classificação das oposições. Prioriza-se a questão da taxonomia compreensiva das propriedades fonéticas dos contrastes distintivos empregados nas línguas. Segundo este autor, as oposições classificam-se em três bases. A primeira diz respeito ao sistema inteiro de oposições, sendo essas oposições classificadas como bilaterais, multilaterais, proporcionais e isoladas. A segunda diz respeito à relação entre os membros em oposição, sendo essas oposições privativas, graduais e equipolentes. A terceira diz respeito à extensão das suas forças distintivas, sendo essas oposições classificadas como constantes e neutralizáveis. Trubetzkoy usa uma classificação para oposições de caráter generalista, ou seja, que pode ser usada para explicar qualquer tipo imaginável de oposição, ou seja, que não se restringe ao componente linguístico. Na teoria de traços trubetzkoyana há três tipos de oposições baseadas na natureza do contraste envolvido nos sistemas fonológicos. Essas oposições distintivas são classificadas com base em três ideias de relações: (1) das oposições distintivas com todo o sistema de oposições; (2) dos membros de oposição; e (3) do alcance distintivo dessas oposições. Assim, surge uma classificação em nove tipos de oposições diferentes: (1) *bilateral*, (2) *multilateral*, (3) *proporcional*, (4) *isolada*, (5) *privativa*, (6) *gradual*, (7) *equipolente*, (8) *constante* e (9) *neutralizável*.

Por sua vez, com a teoria de Jakobson sobre os traços distintivos, ganha relevo uma análise fonológica pautada numa perspectiva que considera que a operação distintiva dos traços é de base acústica. E, se Trubetzkoy avança algumas generalizações a partir de cerca de duas centenas de sistemas fonológicos que analisou, Jakobson se volta a estabelecer, de fato, apenas o que é universal. Os traços distintivos, dentro da teoria de Jakobson, operam numa base acústica, mas também

articulatória em correspondência com o modelo científico norte-americano. Jakobson assume a binariedade dos traços, em que um traço opera sempre numa correlação de dois valores, em que ele é designado ou não, ou seja, marcado ou não marcado. De modo ilustrativo isto poderia ser exemplificado pelo seguinte: [+X] ou [-X], [+Y] ou [-Y], em que a letra seria a marca e o sinal, a ausência ou presença da marca.

Juntamente com Halle, ainda sobre os traços distintivos, Jakobson salienta que, para esses traços, não há preocupação com todos os detalhes fonéticos do segmento fonológico, uma vez que esses traços não são fonéticos, mas sim fonológicos propriamente dito. Os traços ditos aqui são agrupados por Jakobson em três conjuntos: (1) a classe maior de traços ou traços de fonte fundamental, que são *consonantal/não consonantal, vocálico/ não vocálico*; (2) a classe dos traços distintivos de vogais, que são *compacto/difuso, grave/agudo, rebaixado/sustentado, tenso/frouxo, vozeado/não vozeado, contínuo/descontínuo, estridente/doce, nasal/oral*; (3) traços distintivos de consoantes, que são *vocalidade, nasalidade, saturação, gravidade, continuidade e sonorização*.

Como resumo dessa linha teórica, parece ser interessante notar que ela trouxe inovações em três pontos: (1) os traços carregam contraste fonológico em vez de descrever segmentos fonéticos, (2) todos os traços são de natureza binária e (3) os traços são definidos primariamente em termos acústicos.

Já numa terceira versão, a de Chomsky & Halle (1968), identificam-se, nessa perspectiva, todos os possíveis contrastes fonológicos das línguas por meio dos seus traços (como buscavam fazer, também Jakobson, Fant & Halle), mas, além disso, com o sistema de traços em Fonologia Gerativa Padrão também se descreve o conteúdo fonético dos segmentos derivados por regras fonológicas. Aqui parecem apresentar-se

alguns problemas com relação à classificação dos traços. Alguns traços de colocação primária são apresentados para vogais e consoantes, entretanto Chomsky & Halle mantiveram alguns e substituíram outros. Chomsky & Halle também definem as articulações secundárias e, com isso, também enriqueceram o elenco de traços a fim de permitir confirmações fonéticas mais finas. Traços adicionais foram acrescentados por Chomsky & Halle para distinguir cliques, implosivas, pré-nasalização, liberação de nasalidade, dentre outras. Com vistas a tentar compreender os mecanismos que guiam a chamada *Gramática Universal*, a pesquisa de linha gerativa tenta descrever os princípios universais que regulam os sistemas sonoros humanos, propondo um sistema revisado de traços distintivos, fazendo distinção entre as funções fonéticas e fonológicas.

No modelo fonológico de base gerativa, um conjunto de traços fonológicos, muitas vezes com forte apelo fonético, é utilizado na análise do padrão sonoro das línguas, embora nem todas as oposições fonéticas tenham relevância fonológica, como por exemplo, *vozeamento*, que em inglês não é o que distingue as obstruentes, entre si, diferentemente do que ocorre em português.

Vimos que o modelo iniciado/fundado por Chomsky & Halle assume a perspectiva da *realidade psicológica do fonema*, uma vez que esse modelo de Fonologia é de base inatista e mentalista. Sobre isso, Sapir (1925), demonstra que a psicologia dos processos fonéticos fica ininteligível, se não se levar em conta o que ele chamou de “estruturação geral” dos sons da fala. O autor demonstra que os sons que se usam numa língua formam um sistema fechado, que torna impossível identificar qualquer desses sons com outros, não linguísticos, produzidos pelos órgãos vocais, por maior que seja a semelhança articulatória e acústica entre uns e outros. O autor tenta

evidenciar a importância indevida que é dada a discriminações fonéticas minuciosas, bem como ao fato de que, muitas vezes, foneticistas não se dão conta de que não basta saber se um determinado som ocorre numa língua, mas que é preciso apurar se o som é uma “forma típica” por si mesma, isto é, um dos pontos do seu “padrão sônico”, ou é uma variante de uma forma dessas. Em seu trabalho, Sapir assinalou que não é evidentemente desnecessário compreender como um som se estrutura para compreender sua história. O que ele debate demonstra uma perspectiva especial, a necessidade de superar os dados sensoriais de qualquer tipo de expressão, para que, com isso, se apreendam as formas intuitivamente sentidas e comunicadas, que, em si mesmas, trazem o significado à expressão considerada. Sapir também enfatiza a noção de sistema fonológico. Ao recusar essa insistência de Sapir na noção de sistema fonológico, a perspectiva descritivista do distribucionalismo empobrece a visão do componente fonológico das línguas, reduzindo-o a meros inventários de fonemas, ainda que o principal mentor e difusor do modelo fonêmico americano com base no Distribucionalismo, Kenneth Pike, tenha sido aluno de Sapir (cf. D’Angelis 2004).

No presente trabalho, no tocante ao estabelecimento do sistema fonológico do Baniwa do Içana e do Kuripako, assumem-se as concepções estruturalistas fundamentais da Escola de Praga, difundidas por Trubetzkoy em sua obra póstuma *Principes de Phonologie* (edição original de 1939). Assim, assumiremos as noções de (1) *distinções opositivas*, oposições que se desenvolvem em cada língua durante seu processo histórico de formação e organização; e de (2) *sistema fonológico*, jogo das relações entre os fonemas. Por conseguinte, se, por um lado, não recusamos ou não nos contrapomos aos modelos teóricos de base gerativa, e inclusive faremos uso dos traços da Fonologia Gerativa, por outro, recusamos a visão fonêmica (americana ou pikeana) por considerarmos que tal abordagem restringe e atomiza os fenômenos

fonológicos. Consideramos, portanto, a Fonêmica limitada e inapropriada, já que, além de não validar a noção de sistema fonológico, o que empobrece e desvaloriza a visão do componente fonológico das línguas, reduz a Fonologia simplesmente a um mero inventário de fonemas, como bem já apontava D'Angelis (2004).

Trubetzkoy foi o primeiro formulador da noção de *correlações opositivas*, como base da constituição dos sistemas fonológicos, produzindo a distinção dos fonemas com base em traços. Entendemos aqui que essas oposições, que se encontram no arcabouço fonológico das línguas naturais, são o recurso utilizado pelas línguas para estabelecer as diferenças que serão tomadas para o desenvolvimento do sentido e da representação dentro delas, culminando, assim, no fonema que é o *signo* linguístico da fala. Por isso, procuramos, nesse trabalho, considerar como unidades mínimas no jogo representacional fonológico as *oposições distintivas* e, portanto, os traços, em vez do *fonema*. O fonema é entendido como a soma das propriedades fonologicamente relevantes de um som. Na Escola de Praga, a noção de maior importância é a de *função*, pois, para Trubetzkoy, o fonema só pode ser definido satisfatoriamente na base da sua função no sistema da língua, excluindo a base de sua natureza psicológica e a base de sua relação com as variantes fonéticas.

Para isso, assumimos que seja necessário identificar os traços relevantes e comuns aos elementos do sistema, para que se possa entender quais traços são relevantes e se correlacionam opositivamente na língua. Desta forma, direcionaremos esse trabalho de forma a considerar que um sistema fonológico é formado por um conjunto de correlações opositivas complementares, e é justamente isso que tomamos dos princípios fonológicos de Trubetzkoy.

No que diz respeito à noção de sistema fonológico, Trubetzkoy (1939) aponta que as oposições fônicas distintivas formam a base de organização de qualquer sistema linguístico humano no nível fonológico. Assim, ele considera os tipos de oposições fonológicas do ponto de vista das (1) relações com as outras oposições do mesmo sistema, (2) da relação lógica existente entre os mesmos termos da oposição e (3) da extensão do seu poder distintivo, o que, por sua vez, leva a uma classificação do tipo oposições em três grandes grupos: (1) bilaterais/multilaterais, proporcionais ou isoladas, (2) oposições privativas, graduais ou equipolentes e (3) oposições neutralizáveis ou constantes. Nessa perspectiva trubetzkoyana, considera-se que há uma divisão das particularidades fônicas do seguinte tipo: (1) vogais, (2) consoantes, (3) prosódia, todos tendo seu papel no jogo opositivo dentro do sistema fonológico das línguas naturais operando em simultaneidade.

É importante ter em mente que a noção de “traços distintivos” está subjacente à compreensão de Trubetzkoy de “correlações opositivas” (razão pela qual aquele autor menciona, entre outras, a “correlação de nasalidade”, a “correlação de vozeamento”, etc.). No entanto, foi Jakobson quem desenvolveu a teoria dos traços distintivos. E em diálogo com o empirismo reinante nas ciências sociais nos Estados Unidos, produziu o estudo dos correlatos acústicos e articulatórios dos 12 traços (binários) que propôs serem universais (ou seja, o conjunto de traços à disposição das línguas do mundo para construir seus sistemas fonológicos). Por razões bastante conhecidas, a versão de traços fonológicos mais difundida é aquela elaborada por Chomsky & Halle (em *SPE*, 1968), com a pretensão de serem traços capazes de representar os sistemas fonológicos e as realizações fonéticas possíveis a partir deles. Seguindo Jakobson, em *SPE* também se assume o binarismo como uma propriedade dos traços distintivos. Assumindo, portanto, que a concepção de traços distintivos da

Fonologia Gerativa Padrão é um desenvolvimento da teoria de traços de Jakobson, e que esta suporta as concepções da Escola de Praga de sistemas fonológicos e correlações opositivas, em algumas passagens do presente trabalho lançamos mão dos traços distintivos de SPE para caracterização das oposições distintivas no sistema fonológico aqui analisado.

Como já mencionado na lição anterior, o nosso objeto de análise será o sistema fonológico de cada uma do que consideramos serem variantes da mesma língua. Apesar de acreditarmos serem elas duas variantes, analisamos em separado por questões comparativas. Assim, a presente dissertação mantém a forma como o trabalho de análise efetivamente foi realizado desde seu início: primeiro nos ocupamos apenas dos dados do Baniwa do Içana, e desenvolvemos uma análise fonológica para esse conjunto de dados, para então voltarmos nossa atenção aos dados do Kuripako e, do mesmo modo, desenvolvemos uma análise para ele. Em um ou outro momento dessas análises fazemos referência ao que encontramos na outra variedade, com uma comparação complementar nas Considerações Finais.

3. A METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

3.1. INTRODUÇÃO

Aqui apresentaremos a linha metodológica que orientou a busca dos dados e o seu trabalho de coleta. Também apresentaremos aqui, os procedimentos adotados que culminaram na produção desta dissertação e as suas etapas. Esta seção ocupa-se em apresentar e descrever os procedimentos de coleta de dados em campo. Mostraremos como foi feita a escolha dos falantes e com quais critérios essas decisões foram tomadas, a elaboração e a base da metodologia de coleta de dados a escolha do local para coleta de dados, as ferramentas utilizadas para isso, algumas considerações sobre a experiência de coleta de dados e um pouco da visão dos indígenas em relação a algumas problemáticas que envolvem questões linguísticas e de uso da língua.

3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para essa pesquisa, naturalmente, tomou-se como procedimento básico uma análise preliminar do que se apresenta na bibliografia em relação aos dialetos em questão. Dessa forma, assumiu-se, como os principais trabalhos com vistas a oferecer uma indicação do funcionamento da língua, os trabalhos de Valadares (1993) e Granadillo (2006) sobre Kuripako, e Taylor (1991) e Ramirez (2001), sobre Baniwa do Içana. Todos esses trabalhos apresentam análise tanto morfológica quanto fonológica, bem como informações históricas e étnicas dos povos que falam essas línguas/dialetos.

Todavia, como meio de se obter dados próprios sobre a língua para esta pesquisa, foram realizadas duas viagens para coleta de dados entre os falantes de Baniwa do Içana e Kuripako. Estas viagens se deram no ano de 2011, no mês de março e no ano de 2012 no mês de fevereiro, com destino à cidade de São Gabriel da

Cachoeira, no estado brasileiro do Amazonas. A primeira viagem foi feita com auxílio financeiro da Comissão de Pós Graduação do IEL, Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, que custeou as despesas de transporte, alojamento e alimentação. A segunda foi possível graças ao financiamento da FAPEAM - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - em forma de bolsa de mestrado.

A escolha da cidade de São Gabriel da Cachoeira como local da coleta de dados foi estratégica, uma vez que essa cidade é uma das mais ricas em diversidade linguística do Brasil, sendo habitada por muitas etnias indígenas diferentes. Como São Gabriel da Cachoeira recebe vários indígenas, que buscam nela soluções para questões que não podem ser resolvidas nas aldeias mais afastadas, seria possível encontrar falantes nativos dos dialetos em questão, o que agilizaria o trabalho, pois há uma burocracia necessária para entrar nas comunidades e um custo elevado para se chegar nestas áreas, além do longo tempo gasto na viagem.

Durante a primeira viagem, pôde-se encontrar, nas regiões mais afastadas da área urbana de São Gabriel, falantes que pudessem contribuir para a gravação das palavras e frases da língua. Esse processo de busca dos falantes adequados para as gravações levou uma semana, até que se encontrassem os quatro falantes que contribuíram para essa pesquisa, que estivessem dispostos e pudessem colaborar com a pesquisa. Três deles viviam, no momento da pesquisa, nas aldeias no curso do Rio Içana no estado do Amazonas, mas encontravam-se temporariamente na cidade de São Gabriel, exceto a falante Baniwa que residia na área urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Inicialmente foi bastante difícil encontrar falantes indígenas que pudessem colaborar com a pesquisa, porque não se sabia exatamente onde encontrá-los e se eles

teriam disponibilidade de tempo para colaborar com a pesquisa, o que foi um problema principalmente com falantes do sexo feminino, que estavam sempre ocupadas com afazeres domésticos e na atenção aos filhos pequenos. Porém, na terceira semana o trabalho já foi possível coletar uma significativa quantidade de dados.

Durante os primeiros contatos com os falantes dos dialetos em questão, tentou-se descobrir a terminologia de *sim* e *não*, já que estes termos são usados por alguns pesquisadores para distinguir os dialetos. O objetivo de saber qual termo os falantes usavam foi de verificar a coincidência do uso desses termos com a auto-identificação usada por eles, se ela coincide com o que se apresenta na literatura e se essa é uma boa forma de classificar os dialetos. Também foi importante registrar o clã, pois há variações entre os dialetos de acordo com os clãs, que são subagrupamentos internos do povo Baniwa e do povo Kuripako, com vistas a definir a variante.

Um falante Baniwa de cada sexo foi contactado. O mesmo se deu no caso dos Kuripako. Os critérios definidos para compor o conjunto de falantes necessários à produção do *corpus* da pesquisa foram:

1- Ter um informante de cada sexo e etnia nascido em uma comunidade falante de um dos dialetos em estudo.

2- Ter um informante de cada sexo e etnia, falante de português com segunda língua, para que isso pudesse ajudar na compreensão do significado das palavras.

3- Ter um informante de cada sexo e etnia com boa dentição (todos os dentes anteriores mais precisamente, já que havia, em todas as análises da língua, uma distinção opositiva entre consoantes oclusivas dentais e palatais).

Dessa forma, foi possível contar com a colaboração dos falantes indígenas que se encontravam de passagem pela cidade de São Gabriel da Cachoeira e que, muito gentilmente, ajudaram com as informações. Os falantes selecionados, em cada dialeto, dentro dos critérios acima, foram:

a) Baniwa:

1- F. A.: 26 anos, sexo masculino, usa terminologia *oho* para dizer *sim* e *karo* para *não*, considerando-se do clã Hohonene, filho de pai e mãe do clã *Hohodene*, nascido e morador da comunidade Siusí Cachoeira no Rio Içana, Comunidade Siusí Cachoeira sem haver vivido em outra localidade, com nível de escolaridade até a 7ª série na escola Baniwa Pamáali.

2- M. N.: 42 anos, sexo feminino, usa terminologia *oho* para dizer *sim* e *ñame* para dizer *não*, considerando-se do clã Hohodene, filha de pai do clã *Hohodene* e mãe do clã *Dzawi Dakenai*, nascida na comunidade Santarém no Rio Aiari, residente na cidade de São Gabriel da Cachoeira há 17 anos, havendo vivido no Rio Aiari antes de mudar-se, com grau de escolaridade até a 1ª série.

b) Kuripako:

1- Q. G.: 25 anos, sexo masculino, considerando-se membro do clã *Kapitti Minanai*, filho de pai do clã *Kapitti Minanai* e mãe do clã *Ayáneni*, usando o termo *oho* para dizer *sim* e *ñame* para dizer *não*, nascido na Comunidade Jerusalém, morador da Comunidade Jerusalém no alto Rio Içana, tendo sempre vivido lá e sendo professor de Kuripako.

2- E. S.: 32 anos, sexo feminino, considerando-se do clã Payualíene, usando o termo *oho* para *sim* e *ñame* para *não*, nascida na comunidade Jerusalém no alto

Rio Içana, moradora da comunidade Jerusalém há 20 anos. Nunca tendo morado em outro lugar, filha de pai do clã *Payualíene* e mãe do clã *Kumada Minanai*.

Quanto à constituição do *corpus*, os dados também foram coletados seguindo um roteiro e um plano. Esse plano orientou a maneira como os dados foram coletados. Mas antes disso, foi necessário conhecer um pouco do que se havia já descrito sobre a língua, para saber que processos pareciam ser mais frequentes para adequar ao roteiro de coleta de dados, roteiro cujo autor é o professor Dr. Wilmar D'Angelis do IEL-UNICAMP.

O roteiro em questão compõe-se de 9 seções, que são: Vocabulário, Estrutura do Sintagma, Orações Independentes, Orações com Negação, Orações Interrogativas, Orações Coordenadas e Subordinadas, Orações Relativas, Construções Relativas, Paradigmas Verbais e uma ficha completa com respeito ao informante, incluindo informações sobre residência (ao longo da vida), ascendência, grau de escolaridade, etc. No conjunto, o roteiro destina-se a uma primeira aproximação às características básicas gerais de uma língua. No que diz respeito à Fonologia, no entanto, pretende ser um roteiro que oriente o pesquisador para a constituição de um *corpus* representativo da língua, suficiente para uma primeira análise fonológica e para a formulação de boas hipóteses sobre o funcionamento do sistema. Nesse sentido, as seguintes orientações do roteiro merecem destaque, ao tratar da composição de um Vocabulário de acordo com D'Angelis:

“Para montar um vocabulário por campos semânticos, lembrando que: (i) ordem alfabética não tem qualquer relevância no momento da coleta de dados; (ii) não se tratando de uma pesquisa lexical propriamente dita, não há a preocupação com incompletudes nessa coleta em qualquer dos campos semânticos, mas é útil obter

elementos em todos os campos semânticos relacionados para favorecer a aleatoriedade do conjunto, com valor para a pesquisa fonológica; (iii) o pesquisador deve conhecer ou buscar conhecer as características da região em que pesquisa (fauna e flora da região, acidentes, etc.) bem como a nomenclatura do português regional para esses elementos e, com base nisso, preparar seu questionário adequado (por isso, o ‘modelo’ abaixo é apenas isso: um modelo, um lembrete, uma ideia inspiradora para o preparo do questionário apropriado); (iv) orientandos meus não empregam questionários de pesquisa nem softwares criados pelo SIL sob qualquer pretexto.”

Ao fornecer ao orientando esse roteiro, o seu autor faz questão de destacar que se trata de “um modelo ou exemplo, para construir um questionário próprio”. Assim, muitas palavras, sintagmas e orações, mencionadas acima, foram coletados com atenção para processos de junção de pronomes junto a nomes alienáveis e verbos, de forma que fossem formados paradigmas que pudessem mostrar processos com as diferentes vogais da língua que compõem cada pronome. Podemos dizer que algumas palavras foram solicitadas para observar outras ocorrências vocálicas, já que o jogo das vogais parece ser altamente produtivo nos processos fonológicos da língua. Tal processo poderia ser, de alguma forma, um problema na investigação de ocorrência de fonemas específicos em posição inicial de palavra, já que há uma série muito grande de nomes dependentes, isto é, alguns nomes são obrigatoriamente associados a um possuidor, um morfema pronominal ou um outro nome. Além disso, o roteiro de trabalho visa a coletar um número determinado de palavras e frases que visam a servir de amostra do total, ou seja, uma amostra das palavras da língua.

Além da coleta de dados baseada no roteiro, também se procurou confirmar alguns dados presentes na literatura. Isso era feito, perguntando aos falantes como eles

diziam na língua deles as palavras perguntadas em português, de acordo com as palavras buscadas que apareciam na literatura para servir de exemplo para processos que ocorrem na língua.

Durante toda a coleta de dados, buscou-se sempre usar a estrutura “*Páánhekani _____ Baniwali/Kuripakoli?*” que significa “*como se diz _____ em Baniwa/Kuripako?*” e a resposta era sempre do tipo “*pa/wa/noánhekani _____.*” que significa “*se/nós/eu diz/dizemos/digo _____.*”. Isso foi feito para tentar trazer certa naturalidade às respostas e evitar que a entonação das respostas fosse de repetição de lista de palavras. Todos esses dados foram gravados com um gravador portátil do tipo Olympus DS-30/40/50.

No mês de fevereiro de 2012, foi realizada uma segunda viagem a São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, para confirmar algumas ocorrências de sons que não ficaram muito claros na primeira viagem e que não foram verificados, com vistas a verificar processos tais como metátese de /h/ com vogais em contexto de junção de morfemas. Além disso, foi necessário confirmar alguns usos registrados na primeira gravação. Na segunda viagem não foi possível contactar os mesmos falantes Baniwa, somente os Kuripako, o que de alguma forma foi bom, porque se pôde atestar e esclarecer com um terceiro falante Baniwa alguns problemas observados nas primeiras transcrições e algumas ocorrências de fones e junções de palavras.

3.3. AS FASES DA PESQUISA

De posse das gravações, a segunda etapa foi transcrever foneticamente as palavras e frases gravadas e, em seguida, fazer a análise fonológica. De forma que esta pesquisa teve as seguintes etapas: (1) revisão da literatura sobre línguas Aruak e dos

dialetos Baniwa do Içana e Kuripako (no segundo semestre do primeiro ano do programa de Mestrado), (2) coleta dos dados (no início do segundo ano do programa de Mestrado), (3) revisão da bibliografia em teoria fonológica (em programa de Leitura Orientada no primeiro semestre do segundo ano do programa de Mestrado), (4) início das transcrições dos dados (no primeiro semestre do segundo ano), (5) análise fonológica (no segundo semestre do segundo ano), (6) início dos textos integrantes desta dissertação (no segundo semestre do segundo ano).

4. O SISTEMA FONOLÓGICO DO BANIWA-KURIPAKO

4.1. INTRODUÇÃO

Este capítulo é dedicado a apresentar a análise fonológica do Baniwa do Içana numa perspectiva estruturalista europeia, como já citado nos capítulos anteriores, ainda que utilizemos alguns termos e conceitos mais comuns em abordagens gerativas, principalmente no que diz respeito a traços e processos fonológicos. Esta análise tem como fonte os dados coletados com falantes Baniwa do clã *Hohodene* e corresponde, portanto, à variante *Baniwa Hohodene*. Este capítulo também é dedicado a apresentar a análise fonológica do Kuripako. Esta análise tem como fonte os dados coletados com falante do clã *Kapitti Minanai* correspondendo, assim, à variante *Kapitti Minanai*. Além de apresentarmos a fonologia da língua, faremos uma comparação com o que pôde ser analisado em Baniwa.

Primeiramente, apresentaremos os fones identificados nas transcrições fonéticas, como ponto de partida para a interpretação do sistema fonológico. Classificamos, então, os fones de acordo com o ponto de articulação. Em seguida, mostraremos esses fones organizados num quadro fonético para uma melhor visualização. Faremos, então, uma apresentação fonética da ocorrência dos fones em Kuripako, e mostraremos a diferença a nível fonético com o observado em Baniwa. Em seguida, mostraremos o quadro fonético dos fones possíveis em Kuripako que serviram de base para a apresentação das distinções fonéticas e variações livres, bem como dos fonemas propriamente ditos.

Após discutirmos isso, passaremos então para a nossa classificação das vogais e das consoantes em Baniwa e apresentaremos nossa proposta de quadro fonológico,

organizado por um entrecruzamento de traços de base articulatória e nos tipos e baseado nas oposições e processos observados nas explicações anteriores. Conhecendo as ocorrências fonéticas possíveis, apresentaremos então a classificação das vogais e das consoantes em Kuripako e apresentaremos nossa proposta de quadro fonológico para a língua. Aqui poderemos ver no que difere e no que se assemelha o sistema do Baniwa e do Kuripako e faremos uma proposta, com base nisso, de um quadro fonológico para o que considermos ser a língua Baniwa-Kuripako. Em seguida, faremos a classificação taxonômica das oposições verificadas para Kuripako, com base na teoria das oposições de Trubetzkoy.

Após isso, observaremos alguns processos fonológicos, que nos ajudaram na definição dos fonemas, tais como nasalização, palatalização, metátese de /h/, coalescência vocálica, harmonia vocálica e assimilação vocálica. Veremos, então, a relação entre os processos e a estrutura silábica, reforçando a evidência de adequação dos segmentos, por meio dos processos, ao padrão silábico. Demonstraremos como isso ocorre em ambas as variantes. Veremos, aqui, como os processos se dão de maneira bem pouco diferente em ambos os falares e como os processos que ocorrem com um podem ajudar no entendimento do que ocorre no outro.

Por último, apresentaremos nossas considerações sobre a caracterização da sílaba (estrutura, sílabas abertas e fechadas, caracterização do declive silábico e sua importância na compreensão do sistema e dos processos fonológicos da língua). Após isso, mostraremos como o licenciamento prosódico dá origem aos casos de reduplicação. Finalmente, apresentaremos a questão do acento e seu papel dentro do sistema fonológico. Vejamos então as ocorrências fonéticas registradas com as transcrições das gravações coletadas com os falantes nativos:

4.2. ANÁLISE FONÉTICA

Inciciaremos nossa análise fonológica por apresentar uma caracterização fonética preliminar que nos ajudará a entender o porquê da nossa análise fonêmica, os processos fonológicos, as semelhanças e diferenças entre as duas variantes e os fonemas. Uma vez que esse trabalho é de cunho fonológico, não nos prenderemos as minúncias fonéticas, que poderiam indicar mais as idiossincrasias de cada falante que as diferenças mais relevantes para uma análise fonêmica, seguindo, de alguma forma, pressupostos sugeridos em Jakobson (1972) sobre a independência da Fonologia em relação à Fonética. Seguiremos, portanto, uma transcrição larga.

Utilizaremos, contudo, alguns diacríticos tais como: (^) que indica um tom mais descendente, (ˇ) que indica a proeminência acentual, (.) que indica fronteira silábica, (:) que indica alongamento, (τ) que indica abaixamento vocálico e (◌◌) que significa ensurdecimento.

Em Baniwa do Içana, pôde ser identificado, com base nas transcrições fonéticas dos dados coletados em campo, um número de 24 fones vocálicos e 33 fones consonantais que inserimos no quadro das consoantes. Mostraremos, então, a distribuição desses fones nas palavras da língua. Já em Kuripako, registramos a ocorrência de 24 fones vocálicos e 29 fones consonantais. Diferentemente do Baniwa, em Kuripako, há um número menor de fones consonantais, porém as vogais são as mesmas. Mostraremos, a seguir, a distribuição desses fones nas palavras da língua. No grupo das oclusivas, podemos encontrar, na grande maioria dos casos, os mesmos fones ocorrendo nas mesmas palavras que apresentamos em Baniwa, como demonstraremos agora.

4.2.1. OS FONES CONSONANTAIS

No grupo das oclusivas, podemos encontrar os seguintes fones classificados com os respectivos pontos de articulação:

(1) Oclusivas em Baniwa

- a) Bilabial surdo – [p] como em [pô:.pe.zɪ] ‘bacaba’
- b) Bilabial sonoro – [b] como em [bô:.'bô:.pe] ‘pupunha do Rio Içana’
- c) Dental surdo – [t] como em [ka.'li.ɬɪ] ‘lagoa’
- d) Alveolar surdo – [t] como em [ʔi:.tə] ‘canoa’
- e) Alveolar sonoro – [d] como em [i.'te.wi.də] ‘buriti’
- f) Velar surda – [k] como em [ʔâ:.ɬi.kɪ] ‘pimenta’

Não foi atestada ocorrência do fone oclusivo velar sonoro [g] em palavras originadas em Baniwa, mas ele existe em palavras emprestadas da língua portuguesa que são correntemente usadas em Baniwa que não sofrem reorganização fonológica. Assim, o fone oclusivo velar sonoro ocorre em palavras como [mẽ.ᵑgə] que significa *manga*, palavra que é pronunciada como em português brasileiro.

No grupo das oclusivas, em Kuripako, podemos encontrar os mesmos fones nos mesmos exemplos de palavras:

(2) Oclusivas em Kuripako

- a) Bilabial surdo – [p] como em [pô:.pe.zɪ] ‘bacaba’
- b) Bilabial sonoro – [b] como em [bô:.'bô:.pe] ‘pupunha do Rio Içana’
- c) Dental surdo – [t] como em [ka.'li.ɬɪ] ‘lagoa’
- d) Alveolar surdo – [t] como em [ʔi:.tə] ‘canoa’

- e) Alveolar sonoro – [d] como em [i.'te.wi.ðə] ‘buriti’
- f) Velar surda – [k] como em [ʔ.â:.ti.ki] ‘pimenta’

Os fones obstruintes em Kuripako são exatamente os mesmos que em Baniwa, não sendo constatada, portanto, diferença na sua realização.

Ainda sobre as oclusivas, há, também, contextos de *juntura* em que a presença de uma fricativa glotal [h] dá origem a consoantes oclusivas aspiradas, o que nos parece uma evidência de que todas as oclusivas se combinam com essa fricativa, dando origem a oclusivas aspiradas, sendo fonologicamente uma sequência de fonemas e não um fonema próprio. Entretanto, o mesmo não ocorre com as duas oclusivas sonoras, a bilabial [b] e a alveolar [d]. Apresentamos então alguns casos de como esses fones realizam-se nos seguintes exemplos do Baniwa:

(3) Oclusivas aspiradas em Baniwa

- a) Bilabial surdo aspirado – [p^h] como em [pa.'na.p^he] ‘folha’
- b) Dental surdo aspirado – [t^h] como em [ʔi.t^hâ:] ‘escuro’
- c) Alveolar surdo aspirado – [t^h] como em [pi.na.'wa.t^he.zɛ] ‘teu cotovelo’
- d) Velar surdo aspirado – [k^h] como em [ma.'na.k^he] ‘açai’

(4) Oclusivas aspiradas em Kuripako

Em Kuripako, os mesmos fones foram encontrados nas mesmas palavras, assim temos os mesmos exemplos do Baniwa para o Kuripako:

- a) Bilabial surdo aspirado – [p^h] como em [pa.'na.p^he] ‘folha’
- b) Dental surdo aspirado – [t^h] como em [ʔi.t^hâ:] ‘escuro’
- c) Alveolar surdo aspirado – [t^h] como em [pi.na.'wa.t^he.zɛ] ‘teu cotovelo’

- d) Velar surdo aspirado – [k^h] como em [ma.'na.k^he] ‘açai’

Não obtivemos, no nosso *corpus*, dados em que houvesse encontro de fones oclusivos sonoros [b], [d] e [dz]. Todavia Ramirez (2001) apresenta dados que demonstram que há um ensurdecimento desses fones vozeados, motivado pela ausência de voz de [h]. Seus dados restringem-se a palavras com ocorrência de [d] e [dz] (este último somente em Baniwa). Para [b] ele não apresenta casos. São eles os que se seguem transcritos e representados exatamente como o faz Ramirez (2001):

- a) –túda ‘socar’ /nu-túda-hini/ ‘eu soquei’ - [notót^heni]
 b) –ídza ‘chorar’ /nu-ídza-hini/ ‘eu chorei’ - [nóits^heni]

O dado *a* nos mostra um caso de juntura da raiz verbal –túda com o prefixo pronominal de primeira pessoa do singular e o perfectivo –hini, gerando uma palavra que apresenta uma consoante surda na forma fonética, diferente do que havia na forma sem o perfectivo, que é iniciado por uma fricativa glotal [h]. O dado *b* nos demonstra exatamente a mesma coisa, porém o *dz* que aparece na raiz do verbo torna-se [ts^h] na nova palavra, resultado da juntura do verbo com o perfectivo.

No grupo das consoantes nasais, podemos encontrar a ocorrência dos seguintes fones em Baniwa:

(5) Nasais em Baniwa

- a) Bilabial sonoro – [m] como em [pi.zi.'mâ:.pə] ‘urucum’
 b) Alveolar sonora – [n] como em [na:.'pa.pe] ‘pulseira’
 c) Palatal sonora – [ɲ] como em [ĩ.'ɲa.pi] ‘osso’
 d) Velar sonora – [ŋ] como em [kwẽŋ.ka.'wa.ɪ] ‘quando’

E os mesmos fones nas mesmas palavras em Kuripako:

(6) Nasais em Kuripako

- a) Bilabial sonoro – [m] como em [pi.zi.'mâ:.pə] ‘urucum’
- b) Alveolar sonora – [n] como em [na:.'pa.pe] ‘pulseira’
- c) Palatal sonora – [ɲ] como em [ĩ.'ɲa.pi] ‘osso’
- d) Velar sonoro – [ŋ] como em [kwẽŋ.ka.'wa.ɪ] ‘quando’

Assim como no caso das oclusivas há ocorrência de fones aspirados em ambas as variantes. Por sua vez, para o caso das nasais também há casos de fones ensurdecidos, que são os seguintes:

(7) Nasais ensurdecidas em Baniwa

- a) Bilabial ensurdecido – [ᵐ] como em [i.'daɟ.ᵐẽ] ‘vocês têm sono’
- b) Alveolar ensurdecido – [ᵐ] como em [ᵐõ.ʷə] ‘eu’
- c) Palatal ensurdecido – [ɲ̃] como em [ĩ̃:ɲ̃ə] ‘comer’

Os dados em VII. referem-se ao Baniwa. Contudo veremos a seguir que, em Kuripako, temos exatamente os mesmos casos em (8):

(8) Nasais ensurdecidas em Kuripako

- a) Bilabial ensurdecido – [ᵐ] como em [i.'daɟ.ᵐẽ] ‘vocês têm sono’
- b) Alveolar ensurdecido – [ᵐ] como em [ᵐõ.ʷə] ‘eu’
- c) Palatal ensurdecido – [ɲ̃] como em [ĩ̃:ɲ̃ə] ‘comer’

Também neste caso, acreditamos ser esta uma ocorrência de dois fonemas distintos fonologicamente, entretanto nos dedicaremos a este tema na seção fonológica deste capítulo na referência 4.3.2.2..

Ocorre, em Baniwa, um flepe lateral sonoro e uma variante ensurdecida dele, como mostram os próximos exemplos:

(9) Flepe lateral em Baniwa

- a) Alveolar sonoro – [l] como em [li.wa.'dzo.le] ‘brasa’
- b) Alveolar ensurdecido – [ɭ] como em [ɭje.'tẽ.hã] ‘aquele’

E os mesmos casos em Kuripako como apresentados a seguir em (10) na comparação:

(10) Flepe lateral em Kuripako

- a) Alveolar sonoro – [l] como em [li.wa.'dzo.le] ‘brasa’
- b) Alveolar ensurdecido – [ɭ] como em [ɭje.'tẽ.hã] ‘aquele’

Este fone tem oscilação, em ambas as variantes, entre um tepe alveolar e um tepe lateral, de fato algumas imagens de espectograma parecem nos indicar um tepe alveolar, contudo os falantes Baniwa diziam que para reproduzir bem o som é necessário produzir um fone entre um R e um L do português, isto é, um tepe alveolar e uma líquida simultaneamente. Assim, representaremos, para fins de escolha entre um símbolo, em nossas transcrições fonológicas o tepe lateral /l/.

No grupo das fricativas, foram constatados os seguintes fones em Baniwa:

(11) Fricativas em Baniwa

- a) Bilabial surdo – [ɸ] como em [ɸă:.çi.'wa.wə] ‘a gente se cansa’
- b) Pós-alveolar surdo – [ʃ] como em ['pi:.ʃə] ‘teu excremento’
- c) Retroflexo surdo – [ʂ] como em [no.ta.'wi.ʂe] ‘meu tornozelo’
- d) Retroflexo sonoro – [ʐ] como em ['ha.pe.ʐɪ] ‘frio’

- e) Palatal surdo – [ç] como em [çi.'wi.ʃɪ] ‘estrela’
- f) Glotal surdo – [h] como em [ʰhaj.ku] ‘árvore’

Começaremos, agora, a ver as primeiras diferenças nas realizações fonéticas entre o Baniwa e o Kuripako. Vejamos em (12) as fricativas em Kuripako:

(12) Fricativas em Kuripako

- a) Bilabial surdo – [ɸ] como em [ʰɸe.wi.də] ‘nossa cabeça’
- b) Bilabial sonoro – [β] como em [ʃjâ:.βɪ] ‘onça’
- c) Retroflexo surdo – [ʂ] como em [no.ta.'wi.ʂe] ‘meu tornozelo’
- d) Retroflexo sonoro – [ʐ] como em [ʰha.pe.ʐɪ] ‘frio’
- e) Palatal surdo – [ç] como em [pî:.çə] ‘teu excremento’
- f) Glotal surdo – [h] como em [ʰhaj.ku] ‘árvore’

Na classe das africadas, registramos as seguintes ocorrências de fones em Baniwa do Içana:

(13) Africadas em Baniwa

- a) Alveolar surdo – [ts] como em [pi.'tsẽ.nə] ‘gato’
- b) Alveolar sonoro – [dz] como em [çi.'dza.pə] ‘montanha’
- c) Pós-alveolar surdo – [tʃ] como em [î:.tʃi] ‘mico’
- d) Pós-alveolar sonoro – [dʒ] como em [no.'dʒjə] ‘eu vou’

Por sua vez, em Kuripako, a única africada registrada foi [tʃ] como apresentado em (14).

(14) Africadas em Kuripako

- a) Pós-alveolar surdo – [tʃ] como em [pi.'tʃẽ.nə] ‘gato’

Neste grupo, assim como no caso das oclusivas em Baniwa, há fones aspirados como a seguir:

(15) Africadas aspiradas em Baniwa

- a) Alveolar surdo aspirado – [ts^h] como em [ma.'ts^hê:.tə] ‘facão’
- b) Pós alveolar surdo – [tʃ^h] como em ['no.tʃ^hi.wɪ] ‘púbis’

Em Kuripako, não se verificou também ocorrência de [ts^h], constatamos o destacado em (16):

(16) Africadas aspiradas em Kuripako

- a) Pós alveolar surdo – [tʃ^h] como em ['no.tʃ^hi.βɪ] ‘púbis’

O grupo das aproximantes é composto pelos fones abaixo:

(17) Aproximantes em Baniwa

- a) Labial sonoro – [w] como em [na.'wa.pu] ‘igarapé’
- b) Palatal sonoro – [j] como em [wa.'ja.wə] ‘goiaba’

(18) Aproximantes em Kuripako

- a) Labial sonoro – [w] como em [na.'wa.pu] ‘igarapé’
- b) Palatal sonoro – [j] como em [wa.'ja.wə] ‘goiaba’

Vimos, em (12) a), que *nossa cabeça*, em Kuripako, se realiza como [ʔe.wi.də], ao passo que, em Baniwa, *nossa cabeça* se realiza como [ʔe.wi.də] ou [hwe.wi.də], sendo esta última mais frequente.

Tabela 4.1. Quadro dos fones consonantais em Baniwa do Içana

Consoantes	bilabial	Dental	alveolar	pós alveolar	retroflexa	palatal	velar	glotal
Oclusivas	p b	t̥	t d				k	
oclusivas aspiradas	p^h	t̥^h	t^h				k^h	
Nasais	m̥ m		n̥ n			ɲ̥ ɲ	ŋ	
flepe laterais			l̥ l					
Fricativas	ɸ			ʃ	ʂ z̥	ç		h
Africadas			ts dz	tʃ dʒ				
africadas aspiradas			ts^h	tʃ^h				
Aproximantes	w					J		

Em Kuripako, temos o seguinte quadro:

Tabela 4.2. Quadro dos fones consonantais em Kuripako

consoantes	bilabial	dental	alveolar	pós alveolar	retroflexa	palatal	Velar	glotal
oclusivas	p b	t̥	t d				k	
oclusivas aspiradas	p^h	t̥^h	t^h				k^h	
nasais	m̥ m		n̥ n			ɲ̥ ɲ	ŋ	
flepe laterais			l̥ l					
fricativas	ɸ β				ʂ z̥	ç		h
africadas				tʃ				
africadas aspiradas				tʃ^h				
aproximantes	W					j		

Observando o quadro acima, pudemos ver que há, em Kuripako, menos fones que em Baniwa e que os exemplos nos apresentaram diferença fonética. Em Baniwa, se apresentam respectivamente os seguintes fones em negrito: [p̃:ʃə], [pi.'tsẽ.nə] e

[ma.'ts^hê:.tə]. Nenhum desses fones foi constatado em Kuripako, porém nos itens lexicais correspondentes, encontramos os fones [ç], [tʃ] e [t^h] respectivamente. Por outro lado, há, em Kuripako, um fone de que não verificamos ocorrência em Baniwa: a fricativa bilabial sonora [β].

Visto o quadro consonantal, vejamos agora também os fones vocálicos constatados em Baniwa e em Kuripako.

Começaremos as demonstrações com o Baniwa e logo em seguida passaremos para os exemplos com o Kuripako.

4.2.2. OS FONES VOCÁLICOS

Os sons vocálicos apresentam-se em número de vinte e dois e são os que se seguem: (1) vogais orais breves, (2) vogais nasais breves, (3) vogais orais longas e (4) vogas nasais longas.

Em Baniwa, verificamos as seguintes ocorrências de fones vocálicos orais breves:

(19) Vogais breves em Baniwa

- a) Anterior fechada não arredondada oral breve - [i] como em [te.lo.'li.pi] ‘tipiti’.
- b) Anterior quase fechada não arredondada oral breve - [ɪ] como em ['pî:.zɪ] ‘tesoura’.
- c) Anterior semifechada não arredondada oral breve - [e] como em [ma.'ka.pe.ke] ‘mar’.
- d) Anterior semiaberta não arredondada oral breve - [ɛ] como em ['ko.p^hɛ] ‘peixe’.

- e) Aberta não arredondada oral breve - [a] como em [ma.'li.je] ‘faca’.
- f) Central média não arredondada oral breve - [ə] como em [po.'le.tə] ‘barata’.
- g) Posterior meio fechada oral breve – [o] como em ['hẽ.mo.le] ‘ano’.
- h) Posterior quase fechada arredondada oral breve - [u] como em [ma.'lo.ju] ‘colar’

Por sua vez, em Kuripako, os fones vocálicos orais breves são os demonstrados a seguir em (20):

(20) Vogais breves em Kuripako

- a) Anterior fechada não arredondada oral breve - [i] como em [te.lo.'li.pi] ‘tipiti’.
- b) Anterior quase fechada não arredondada oral breve - [ɪ] como em ['pî:.zɪ] ‘tesoura’.
- c) Anterior semifechada não arredondada oral breve - [e] como em [pi.na.wa.'tʰe.zɛ] ‘teu cotovelo’.
- d) Anterior semiaberta não arredondada oral breve - [ɛ] como em ['ko.pʰɛ] ‘peixe’.
- e) Aberta não arredondada oral breve - [a] como em [ma.'li.je] ‘faca’.
- f) Central média não arredondada oral breve - [ə] como em [po.'le.tə] ‘barata’.
- g) Posterior meio fechada oral breve – [o] como em ['hẽ.mo.le] ‘ano’.
- h) Posterior quase fechada arredondada oral breve - [u] como em [ma.'lo.ju] ‘colar’

Além desses fones orais, as duas variantes também contam com um número de vogais nasais breves como demonstrado a seguir nos casos (21) do Baniwa e (22) do Kuripako:

(21) Vogais nasais breves em Baniwa

- a) Anterior fechada não arredondada nasal breve - [ĩ] como em [ki.'tʃĩn.də] ‘companheiro’.
- b) Anterior quase fechada não arredondada nasal breve - [ĩ] como em ['a.nja.lĩ.ŋĩ] ‘aqui está ele’.
- c) Anterior semifechada não arredondada nasal breve - [ẽ] como em [jẽm.'pe.tɪ] ‘criança’.
- d) Central aberta não arredondada nasal breve - [ẽ] como em [a.'dzẽ.nə] ‘tatu’.
- e) Central média não arredondada nasal breve - [ã] como em [‘ẽ.hã] ‘uma das formas de se dizer sim’.
- f) Posterior meio fechada nasal breve – [õ] como em [‘nõ.mə] ‘eu tinguijo’
- g) Posterior quase fechada arredondada nasal breve - [ũ] como em [‘wê:.mũ] ‘preguiça’.

(22) Vogais nasais breves em Kuripako

- a) Anterior fechada não arredondada nasal breve - [ĩ] como em [ki.'tʃĩn.də] ‘companheiro’.
- b) Anterior quase fechada não arredondada nasal breve - [ĩ] como em ['a.nja.lĩ.ŋĩ] ‘aqui está ele’.
- c) Anterior semifechada não arredondada nasal breve - [ẽ] como em [jẽm.'pe.tɪ] ‘criança’.
- d) Central aberta não arredondada nasal breve - [ẽ] como em [a.'jẽ.nə] ‘tatu’.
- e) Central média não arredondada nasal breve - [ã] como em [‘ẽ.hã] ‘uma das formas de se dizer sim’.
- f) Posterior meio fechada nasal breve – [õ] como em [‘nõ.mə] ‘eu tinguijo’.

g) Posterior quase fechada arredondada nasal breve - [ũ] como em ['wễ:.mũ] ‘preguiça’.

Todos esses fones, entretanto, nasais e orais reunidos, reduzem-se a um número de quatro fonologicamente como veremos mais adiante em 4.3.1.1.. Tentaremos demonstrar que essa nasalidade não é fonologicamente pertinente, mas fonética.

Porém, as vogais do Baniwa e do Kuripako carregam outra característica fonética interessante, a duração. Assim, a língua possui vogais longas cuja duração oscila entre mais ou menos 50 e 100% a mais do que os valores médios de duração observados para as vogais breves. Em (23), demonstraremos casos do Baniwa e, em (24), do Kuripako. Vejamos quais são elas:

(23) Vogais orais longas em Baniwa

- a) Anterior fechada não arredondada oral longa - [i:] como em ['ĩ:.we] ‘remo’.
- b) Anterior semifechada não arredondada oral longa - [e:] como em ['kễ:.zɪ] ‘lua’.
- c) Aberta não arredondada oral longa - [a:] como em ['â:.ʃɪ] ‘cará’.
- d) Posterior meio fechada arredondada oral longa - [o:] como em ['kỗ:.pa.lɪ] ‘carrapato’.

(24) Vogais orais longas em Kuripako

- a) Anterior fechada não arredondada oral longa - [i:] como em ['ĩ:.we] ‘remo’.
- b) Anterior semifechada não arredondada oral longa - [e:] como em ['kễ:.zɪ] ‘lua’.
- c) Aberta não arredondada oral longa - [a:] como em ['â:.çɪ] ‘cará’.
- d) Posterior meio fechada arredondada oral longa - [o:] como em ['kỗ:.pa.lɪ] ‘carrapato’.

Assim como ocorre com as breves orais, que têm suas correspondentes nasais, as vogais longas também têm suas correspondentes nasais. Como demonstrado a seguir em que (25) apresenta dados do Baniwa e (26), do Kuripako:

(25) Vogais nasais longas em Baniwa

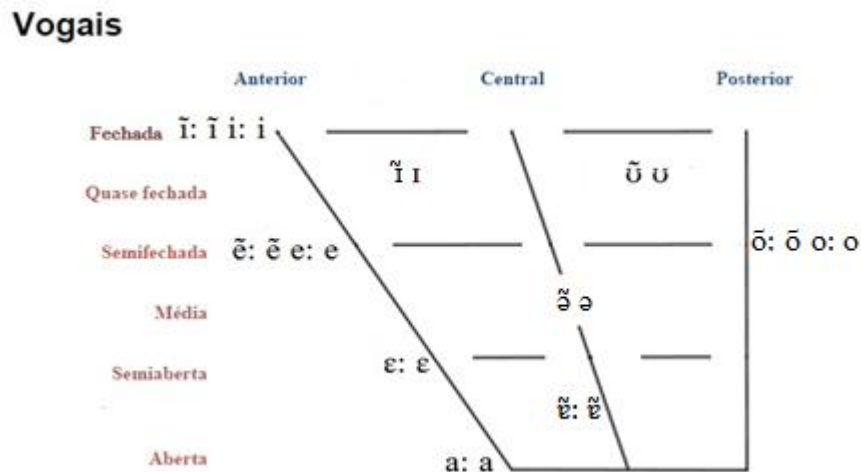
- a) Anterior fechada não arredondada nasal longa - [ĩ:] como em ['wĩ:.mə] ‘pantera’.
- b) Anterior semifechada não arredondada nasal longa - [ẽ:] como em ['dzẽ:.mə] ‘tabaco’.
- c) Central semiaberta não arredondada nasal longa - [ẽ:] como em ['kẽ:.nə] ‘milho’.
- d) Posterior meio fechada arredondada nasal longa - [õ:] como em [mõ:.'ko.lɪ] ‘piraíba’.

(26) Vogais nasais longas em Kuripako

- e) Anterior fechada não arredondada nasal longa - [ĩ:] como em ['βĩ:.mə] ‘pantera’.
- f) Anterior semifechada não arredondada nasal longa - [ẽ:] como em [jẽ:.mə] ‘tabaco’.
- g) Central semiaberta não arredondada nasal longa - [ẽ:] como em ['kẽ:.nə] ‘milho’.
- h) Posterior meio fechada arredondada nasal longa - [õ:] como em [mõ:.'ko.lɪ] ‘piraíba’.

Com isso, chegamos ao seguinte quadro de vogais que representa as ocorrências vocálicas registradas tanto em Baniwa quanto em Kuripako:

Tabela 4.3. Quadro fonético das vogais



Apesar de apresentarmos essa apresentação fonética preliminar, vale ressaltar que nossa análise fonológica é pautada em termos fonológicos e não fonéticos, assim nossa visão de Fonologia é independente da Fonética. O aspecto fonético vem a enriquecer e contribuir com a análise, contudo, ressaltamos que a análise fonológica é independente da fonética.

Os símbolos aqui usados são baseados no IPA, Alfabeto Fonético Internacional. Eles representam os fones encontrados com as transcrições das gravações realizadas com os falantes nativos de Baniwa. Com isso, poderemos apresentar nossas considerações fonológicas sobre a língua, ou seja, seus fonemas, alofones, variantes livres e arquifonemas. Após apresentarmos os fonemas da língua, mostraremos seu sistema e processos fonológicos. Vejamos de modo ilustrativo alguns espectrogramas mostrando palavras das duas variantes em questão

Figura 4.1. /ja.'ma:.zu/ 'arraia' em Baniwa

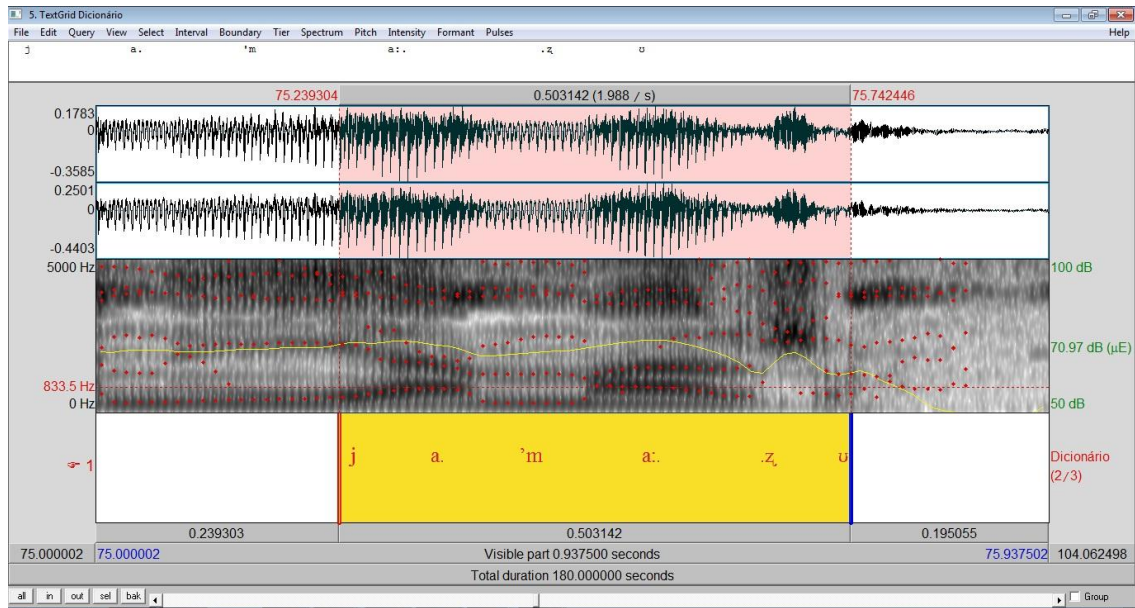
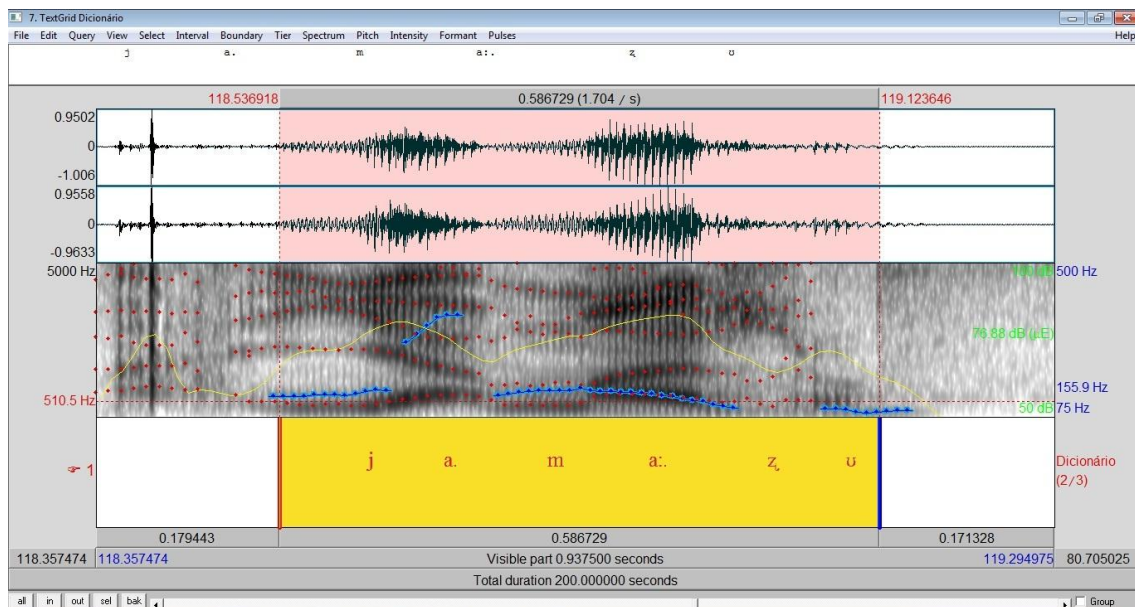


Figura 4.2. /ja:.'ma:.zu/ 'arraia' em Kuripako



Neste caso, temos duas palavras que nos indicam um fenômeno interessante. O fonema /dz/, como veremos na nossa análise fonológica mais adiante, realiza-se [dz] em Baniwa e [j] em Kuripako. Este caso, contudo, nos mostra que /j/ também é um fonema independente na língua que se realiza [j] em ambas as variantes, pois se fosse /dz/ a realização, em Baniwa do Içana seria [dz].

Além disso, podemos ver que a sílaba longa tem quase a mesma duração em milissegundos que a primeira sílaba que é composta por um ditongo. A sílaba longa tem acento descendente e intensidade maior na segunda sílaba. A vogal final é extremamente breve e a fricativa em Baniwa aparece bem mais marcada que em Kuripako.

Figura 4.3. /dza:.'ka / 'camarão' em Baniwa

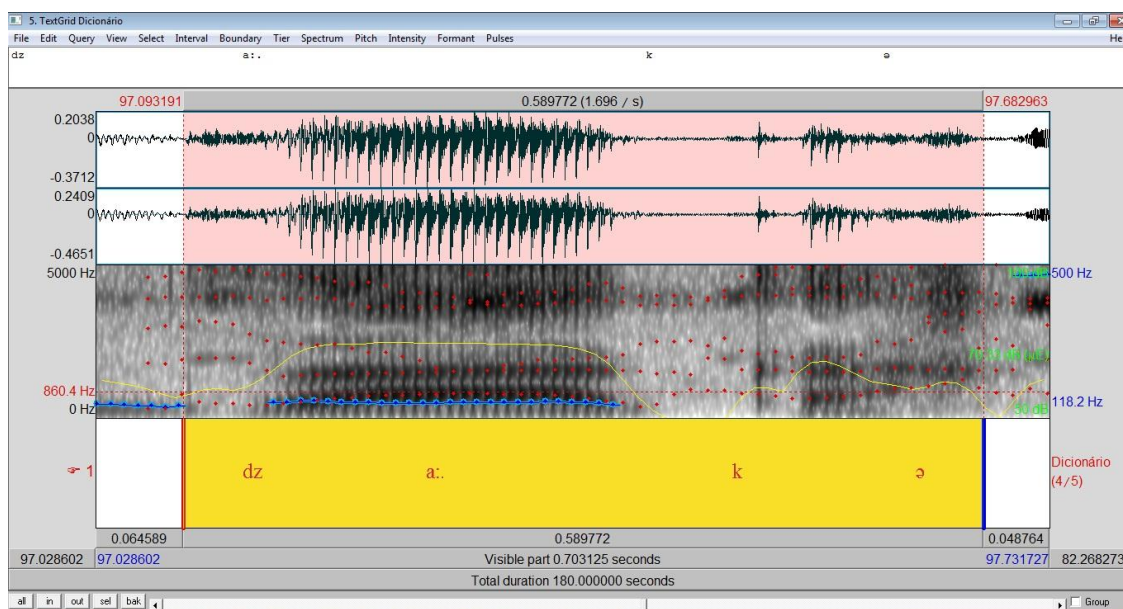
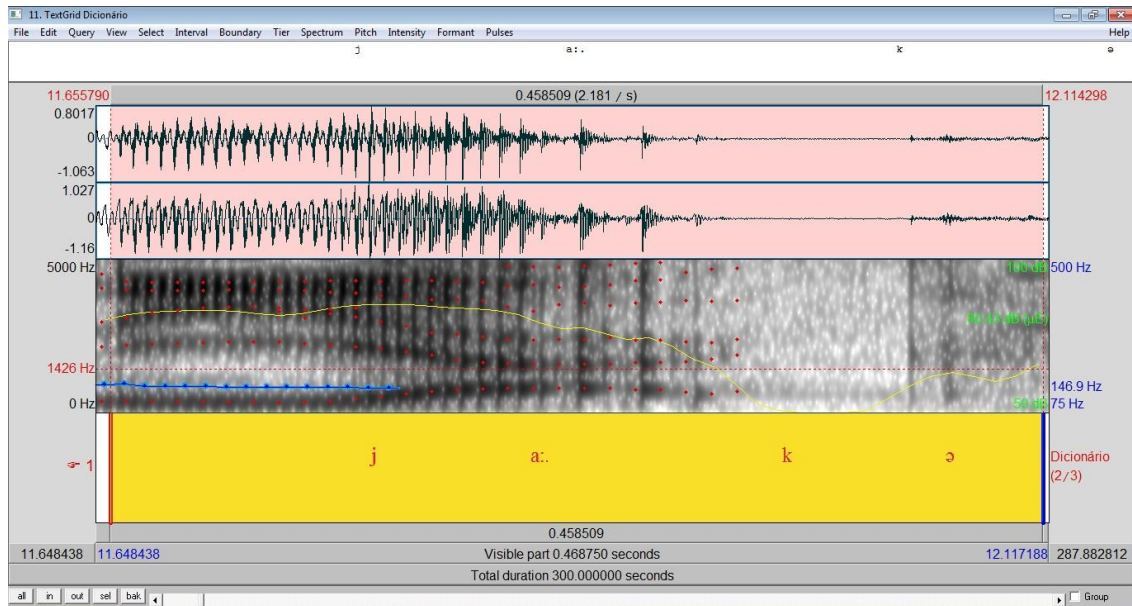


Figura 4.4. /dza:.'ka / 'camarão' em Kuripako



Vimos com esse par de exemplos o caso que mencionamos anteriormente da relação entre os fonemas /dz/ e /j/. Neste caso temos a situação em que [j] em Kuripako é /dz/ e não /j/. O caso pode ser confirmado pelo Baniwa.

Figura 4.5. /dza:wi / 'onça' em Baniwa

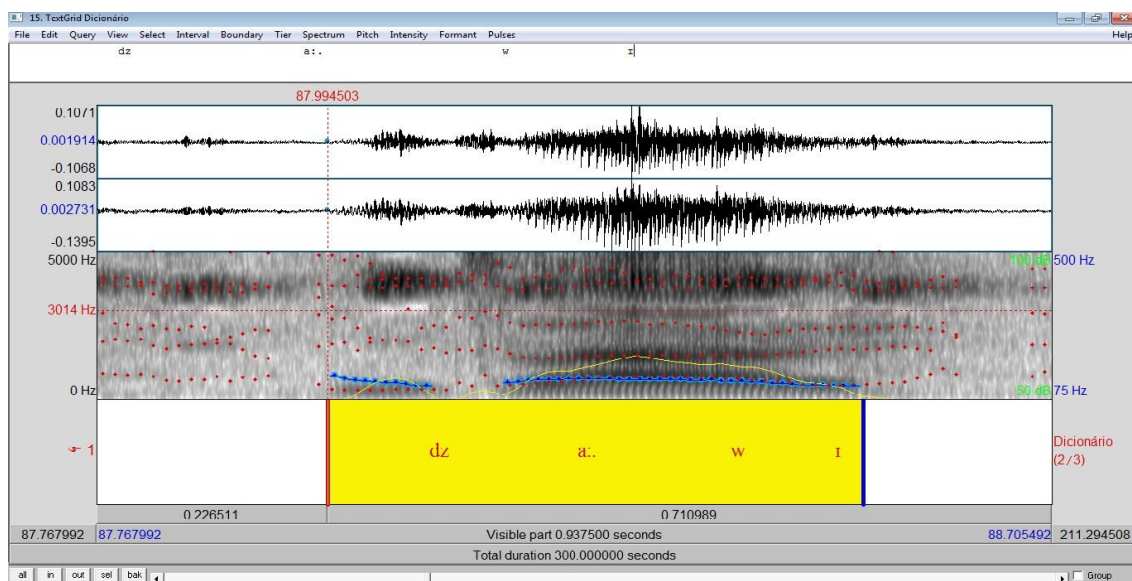
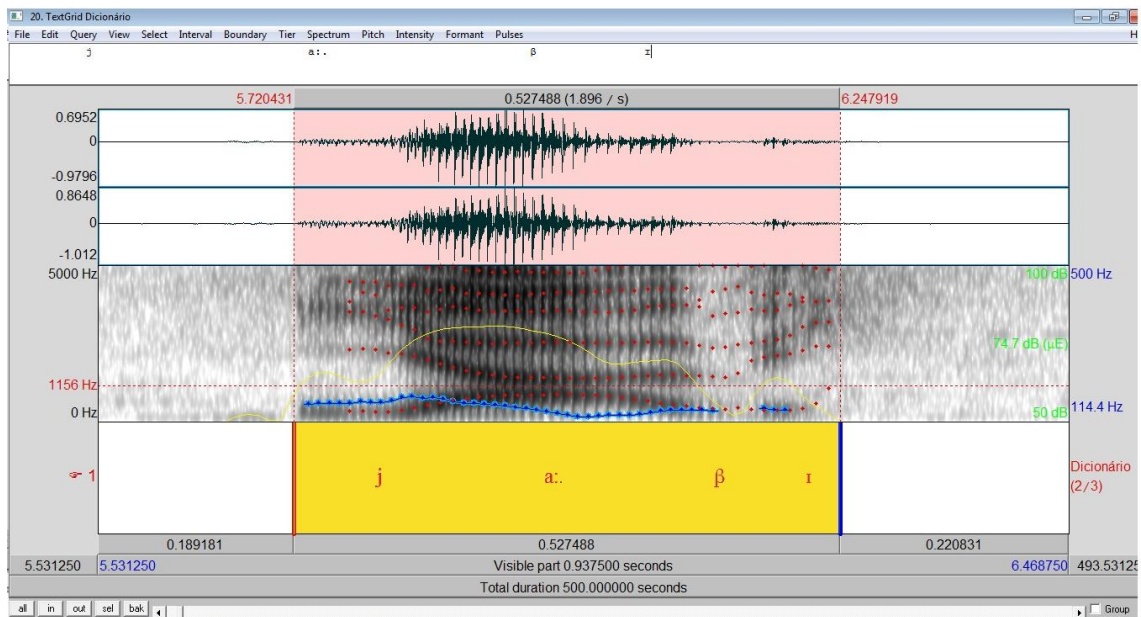


Figura 4.6. /dza:wi / ‘onça’ em Kuripako



Este par de exemplos mostra o caso da ocorrência do fonema /w/ com realização como fricativa bilabial [β] em Kuripako e aproximante arredondada em Baniwa do Içana.

Figura 4.7. /li: jhi/ ‘caroço’ em Baniwa

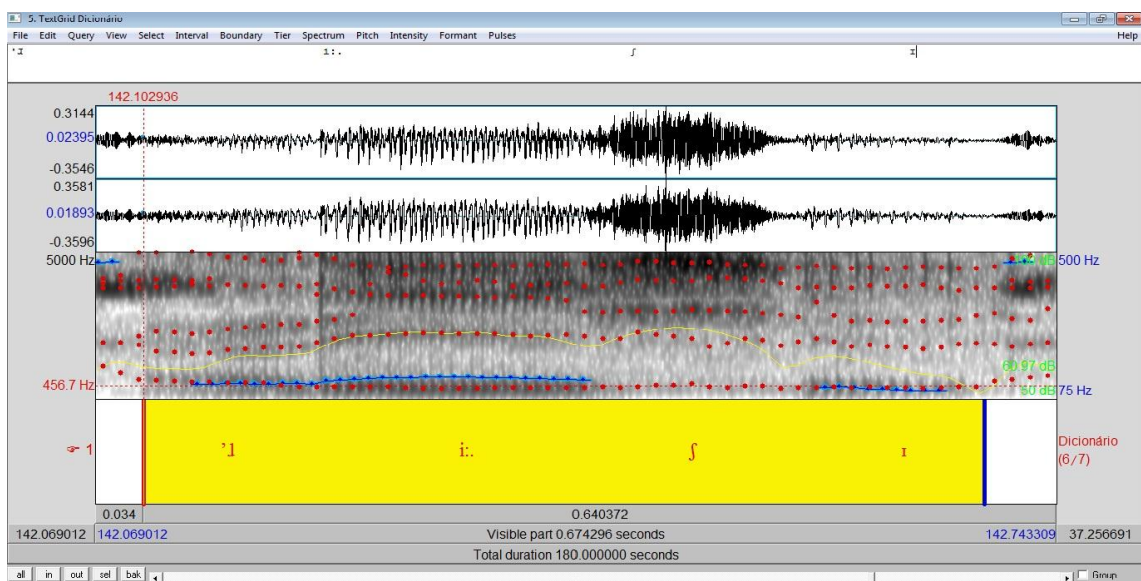
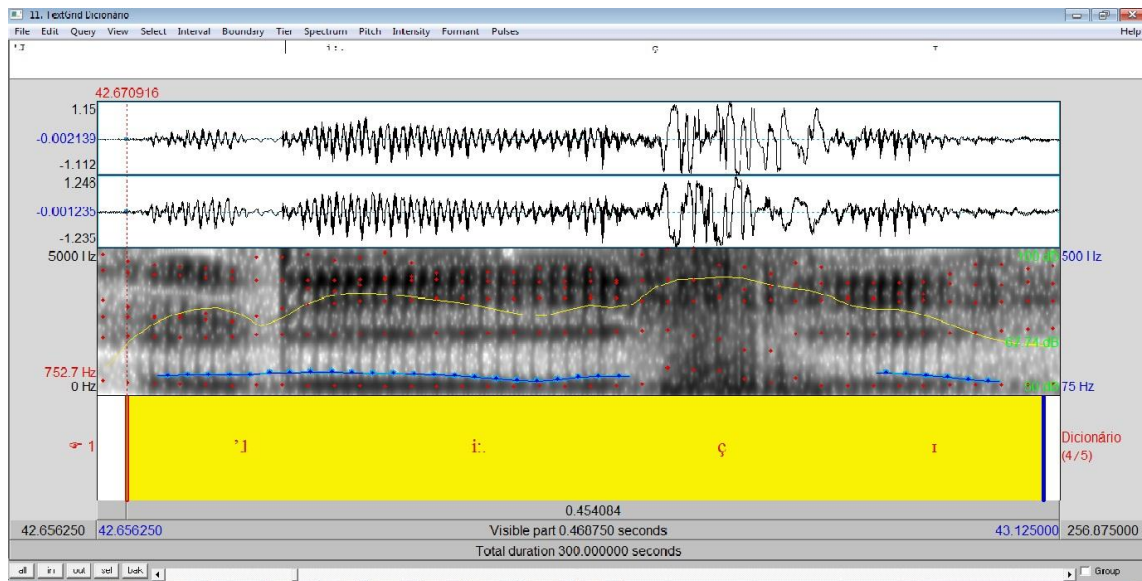


Figura 4.8. /li:. jhi / 'caroço' em Kuripako



Aqui vemos como a sequência de fonemas /jh/ ocorre em cada variante. Tems /jh/ como [ʃ] em Baniwa do Içana e [ç] em Kuripako.

Figura 4.9. /ko:.whe/ 'saúva' em Baniwa

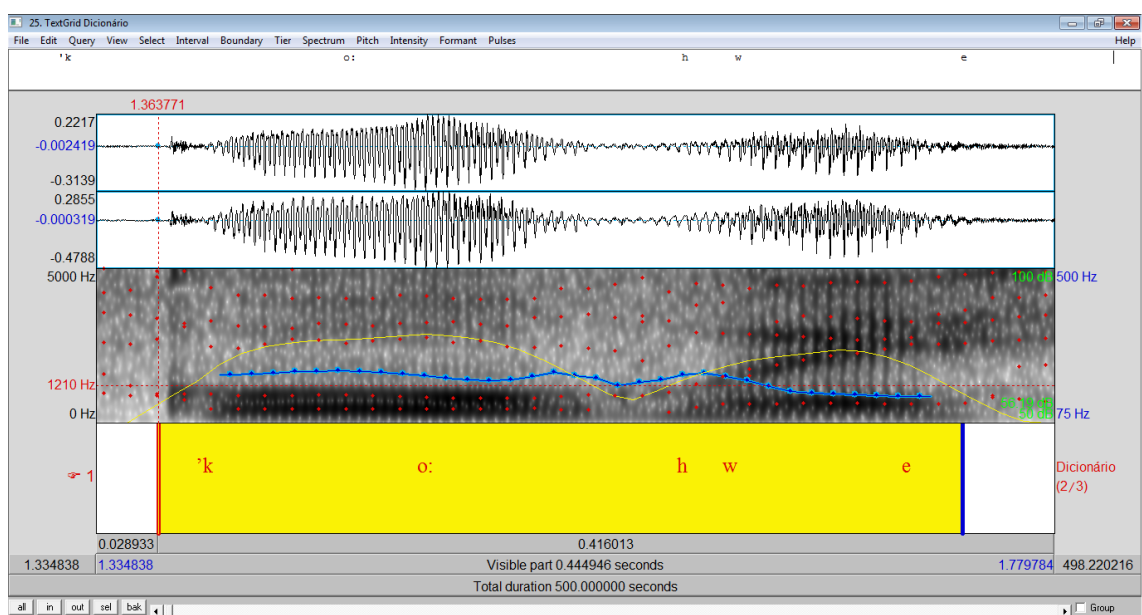
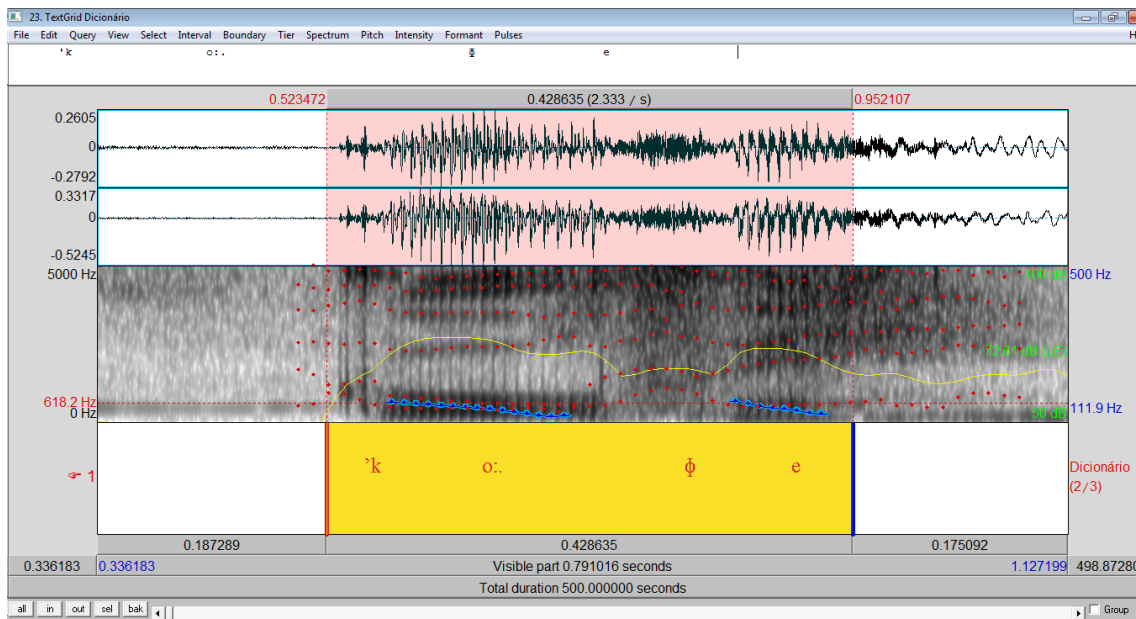
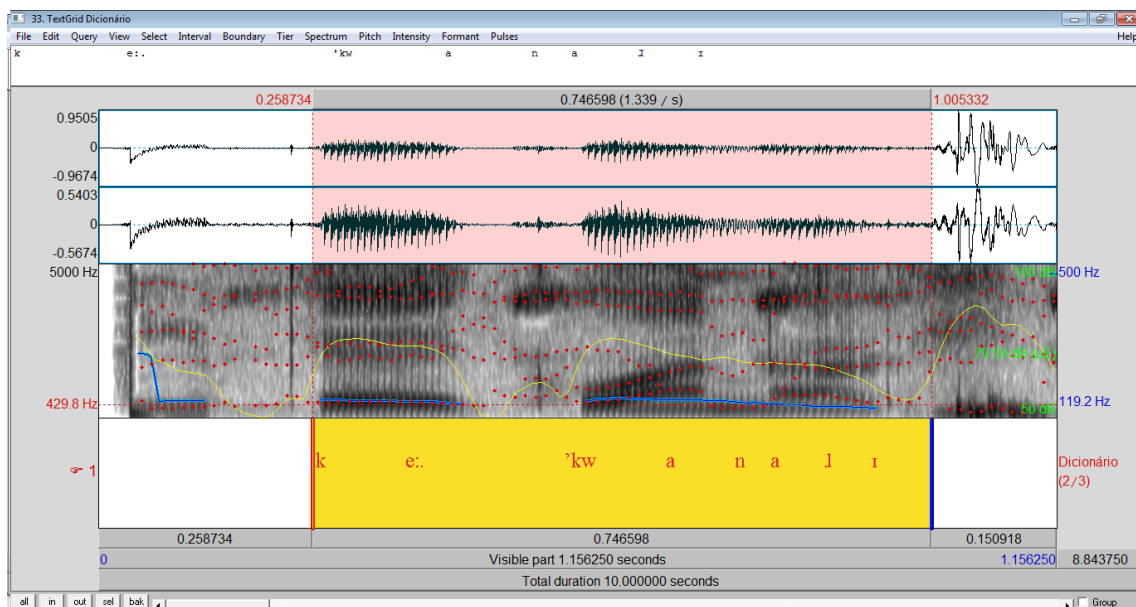


Figura 4.10. /'ko:.whe/ 'saúva' em Kuripako



Os pares acima mostram como a sequência de fonemas /wh/ se realiza em Baniwa do Içana e em Kuripako. Em Baniwa, realiza-se [hw], enquanto que, em Kuripako, realiza-se [ϕ].

Figura 4.11. /'ke:.kwa.na.lɪ/ 'careca' em Baniwa



O exemplo acima do Baniwa do Içana mostra que há sílabas átonas longas como na primeira sílaba do exemplo. E tônicas breves como é o caso da segunda

sílaba. Não apresentamos a correspondência em Kuripako, porque o falante nos deu outro item lexical, para careca no seu falar.

4.3. A ANÁLISE FONOLÓGICA

Apresentaremos agora a nossa análise fonológica. Faremos a apresentação dos fonemas vocálicos e consonantais da língua, bem como suas diferentes realizações fonéticas e seus casos de variação livre. Apresentaremos, primeiramente, os fonemas vocálicos e, logo em seguida, os fonemas consonantais para, em seguida propormos o quadro fonológico. A proposta fonológica que faremos aqui engloba as duas variantes em questão, por isso demonstraremos as distintas realizações fonéticas, evidenciadas em cada uma delas, relacionadas a um fonema dentro do que consideramos, aqui, a língua Baniwa-Kuripako.

Essa análise partiu inicialmente de uma análise dos inventários propostos por Taylor (1991), Valadares (1994), Ramirez (2001) e Granadillo (2006). Essas análises foram contrastadas e constatadas com dados próprios coletados com falantes nativos. A análise para estabelecimento do inventário de fonemas da língua baseia-se, sobretudo, em pares análogos e observação de coocorrências contextuais de fones na análise fonética. Não é tarefa das mais fáceis encontrar pares mínimos para evidenciar a exatidão dos valores fonêmicos, o que é comprovado pela análise fonêmica dos outros autores que apresentam também pouquíssimos pares mínimos e muitos dos que são apresentados por eles apresentam também muita influência de morfologia na composição das palavras.

4.3.1. AS VOGAIS

De acordo com nossas transcrições nas gravações registramos a ocorrência de vogais breves com variação na duração de 70 a 150 milissegundos e longas de 170 a 220 milissegundos. A ocorrência indistinta de sílabas, ora com vogais longas, ora com breves, sem interferência de tonicidade ou ambiente, pré ou pós tônicas, nos mesmos contextos e sem uma aparente motivação, seja ela enfática ou de ambiente fonológico, nos fez propor que em Baniwa o valor da duração é fonologicamente pertinente. Mostraremos a seguir os dois casos das vogais fonológicas, começando pelas vogais breves.

4.3.1.1. AS VOGAIS BREVES

Em relação às vogais, pôde-se associar as ocorrências dos fones às seguintes quatro vogais breves /a/, /e/, /i/, /u/.

As realizações de /a/ são aberta não arredondada oral breve [a], central aberta não arredondada nasal breve [ẽ], central média não arredondada nasal breve [ã] e central média não arredondada oral breve [ə]. Os exemplos em (27) mostram dados coletados em Baniwa e, em (28), em Kuripako.

(27) Vogal /a/ em Baniwa

- a) [i.ʔa.'mẽ.nə]
/i.ʔa.'ma.na/
'nuvem'
- b) [ko.'mẽ.nə]
/ku.'ma.na/
'feijão'
- c) ['ă:.tẽ.hã]

/'à:.ta.nhV/
 'lá'

(28) Vogal /a/ em Kuripako

- a) [ma.'ka.paw]
 /ma.'ka.pau/
 'mar'
- b) [ko.'mẽ.nə]
 /ku.'ma.na/
 'feijão'
- c) ['ă:.tẽ.hẽ]
 /'à:.ta.nhV/
 'lá'

A vogal /a/ realiza-se [a] em posições átonas e tônicas como em *a*, [ẽ] em posição não final precedida de consoante nasal como ou em alguns casos fricativa velar como em *a*, *b* e *c*, [ã] em alguns casos após fricativa velar em posição de fim de palavra e [ə] em fim de palavra como em *a* e *b*.

As realizações de /e/ são: anterior semifechada não arredondada oral breve [e], anterior semifechada não arredondada nasal breve [ẽ] e anterior semiaberta não arredondada oral breve [ɛ]. (29) mostra exemplos de Baniwa e (30) de Kuripako.

(29) Vogal /e/ em Baniwa

- a) [te.lo.'li.pɪ]
 /te.lu.'li.pi/
 'tipiti'
- b) ['ŋwê:.po.lɛ]
 /nu-'hé:.pu.le/
 1Sg-umbigo
 'meu umbigo'

- c) [we:.'nẽ.ne]
 /wa-e.'ne.ne/
 1Pl-língua
 ‘nossa língua’
- d) [ʔi.'dzẽ.mẽ]
 /ʔi'.dzé:.mhe/
 ‘carvão’

(30) Vogal /e/ em Kuripako

- a) [te.lo.'li.pɪ]
 /te.lu.'li.pi/
 ‘tipiti’
- b) [ʔnwê:.po.le]
 /nu-'hé:.pu.le/
 1Sg-umbigo
 ‘meu umbigo’
- c) [we:.'nẽ.ne]
 /wa-e.'ne.ne/
 1Pl-língua
 ‘nossa língua’
- d) [ʔi.'jẽ.mẽ]
 /ʔi'.dzé:.mhe/
 ‘carvão’

A vogal /e/ realiza-se como [e] em posições átonas e tônicas, tanto em fim quanto em meio ou início de palavra, [ẽ] em posições tônicas seguidas de consoante nasal, e [ɛ] nos mesmos contextos de [e]. A alternância entre [e] e [ɛ] não parece ter um contexto exatamente preciso e mesmo a variação no grau de abertura dessas vogais é bem sutil.

Observamos o fonema /i/ realizando-se como anterior fechada não arredondada oral breve [i], anterior fechada não arredondada nasal breve [ĩ], anterior quase fechada não arredondada oral breve [ɪ], quase fechada não arredondada nasal breve [ĩ̃] e como glide [j] em ditongos. Em (31) casos do Baniwa e em (32) do Kuripako:

(31) Vogal /i/ em Baniwa

- a) [ki.'ni.kɪ]
/ki.'ni.ki/
'roça'
- b) [p^hĩ.mə]
/'phi.ma/
'duro'
- c) ['a.ɲja..ĩ.ɲĩ]
/'a.nia-li-nhi/
Dem-3SgM-Deit
'aqui está ele'
- d) ['ke.tʃjə]
/'ke.tsia/
'caldo de formiga'
- e) [pja.'tʃja.te]
/pi-'a.tsia-te/
2Sg-homem-sp
'teu homem'
- f) [dza.ma.'poj.poj]
/dza.ma.'pui.pui/
'cachorro do mato'
- g) [paj.za.ka.'zɔ.de]
/pai.za.ka.'zɔ.de/
'copo'
- h) ['kaj.nɪ]
/'kai.ni/

‘mandioca’

(32) Vogal /i/ em Kuripako

- a) [ki.'ni.kɪ]
/ki.'ni.ki/
‘roça’
- b) [p^{hɪ}.mə]
/'phi.ma/
‘duro’
- c) ['ljẽ.hĩ]
/li-'ha-nhV/
3SgM.Dem.Deit
‘este’
- d) ['ke.tʃjə]
/'ke.tsia/
‘caldo de formiga’
- e) [pja.'tʃja.te]
/pi-'atsia-te/
2Sg-homem-sp
‘teu homem’
- f) [ja.ma.'puj.puj]
/dza.ma.'pui.pui/
‘cachorro do mato’
- g) ['çî:.paj]
/'hí:.pai/
‘terra’
- h) ['kaj.nɪ]
/'kai.ni/
‘mandioca’

A vogal /i/ realiza-se como [i] em posições átonas e tônicas, tanto em fim quanto em meio ou início de palavra, [ĩ] em posições tônicas seguidas de consoante

nasal ou, em alguns casos, de fricativa velar, [ɪ] em posições átonas de fim de palavra, [ĩ] após fricativa velar, em alguns casos, como em *c* e como glide nos casos apresentados em *d* a *h*.

Temos em Baniwa, o fonema /u/ realizando-se como posterior meio fechada oral breve [o], posterior meio fechada oral breve [õ], posterior quase fechada oral breve [u], posterior quase fechada nasal breve [ũ] e glide [w]. Veremos que as mesmas palavras têm as mesmas realizações nas duas variantes, (33) Baniwa e (34) Kuripako:

(33) Vogal /u/ em Baniwa

- a) [po.'zɔ.le]
/pu.'zɔ.le/
'enxada'
- b) [ma.'lo.ju]
/ma.'lu.ju/
'colar'
- c) ['nõ.mə]
/'nu-ma/
1Sg-tinguijar
'eu tinguijo'
- d) ['zwe.kwə]
/zɔ-'é:.kua/
3SgF-testa
'testa dela'
- e) [dê:̂.hĩ.'k^ha.da.pi.ɕiw]
/dé:.nhi.'kha.da-pi-lhiu/
empregado-2Sg-dat
'teu empregado'
- f) [ma.liw.me.kã.'hũ.^wə]

/ma.'liu.me-ka-nu.ha/
 morrer-mod-1Sg
 ‘eu morro’

(34) Vogal /u/ em Kuripako

- a) [ko.'zɔ.tʃə]
 /ku.'zu.tʃa/
 ‘cruz’
- b) [ma.'lo.ju]
 /ma.'lu.ju/
 ‘colar’
- c) [nõ.mə]
 /nu.ma/
 1Sg-tinguijar
 ‘eu tinguijo’
- d) [zwe.kwə]
 /zu-'é:.kua/
 3SgF-testa
 ‘testa dela’
- e) [dê:.hĩ.'k^ha.da.pi.ʃiw]
 /dé:.nhi.'kha.da-pi-lhiu/
 empregado-2Sg-dat
 ‘teu empregado’
- f) [ma.liw.me.kã.'hũ.^wə]
 /ma.'liu.me-ka-nu.ha/
 morrer-mod-1Sg
 ‘eu morro’

A vogal /u/ realiza-se como [o], [u] em posições de fim de palavra e [õ] ocorrendo em sílaba tônica seguida de consoante nasal ou junto à fricativa glotal. Esta vogal também se realiza como glide [w], formando ditongos crescentes e decrescentes como vimos de *d* a *f*. Embora não tenhamos registrado em nossas transcrições [u],

representamos na subjacência o fonema /u/, por correspondência opositiva a /i/ que é alta. Além disso, a transcrição como [o] não é completamente exata, porque a percepção auditiva do fone parece bem imprecisa em altura entre [u] e [o]. A ocorrência do glaide [w] relacionado a /u/ também nos sugere que a representação fonológica realmente seja /u/.

Vale lembrar que a nasalização dessas vogais, antecedendo consoantes nasais em posição átona, é também possível, porém essa nasalização nesses contextos pode existir ou não, ou ainda ser bem sutil.

Não parece haver diferenças no sistema vocálico, ou melhor, na realização vocálica (fonética) das duas variantes quanto às vogais breves. As palavras que não aparecem em correspondência nos exemplos de cada variante, não aparecem assim, porque o falante informou um ítem lexical diferente daquele registrado. Buscou-se então um ítem lexical em Kuripako que demonstrasse o fone em questão para a comparação.

4.3.1.2. AS VOGAIS LONGAS

Também há as seguintes ocorrências das quatro vogais longas /a:/, /e:/, /i:/, /u:/. As realizações de /a:/ são aberta não arredondada oral longa [a:] e aberta central não arredondada nasal longa [ã:]. Exemplos de oposição entre vogais breves e longas, apresentaremos no tópico 4.6.2., em que discutiremos o valor fonológico da duração. O exemplo em (35) refere-se ao Baniwa, e em (36) ao Kuripako:

(35) Vogal /a:/ em Baniwa

- a) ['dâ:.pə]
/'dá:.pa/

‘paca’

b) [ˈkɛ̃:.na]

/ˈká:.na/

‘aguado’

c) [ˈwɛ̃:.mũ]

/ˈwá:.mu/

‘preguiça’

(36) Vogal /a:/ em Kuripako

a) [ˈdâ:.pə]

/ˈdá:.pa/

‘paca’

b) [ˈkɛ̃:.na]

/ˈká:.na/

‘aguado’

c) [ˈwɛ̃:.mũ]

/ˈwá:.mu/

‘preguiça’

A vogal /a:/ realiza-se como [a:] em posição tônica e átona, no início, meio e fim de palavra como em *a*, *b* e *c*, enquanto que [ɛ̃:] ocorre antes de consoante nasal como em *b* e *d*.

As realizações de /e:/ são anterior semifechada não arredondada oral longa [e:], anterior semifechada não arredondada nasal longa [ɛ̃:] e anterior semiaberta não arredondada oral longa [ɛ:].

(37) Vogal /e:/ em Baniwa

a) [ˈkê:.zɪ]

/ké:.zɪ/

‘lua’

- b) [ˈt̪i.dze:]
/ˈt̪i.dze:/
‘fogo’
- c) [pêː.ˈmẽ.hĩ]
pa-éː.ˈma.nhi/
Imp-andar
‘a gente anda’ /
- d) [t̪i.ˈdzêː.nə]
/t̪i.ˈdzéː.na/
‘lenha’
- e) [êː.hẽ]
/éː.nhV/
‘uma das formas de se dizer sim’
- f) [ˈkêː.tu]
/kêː.tu/
‘capivara’

(38) Vogal /e:/ em Kuripako

- a) [ˈkêː.zɪ]
/kêː.zɪ/
‘lua’
- b) [ˈt̪i.je:]
/ˈt̪i.dze:/
‘fogo’
- c) [pêː.ˈmẽ.hĩ]
/pa-éː.ˈma.nhi/
Imp-andar
‘a gente anda’
- d) [t̪i.ˈjêː.nə]
/t̪i.ˈdzéː.na/
‘lenha’
- e) [êː.hẽ]

/é:.nhV/

‘uma das formas de se dizer sim’

f) [‘kê:.tu]

/‘ké:.tu/

‘capivara’

O fonema /e:/ realiza-se como [e:] em posição tônica e átona, no início, meio e fim de palavra como em *a*, *b* e *c*, enquanto que [ẽ:] ocorre antes de consoante nasal como em *b* e *d*, ou antes de fricativa velar em alguns casos como em *e*.

As realizações de /i:/ são anterior fechada não arredondada oral longa [i:] e anterior fechada não arredondada nasal longa [ĩ:] Para o Baniwa, temos os exemplos (39) e para o Kuripako, (40).

(39) Vogal /i:/ em Baniwa

a) [‘wî:.mə]

/‘wí:.ma/

‘pantera’

b) [no.‘ĩ:.we.ni]

/nu-‘í:.we.ni/

1Sg-remo

‘meu remo’

c) [i.‘te.wi.də]

/i.‘te.wi.da/

‘buriti’

(40) Vogal /i:/ em Kuripako

a) [‘wî:.mə]

/‘wí:.ma/

‘pantera’

b) [no.‘ĩ:.we.ni]

/nu-ʔí:.we.ni/

1 Sg-remo

‘meu remo’

c) [i.'te.wi.də]

/i.'te.wi.da/

‘buriti’

A vogal /i:/ realiza-se como [i:] em posição tônica ou átona como em *b* e *c* e [ĩ:] em posição tônica antecedendo consoante nasal como em *a*. Não encontramos registro de /i:/ em fim de palavra.

As realizações de /u:/ são posterior quase fechada arredondada oral [u:] e posterior quase fechada arredondada nasal [ũ:]. Vejamos em (41), casos do Baniwa e em (42), casos do Kuripako.

(41) Vogal longa /u:/ em Baniwa

a) [ʔdzô:.kə]

/ʔdzú:.ka/

‘machado’

b) [ô:.'lo.de]

/ú:.'lu.de/

‘balaio’

c) [õ:.hũ]

/ú:.nhV/

‘uma das formas livres para dizer sim’

(42) Vogal longa /u:/ em Kuripako

a) [ʔtô:.p^h₁]

/ʔtú:.phi/

‘esteio’

b) [mô:.tô:.zʷ]

/mú:.tú:.zɯ/

‘maracujá’

c) [õ:.hũ]

/ú:.nhV/

‘uma das formas para dizer sim’

O fonema /u:/, em ambas as variantes, realiza-se como [o:] em posição tônica ou átona como em *b* e *c* e [õ:], em posição tônica, antecedendo consoante nasal subjacente como em *c*. Não encontramos registro de /u:/ em fim de palavra ou afixo em geral.

Com base no exposto acima, apresentamos nossa proposta de quadro dos fonemas vocálicos em Baniwa-Kuripako, baseados nas oposições [+ posterior] x [- posterior], [+ alto] x [- alto], [+ longo] x [- longo]. Assim, de acordo com nossa proposta há 8 fonemas vocálicos, 4 longos e 4 breves.

Tabela 4.4. Quadro fonológico vocálico

	VOGAIS			
	- posterior		+ posterior	
	+ longo	- longo	+ longo	- longo
+ alto	i:	i	u:	u
- alto	e:	e	a:	a

Sobre a questão da duração em Baniwa-Kuripako, não há dúvida de que há vogais mais e menos longas e isso sem relação com tonicidade. Entretanto fica a questão do seu valor fonológico que parece, até onde pudemos analisar, ser algo plausível a ser considerado nessa variante, dada a liberdade de ocorrências nos

mesmos contextos de ocorrência das vogais breves. Dessa forma, todas as vogais longas podem ocupar as mesmas posições dentro das palavras que as vogais breves, aparecendo nos mesmos contextos e mesmos ambientes.

4.3.2. AS CONSOANTES

Em Baniwa, há uma oposição básica nos fonemas consonantais entre a classe das obstruintes e das soantes, sendo esta uma oposição fonologicamente pertinente na língua.

Apresentaremos primeiro o grupo das soantes e em seguida das obstruintes.

4.3.2.1. AS SOANTES

A classe natural das consoantes soantes é composta por poucos segmentos. É uma série que opõe duas classes naturais: (1) a das [+ nasais] /m/, /n/, /ɲ/ *versus* (2) a das [- nasais] /w/, /l/, /z/ e /j/. O quadro seguinte nos mostra essa classe. Apresentaremos sempre na sequência dos ímpares exemplos transcritos do Baniwa e dos pares, exemplos do Kuripako.

Vejamos primeiramente as soantes não marcadas para o traço [+ nasal]:

O fonema /j/

O fonema /j/ realiza-se como aproximante palatal [j] em Baniwa e em Kuripako.

(43) /j/ em Baniwa

a) [ma.'li.je]

/ma.'li.je/

‘faca’

b) [a.'ka.jʊ]

/a.'ka.ju/

- ‘caju’
- c) [ʔjo.zo.mũ]
/ʔju.zu.mu/
‘jerimum/abóbora’
- d) [ʔwa.ja.wə]
/ʔwa.ja.wa/
‘goiaba’
- e) [ʔʔfi.jaj]
/ʔtsi.jai/
‘cigarra’

(44) /j/ em Kuripako

- a) [ma.'li.je]
/ma.'li.je/
‘faca’
- b) [a.'ka.ju]
/a.'ka.ju/
‘caju’
- c) [ʔjo.zo.mũ]
/ʔju.zu.mu/
‘jerimum/abóbora’
- d) [ʔwa.ja.wə] /
ʔwa.ja.wa/
‘goiaba’
- e) [ʔʔfi.jaj]
/ʔtsi.jai/
‘cigarra’

Este fonema realiza-se em posição de aclave silábico, porém há restrições quanto à sua ocorrência diante de vogal /i/, assim como também há restrição do fonema /j/ diante de /i/. De acordo com nossa análise, o fonema /j/ só pode ocorrer em

posição de primeiro segmento do aclave silábico, dada uma restrição fonotática na língua quanto à ocorrência de consoantes em declive. Assim, analisamos [j] em declive como vogal /i/ e não o associamos ao fonema /j/, mas sim à vogal /i/. Uma evidência a favor disso são os casos que se seguem, em que as duas vogais sofrem coalescência, quando o ítem lexical recebe um pronome, sofrendo uma redução moraic.

(45)

- a) ['kaj.nɪ]
‘mandioca’
- b) [no.'kɛ.nɪ]
1Sg-mandioca
‘minha mandioca’
- c) [pi.'kɛ.nɪ]
2Sg-mandioca
‘tua mandioca’

Como pudemos ver, em *a*, temos um [j] em posição de declive, formando, portanto, um ditongo. O valor vocálico deste glaide, isto é, um /i/ subjacente, é confirmado pelo exemplo *b* na realização de [ɛ]. Logo, o resultado da junção de /a/ com /i/ é [ɛ]. Ainda sobre a redução moraic, há mais exemplos no tópico 4.6.2..

Por outro lado, algo que nos reforça a hipótese de que [j] em declive tem valor consonantal, são as palavras de empréstimo que se seguem:

(46)

- a) [a.'ka.jʊ]
‘caju’
- b) ['jo.zo.mũ]
‘jerimum’

Ora, se tal fone não fosse consonantal nessa posição, muito provavelmente, os falantes nativos substituiriam a consoante fricativa pós-palatal do Português, no empréstimo, por outro segmento do Baniwa que fosse, efetivamente, consonantal, caso [j] não fosse. Talvez por uma fricativa como [ʒ] que é um fone da língua ou ainda ou outra consoante como [dz].

Entretanto, quando aparece como segundo elemento de aclave, analisamos o [j] como uma vogal, pois este fone, geralmente, resulta de uma vogal núcleo de sílaba em juntura como nos casos abaixo:

- a) ['õ.nɪ]
/u.ni/
'água'
- b) [pjõ.'ni.te]
/pi-u.ni-te/
2Sg-água-sp
'tua água'

Consideramos o caso acima como exemplo de ditongo crescente fonético. Dado o caráter fonológico da vogal núcleo da sílaba do pronome /pi-/ que entra na sílaba seguinte como um glide. Há uma restrição em que somente a consoante /h/ poderia ocupar esta posição. Assim, os glides que aparecem foneticamente na posição de segundo elemento do aclave, serão todos analisados fonologicamente como vogais.

O fonema /w/

O fonema /w/ realiza-se como aproximante bilabial [w] em Baniwa e em Kuripako, e fricativa labial [β] somente em Kuripako diante de /i/.

(47) /w/ em Baniwa

- a) [wa.t^hi.'wê:.dzu]
 /wa-thi.'wé:.dzu/
 1Pl-sobrancelha
 ‘nossa sobrancelha’
- b) ['wî:.mə]
 /wí:.ma/
 ‘pantera’
- c) ['nɛ.ʔo.kə]
 /na-'i.ʔu-ka/
 3Pl-defecar-Mod
 ‘nós defecamos’

(48) /w/ em Kuripako

- a) [wa.t^hi.'wê:.jʊ]
 /wa-thi.'wé:.dzu/
 1Pl-sobrancelha
 ‘nossa sobrancelha’
- b) ['ŋî:.mə]
 /wí:.ma/
 ‘pantera’
- c) ['nɛ.ʔo.kə]
 /na-'i.ʔu-ka/
 3Pl-defecar-Mod
 ‘nós defecamos’

Este fonema consonantal realiza-se, assim como o fonema /j/, em aclave silábico, porém há restrições quanto à sua ocorrência diante de vogal /u/. Exatamente como o que ocorre com o fonema /j/, o fonema /w/ não ocorre como segundo elemento de aclave, assim a aproximante [w] como segundo elemento de aclave é interpretado neste trabalho como vogal, como nas palavras que resultam de juntura com o pronome /nu-/ como o que ocorre nos exemplos abaixo:

- a) ['e.ts^hə]
/e.tsha/
'dente'
- b) ['z̥we.ts^hə]
/z̥u-e.tsha/
3SgF-dente
'nosso dente'

Assim como vimos acontecer com o fonema /j/, temos aqui um /u/ vocálico pelos mesmos motivos. Há restrição de ocorrência de /w/ com /u/. Porém forma ditongos crescentes e decrescentes com as demais vogais da língua.

O fonema /l/

O fonema /l/ realiza-se como flepe lateral alveolar sonoro [l] ou próximo de um tepe alveolar [r]. (49) traz exemplos de Baniwa e (50) de Kuripako.

(49) /l/ em Baniwa

- a) [t̥sa.'bo.lə]
/t̥sa.'bu.la/
'cebola'
- b) [ko.'ma.lɪ]
/ku.'ma.li/
'tucumã'
- c) [t̥ʃi.pa.'lâ:pi]
/t̥si.pa.lá:pi/
'panela'
- d) [o:.'lo.de]
/u:.'lu.de/
'balaio'
- e) [te.lo.'li.pi]
/te.lu.'li.pi/
'tipiti'

f) [po.'zɔ..le]
/pu.'zɔ..le/
'enxada'

g) [ma.'lo.ju]
/ma.'lu.ju/
'colar'

(50) /l/ em Kuripako

a) ['li.tu]
/'li.tu/
3SgM-defecar
'ele defeca'

b) [ko.'ma.ɫi]
/ku.'ma.li/
'tucumã'

c) [tʃi.pa.'lâ:.pi]
/tsi.pa.lá:.pi/
'panela'

d) [dô:..lu]
/dú:..lu/
'mel'

e) [te.ɫo.'li.pi]
/te.lu.'li.pi/
'tipiti'

f) [po.'zɔ..le]
/pu.'zɔ..le/
'enxada'

g) [ma.'lo.ju]
/ma.'lu.ju/
'colar'

A realização fonética deste fonema é muito oscilante entre um tepe lateral ou alveolar, contudo mantivemos a representação fonética de tepe lateral, dadas as orientações do falante Baniwa de que para realizar este som é necessário produzir algo entre um R e um L português. O fone flepe lateral sonoro [ɭ] ocorre em diversos contextos possíveis na língua, em início de palavra como afixo silábico, tanto no início quanto no fim de palavra, nunca ocorrendo em coda. Porém não há ocorrências de palavras em que [ɭ] seja antecedido de /e/ ou /i/. O que é indício de uma oposição neutralizável entre /ɭ/ e /z/ nesse contexto.

Este fonema pode realizar-se como [ɭ], ou [ʂ] diante de /h/, este último antecedido de /i/, /i:/, /e/ ou /e:/ como veremos em 4.3.2.2.

O fonema /z/

O fone /z/ realiza-se como fricativa retroflexa [ʒ]. Vejamos os casos (51), do Baniwa e (52) do Kuripako.

(51) /z/ em Baniwa

- a) [de.'ʒi.tʃɪ]
/de.'ʒi.tsi/
'banana'
- b) [pî:.ti.ʒɪ]
/pî:.ti.ʒi/
'morcego'
- c) [ɲa.'ʒa.də]
/ɲa.'ʒa.da/
'porco espinho'
- d) [ma:.'wi.ʒu]
/ma:.'wi.zu/
'abacaxi'

- e) [ê:.nu.'pɛ.zʊ.kə]
/é:.nu.pe.zʊ.ka/
'raio'
- f) [na.da.wa.ka.'zɔ.də]
/na.da.wa.ka.'zʊ.da/
'sepultura'
- g) [zʊ.pe.'zẽ.mə]
/zʊ-pe.'zɛ.ma/
3SgF-costela
'costela dela'

(52) /z/ em Kuripako

- a) [de.'zɪ.tʃɪ]
/de.'zɪ.tsi/
'banana'
- b) [pî:.ti.zɪ]
/pí:.ti.zi/
'morcego'
- c) [na.'zɔ.də]
/na.'zɔ.da/
'porco espinho'
- d) [ma:.'βi.zʊ]
/ma:.'wi.zʊ/
'abacaxi'
- e) [ê:.nu.'pɛ.zʊ.kə]
/é:.nu.pe.zʊ.ka/
'raio'
- f) [i.zɪ.zɪ]
/i.zɪ.zi/
'sepultura'
- g) [zʊ.pe.'zẽ.mə]
/zʊ-pe.'zɛ.ma/
3SgF-costela

‘costela dela’

O fonema /z/, em início de palavra, só ocorre diante de /u/, para ser mais específico somente no pronome /zu/. Assim não há combinação desse fonema com as demais vogais no início de palavra.

Este fonema é bastante comum na língua e realiza-se fricativa retroflexa [ʒ]. A sua ocorrência se dá nos mais diversos contextos, exceto em posição de declive silábico. Apesar da ocorrência fonética como uma fricativa, de acordo com nossa análise, o fonema /z/ faz parte das soantes e não das obstruentes, dado o seu comportamento ser idêntico ao das soantes nos processos de juntura com /h/ como veremos em 4.3.2.2.. Ele realiza-se [ʒ] diante de /h/, ensurdecendo-se, e não se aspirando. Esse processo só ocorre com as soantes, já que as obstruentes aspiram-se. É possível que este fonema tenha sido uma aproximante que se fricativizou.

O fonema /m/

O fonema /m/ realiza-se como nasal bilabial sonora [m] nas duas variantes da mesma maneira como demonstrado abaixo, (53) para Baniwa e (54) para Kuripako.

(53) /m/ em Baniwa

- a) [ko.'ma.li]
/ku.'ma.li/
‘tucumã’
- b) ['wê:.mu]
/'wá:.mu/
‘preguiça’
- c) ['mâ:.de.zɨ]
/'má:.de.zɨ/
‘esquilo’

d) ['wa.li.mɛ]

/ˈwa.li.me/

‘casado’

e) [jẽm.'pe.t̥i]

/je.ni.'pe.t̥i/

‘criança’

(54) /m/ em Kuripako

a) [ko.'ma.lɪ]

/ku.'ma.li/

‘tucumã’

b) ['wê:.mu]

/ˈwá:.mu/

‘preguiça’

c) ['mâ:.de.zɪ]

/ˈmá:.de.zi/

‘esquilo’

d) ['wa.li.mɛ]

/ˈwa.li.me/

‘casado’

e) [jẽm.'pe.t̥i]

/je.ni.'pe.t̥i/

‘criança’

O fone bilabial nasal sonoro [m] é entendido aqui como fonema próprio dentro do sistema fonológico do Baniwa-Kuripako. Ele ocorre foneticamente em posição de aclave e declive silábico, em posições átonas e tônicas, início e fim de palavra. Defendemos aqui que sua ocorrência fonológica em coda é vetada, já que há uma restrição em que consoantes fonológicas não ocupam posição de coda. Assim, os casos em que se observa a nasal bilabial [m] em declive seriam decorrentes de um apagamento vocálico, resultado em apagamento silábico, o que obriga a consoante a

migrar para outra sílaba, preferindo neste caso o declive da sílaba precedente. O fonema /m/ também se realiza como [m̥] ou [ɸ] entre vogais nasalizadas diante de /h/. Os exemplos para estas ocorrências, veremos em 4.3.2.2..

O fonema /n/

O fonema /n/ realiza-se como nasal alveolar sonora [n] em Baniwa, (55), e Kuripako, (56), do mesmo modo nas mesmas palavras:

(55) /n/ em Baniwa

- a) [nê:.zɪ]
/né:.zɪ/
'veado'
- b) [ma.'na.k^he]
/ma.'na.khe/
'açai'
- c) [wa.'no.zɔ]
/wa-'nu.zɔ/
1Pl-pescoço
'nosso pescoço'
- d) [nõ:.'ni.te]
/nu-'u.ni-te/
1Sg-água-sp
'minha água'
- e) [aj.'ni.dzɔ]
/ai.'ni.dzɔ/
'carapanã'
- f) [a.tʃjẽn.li]
/a.tsia.na.li/
'macho'

(56) /n/ em Kuripako

- a) [nê:.zɪ]
/né:.zɪ/
'veado'
- b) [ma.'na.k^he]
/ma.'na.khe/
'açai'
- c) [wa.'no.zɔ]
/wa-'nu.zɔ/
1Pl-pescoço
'nosso pescoço'
- d) [nǒ:.'ni.te]
/nu-'u.ni-te/
1Sg-água-sp
'minha água'
- e) [aj.'ni.jɔ]
/ai.'ni.dzu/
'carapanã'
- f) [a.tʃjɛn.li]
/a.tsia.na.li/
'macho'

A nasal alveolar sonora [n] aparece nos mais diversos contextos, tanto em posição de aclave quanto declive silábico, sendo no início de palavra, em posição tônica, átona e em diversos contextos vocálicos. Pode ainda realizar-se como [ŋ] ou [h] entre vogais nasalizadas diante de /h/ como veremos em 4.3.2.2..

O fonema /ɲ/

O fonema /ɲ/ realiza-se como nasal palatal vozeada /ɲ/ e não ocorre diante de /i/. Os exemplos abaixo nos indicam exemplos para Baniwa em (57) e Kuripkao, em (58).

(57) /ɲ/ em Baniwa

- a) [ʎa.wa.pu]
/ʎa.wa.pu/
'igarapé'
- b) [ʎe.po.li]
/ʎe.pu.li/
'jacinta'
- c) [kě:.'ʎa.pe]
/kè:.'ʎa.pe/
'suado'
- d) [ĩ.'ʎaj.pi]
/i.'ʎai.pi/
'osso'
- e) [no.ʎo.'koj.tə]
/nu-ʎu.'ku-i.ta/
1 Sg.sacudir.caus
'eu sacudo'

(58) /ɲ/ em Kuripako

- a) [ʎẽ.^mbu]
/ʎa.ni.bu/
'jambo'
- b) [ʎe.pu.li]
/ʎe.pu.li/
'jacinta'
- c) [kě:.'ʎa.pe]
/ké:.'ʎa.pe/
'suado'
- d) [ĩ.'ʎaj.pi]
/i.'ʎai.pi/
'osso'
- e) [no.ʎo.'koj.tə]

/nu-ɲu.'kui.ta/
 1Sg-sacudir-caus
 ‘eu sacudo’

O fone [ɲ] aparece em diversos contextos vocálicos, sendo eles início e meio de palavra, em posição tônica e átona. Há, portanto, uma restrição de /ɲ/ diante de /i/ assim como ocorre com outra consoante palatal, /j/, também bloqueado diante de /i/. Este fonema pode realizar-se também como [ɲ̃] ou [ç̃] entre vogais nasalizadas diante /h/ como veremos em 4.3.2.2..

4.3.2.2. CONSOANTES SOANTES ENSURDECIDAS POR /h/

Quanto aos fones ensurdecidos, não os consideramos fonemas próprios, mas duas consoantes fonológicas /CC/. Todos os fonemas que fazem parte da classe natural das soantes têm suas ocorrências ensurdecidas como mencionamos anteriormente: [m̃] ou [ɸ], o último com nasalização das vogais vizinhas, como ocorrências de /mh/; [ɲ̃] ou [h̃] com nasalização das vogais vizinhas para garantir o traço nasal, como ocorrências de /nh/; [ɲ̃] ou [ç̃], este último também com nasalização das vogais vizinhas para garantir o traço nasal, como ocorrências de /ɲh/; [ɲ̃] ou [ç̃] como ocorrências de /lh/; [hw], como ocorrências de /wh/; [ç̃], como ocorrências de /ɟh/; e [ʃ] em Baniwa e [ç̃] Kuripako como ocorrências de /jh/.

Em nossas transcrições, optamos por representar fonologicamente os glides com /h/ na sequência /Ch/ considerando o caráter consonantal destes fones nesses contextos, pois o padrão silábico indica, como veremos mais adiante, sempre uma consoante qualquer e a consoante aspirada na sequência. Apesar disso, motivados pela escala de sonoridade⁵, foneticamente os segmentos indicados /Ch/ realizam-se [hw] no

⁵ A escala de sonoridade é uma sequência proposta para as línguas naturais que motiva a organização hierárquica dos segmentos com base na sonoridade desses elementos numa palavra, cf. Selkirk (1984).

caso de /wh/ e [ʃ] (Baniwa) ou [ç] (Kuripako) no caso de /jh/. Apresentamos abaixo nossa representação abstrata e as suas realizações fonéticas do Baniwa:

(59)

- a) O fonema /m/ com /h/ realiza-se [ᵐ] ou [ᶓ] como variantes livres:

[ti.'dzê:.ᵐẽ.ni] ~ [ti.'dzê:.ᶓẽ.ni]
/ti.dzé:.mhe.ni/
'carvão'

- b) O fonema /n/ com /h/ realiza-se [ᵎ] ou [h] como variantes livres:

[mã.'ᵎê:ni] ~ [mã.'hê:ni]
/ma.nhé:.ni/
'veneno'

- c) O fonema /ɲ/ com /h/ realiza-se [ɲ] ou [ç] como variantes livres:

['noĩ.ɲã] ~ ['noĩ.çã]
/nu-i.ɲha/
1Sg-comer
'eu como'

- d) O fonema /l/ com /h/ realiza-se [ɭ] antecedido pelas vogais posteriores e [ʂ]

antecedido pelas vogais anteriores.

[dê:.ɲĩ.'k^ha.da.no.ɭiw]
/dé:.nhi.kha.da-nu-lhiu/
empregado-1Sg-dat
'meu empregado'

[dê:.ɲĩ.'k^ha.da.wa.ɭiw]
/dé:.nhi.kha.da-wa-lhiu/
empregado-1Pl-dat
'nosso empregado'

[dê:.ɲĩ.'k^ha.da.pi.ʂiw]
/dé:.nhi.kha.da-pi-lhiu/
empregado-2Sg-dat
'teu empregado'

e) O fonema /z/ juntamente com /h/ realiza-se [ʒ] como variantes livres:

['pa.ʒə]
/pa-zha/
Imp-sobrinha
'sobrinha da gente/sobrinha das pessoas'

f) O fonema /j/ juntamente com /h/ realiza-se [ʃ]

[nu.'ʃa.də]
/nu-jha.da/
1Sg-barriga
'minha barriga'

g) O fonema /w/ com /h/ realiza-se [hw]

['hwe.pə]
/wa-hi.pa/
1Pl-pegar
'nós pegamos'

[kô:.hwe]
/'kú:.whe/
'saúva'

De todas as representações fonológicas, a que apresentou maior complexidade de análise foi a sequência /jh/ cuja realização fonética é [ʃ]. Bem por regra de exclusão, a última consoante que restaria na no processo de juntura com /h/ seria o /j/. Como vimos a respeito da escala de sonoridade a sequência [jh] não parece provável, mas sim o inverso. Diante de um glide vimos que a consoante /h/ realiza-se [ç]. De fato em Kuripako, este fone se mantém. Contudo, em Baniwa, temos o fone [ʃ] inexistente em Kuripako. Logo, chegamos a conclusão que [ʃ] é uma metátese de /jh/.

Vejamos agora, em Kuripako, as ocorrências correspondentes dos exemplos que foram apresentados acima:

(60)

- a) O fonema /m/ com /h/ realiza-se [m̩]

[ti.'jê:.m̩ẽ] ~ [ti.'jê:.ϕẽ.]

/ti.dzé:.mhe/

‘carvão’

- b) O fonema /n/ com /h/ realiza-se [n̩]

[mã.'n̩ê:ni] ~ [mã.'h̩ê:ni]

/ma.nhé:.ni/

‘veneno’

- c) O fonema /ɲ/ com /h/ realiza-se [ɲ̩]

['noĩ.ɲ̩ã] ~ ['noĩ.çã]

/nu-i.ɲha/

1Sg-comer

‘eu como’

- d) O fonema /l/ com /h/ realiza-se [l̩] antecedido pelas vogais posteriores e [ʂ]

antecedido pelas vogais anteriores.

[dê:.ɲĩ.'k^ha.da.no.l̩iw]

/dé:.nhi.kha.da-nu-lhiu/

empregado-1Sg-dat

‘meu empregado’

[dê:.ɲĩ.'k^ha.da.wa.l̩iw]

/dé:.nhi.kha.da-wa-lhiu/

empregado-1Pl-dat

‘nosso empregado’

[dê:.ɲĩ.'k^ha.da.pi.ʂiw]

/dé:.nhi.kha.da-pi-lhiu/

empregado-2Sg-dat

‘teu empregado’

- e) O fonema /z/ juntamente com /h/ realiza-se [ʂ] como variantes livres:

[pa.ʂə]

/pa-z̥ha/
 Imp-sobrinha
 ‘sobrinha da gente/sobrinha das pessoas’

f) O fonema /j/ com /h/ realiza-se [ç]

[no.'çja.də]
 /nu-jhada/
 1Sg-barriga
 ‘minha barriga’

g) O fonema /w/ com /h/ realiza-se [ϕ]

[ʔε.pə]
 /wa-hipa/
 1Pl-pegar
 ‘nós pegamos’

[kô:.ϕe]
 /'kú:.whe/
 ‘saúva’

As duas formas apresentadas acima para cada ocorrência, consistem em variações livres de cada fonema, à exceção de f, em que não há outras variantes livres e d, em que há uma restrição para [ɺ] antecedido de /e/ e /i/, ocorrendo, nesse caso [ʃ], esse é um caso de neutralização na língua em que a oposição entre os fonemas /z/ e /ɺ/ se neutraliza.

4.3.2.3. OBSTRUINTES

O conjunto das consoantes obstruintes é a série com a maior quantidade de fonemas em Baniwa-Kuripako. É uma série composta por duas classes: (1) a das desvozeadas /p/, /t̥/, /t/, /ts/, /k/ e /h/; e (2) a das vozeadas /b/, /d/ e /dz/. Em Baniwa do Içana, as obstruintes opõem-se às soantes.

Demonstraremos, na sequência, as ocorrências desses fonemas, ou seja, as distintas realizações fonéticas e as neutralizações. Os conjuntos de exemplos de numeração (romana) ímpar correspondem ao Baniwa e os pares, ao Kuripako. Vejamos os fonemas desvozeados em oposição aos vozeados quando estes tiverem os seus correspondentes não marcados.

O fonema /p/

Este fonema realiza-se como oclusiva bilabial surda [p].

(61) /p/ em Baniwa

- a) ['dâ:.pə]
/dâ:.pa/
'paca'
- b) [li.'ta.pe]
/li.'ta.pe/
'telhado'
- c) [pî:.pe.zɨ]
/pî:.pe.zɨ/
'pupunha'
- d) ['pi:..zɨ.dzə]
/pi:..zɨ.dzə/
'abacate'
- e) ['na.wa.pu]
/na.wa.pu/
'riacho'
- f) ['po.we]
/pu.we/
'macaco'

(62) /p/ em Kuripako

- a) ['dâ:.pə]
/'dá:.pa/
'paca'
- b) [li.'ta.pe]
/li.'ta.pe/
'telhado'
- c) ['pî:.pe.zɨ]
/'pí:.pe.zi/
'pupunha'
- d) ['pi:.zi.jə]
/'pi:.zi.dzə/
'abacate'
- e) ['i.ni.paw]
/'i.ni.pau/
'riacho'
- f) ['po.we]
/'pu.we/
'macaco'

Pudemos observar a ocorrência de [p] nos mais diversos contextos, sendo estes início de palavra, meio de palavra, precedido e antecedido das mais diversas ocorrências vocálicas. Não ocorrendo em posição de declive, nem como segundo elemento de aclave silábico.

O fonema /b/

Este fonema realiza-se como oclusiva bilabial surda [b] e se opõe por par análogo ou ambiente semelhante no par em ['pô:.pe.zɨ] 'bacaba' x [bô:.'bô:.pe] 'pupunha do Rio Içana'.

(63) /b/ em Baniwa

- a) [bĩ.no.li]
/bi.nu.li/
'curupira'
- b) [bo.lo.bo.'lõ:m.da.le]
/bu.lu.bu.'lù:mi.da.le/
'rachado'

(64) /b/ em Kuripako

- a) [bĩ.no.li]
/bi.nu.li/
'curupira'
- b) [bo.lo.bo.'lõ:m.da.le]
/bu.lu.bu.'lù:mi.da.le/
'rachado'

O fonema /b/ é um fonema que aparece em bem poucas palavras. Ele forma uma bilateral e privativa com /p/, já que /p/ não carrega o traço vozeado.

O fonema /t̥/

Este fonema realiza-se como oclusiva dental surda [t̥] e se opõe a [t] como no par mínimo ['a:te] 'uariri' x ['a:̥te] 'pimenta', não sendo, portanto, variantes do mesmo fonema. Em línguas aparentadas, relaciona-se a [θ] e a [s] (cf. Ramirez 2001).

(65) /t̥/ em Baniwa

- a) [t̥á:.zɔ]
/'tá:.zɔ/
'tamanduá'
- b) ['â:.t̥] /
/'á:.t̥/
'pimenta'
- c) [ka.'pi.t̥]

/ka.'pi.t̥i/
 'quati'

- d) ['kê:.t̥u]
 /'ké:.tu/
 'capivara'

(66) /t̥/ em Kuripako

a) ['t̥â:.z̥u]
 /'t̥á:.zu/
 'tamanduá'

b) ['â:.t̥i]
 /'á:.ti/
 'pimenta'

c) [ka.'pi.t̥i]
 /ka.'pi.t̥i/
 'quati'

d) ['kê:.t̥u]
 /'ké:.tu/
 'capivara'

O fonema /t̥/

Este fonema realiza-se oscilando entre uma oclusiva alveolar surda [t̥] ou ligeiramente retroflexa [t̥].

(67) /t̥/ em Baniwa

a) [li.'ta.k^hâ:]
 /li.'ta.khá:/
 3SgM-cortar
 'ele corta'

b) [i.'te.wi.d̥ə]
 /i.'te.wi.da/

‘buriti’

c) [t̥õ:.pɪ]

/tù:.pi/

‘marimbondo’

d) [dza.mo.'li.tu]

/dza.mu.'li.tu/

‘porco do mato’

(68) /t/ em Kuripako

a) [li.'ta.k^hâ:]

/li.'ta.khá:/

3SgM-cortar

‘ele corta’

b) [i.'te.βi.də]

/i.'te.wi.da/

‘buriti’

c) [t̥õ:.pɪ]

/tù:.pi/

‘marimbondo’

d) [ja.mo.'li.tu]

/dza.mu.'li.tu/

‘porco do mato’

Pudemos constatar a ocorrência de [t] nos mais diversos contextos, em início de palavra, meio de palavra, precedido e antecedido das mais diversas ocorrências vocálicas. Não ocorrendo em posição de coda, nem como segundo elemento de aclave silábico. Ao fonema /t/, opõe-se o fonema /d/.

O fonema /d/

Este fonema realiza-se, oscilando entre uma oclusiva alveolar sonora [d] ou ligeiramente retroflexa [ɖ].

(69) /d/ em Baniwa

- a) [ˈdâ:.pə]
/ˈdá:.pa/
‘paca’
- b) [de.ˈz̥i.tʃɪ]
/de.ˈzi.tsi/
‘banana’
- c) [ˈdô:.pu]
/ˈdú:.pu/
‘calango’
- d) [di.ˈʊ]
/diu/
‘deus’
- e) [ˈmâ:.de.zɛ]
/ˈmá:.de.zɛ/
‘esquilo’
- f) [ˈno.djə]
/nu-dia/
‘eu volto’
- g) [hê:.ni.ˈʔa.də]
/hê:.ni.ˈʔa.da/
‘brinco’
- h) [pi.do.ˈpi.tʃɪ]
/pi-du-ˈpi.tsi/
2Sg-peneira
‘tua peneira’

(70) /d/ em Kuripako

- a) [ˈdâ:.pə]
/ˈdâ:.pa/
‘paca’
- b) [de.ˈzi.tʃɪ]
/de.ˈzi.tsi/
‘banana’
- c) [ˈdô:.pu]
‘calango’
/ˈdú:.pu/
- d) [di.ˈju]
/di.u/
‘deus’
- e) [ˈmâ:.de.zɛ]
/ˈmâ:.de.zɛ/
‘esquilo’
- f) [ˈno.djə]
/nu-dia/
1Sg-voltar
‘eu volto’
- g) [hê:.ni.ˈʔa.də]
/hê:.ni.ˈʔa.da/
‘brinco’
- h) [pi.do.ˈpi.tʃɪ]
/pi-du-ˈpi.tsi/
2Sg-peneira
‘tua peneira’

Este fonema ocorre nos mesmos contextos que /t/ e pode ocorrer com qualquer vogal, sem restrições, formando uma oposição bilateral e privativa em que /d/ carrega o traço vozeado.

Pudemos constatar a ocorrência de [t] nos mais diversos contextos, em início de palavra, meio de palavra, precedido e antecedido das mais diversas ocorrências

vocálicas, não ocorrendo em posição de coda, nem como segundo elemento de aclave silábico, nem como elemento de declive. Este fone ocorre nos mesmos contextos que [t], porém não possui uma contra parte vozeada. Este fonema está em oposição equipolente com os outros fonemas da mesma classe, ou seja, com as outras obstruintes descontínuas.

O fonema /ts/

Este fonema realiza-se como [ts] africada alveolar surda e [tʃ] africada pós-alveolar surda em Baniwa (71) e somente [tʃ] em Kuripako (72).

(71) /ts/ em Baniwa.

- a) [tsa.'la.tə]
/tsa.'la.ta/
'terçado'
- b) ['pi.tse.zɪ]
/'pi-tse.zi/
2Sg-cunhado
'teu cunhado'
- c) [p^hi:.tʃɪ]
/'phí:.tsi/
'cotia'
- d) [ka.'tʃi.zɪ]
/ka.'tsi.zi/
'jacaré'
- e) [wa.'tso.tə]
/wa-'tsu.ta/
1Pl-unha
'nossa unha'

(72) /ts/ em Kuripako

- a) [tʃa.'la.tə]
/tsa.'la.ta/
'terçado'
- b) ['pi.tʃe.zɪ]
/'pi-tse.zi/
2Sg.cunhado
'teu cunhado'
- c) ['pʰi:.tʃɪ]
/'phí:.tsi/
'cotia'
- d) [ka.'tʃi.zɪ]
/ka.'tsi.zi/
'jacaré'
- e) [wa.'tʃo.tə]
/wa-'tsu.ta/
1Pl.unha
'nossa unha'

Esses dois fones correspondem à alofonia de /ts/, sendo que [tʃ] é a realização de /ts/ diante de /i/ e [ts] é a realização de /ts/ nos demais contextos, como vimos nos exemplos acima. Ambos os fones não podem ocorrer em posição de declive na sílaba, nem como segundo elemento do aclave, restringindo-se, portanto somente a posição de aclave, assim como todas as outras obstruintes e soantes. Contudo, diferentemente do Baniwa que apresenta realizações fonéticas distintas entre [tʃ] e [ts] para o fonema /ts/, em Kuripako, apenas há a realização fonética [tʃ]

O fonema /dz/

Este fonema realiza-se como africada alveolar sonora [dz] e africada pós-alveolar sonora [dʒ] em Baniwa e aproximante palatal [j] em Kuripako.

(73) /dz/ em Baniwa

- a) ['lí:.dzə]
/li-i.dza/
3SgM-chorar
'ele chora'
- b) [zɔ.t^{hi}.wê:.dzɔ]
/zɔ-thi.wé:.dzu/
3SgF-sobrancelha
'sobrancelha dela'
- c) ['dzê:.kə]
/dzé:.ka/
'seringa'
- d) ['dzô:.kə]
/dzú:.ka/
'machado'
- e) ['dʒî:.zɔ]
/dzí:.zɔ/
'grilo'

(74) /dz/ em Kuripako

- a) ['lí:.jə]
/li-i.dza/
3SgM.chorar
'ele chora'
- b) [zɔ.t^{hi}.wê:.jɔ]
/zɔ-thi.wé:.dzu/
3SgF-sobrancelha
'sobrancelha dela'
- c) ['je:.kə]
/dzé:.ka/
'seringa'

- d) ['jô:.kə]
/dzú:.ka/
'machado'
- e) ['dî:.zɔ]
/dzí:.zɔ/
'grilo'

Neste fonema, há uma alofonia entre africada alveolar sonora [dz] e africada pós-alveolar sonora [dʒ] na variante Baniwa, em que esta última ocorre diante de /i/. O fonema /dz/ não ocorre nem em declive, nem como segundo elemento do aclave. Ele forma uma oposição bilateral e privativa com /ts/, pois carrega o traço vozeado.

O termo para grilo ['dî:.zɔ] não parece ser o mais recorrente em Kuripako, como apresentado em (74) e), porém quando solicitados que lessem a palavra *dziiro*, os falantes produziam ['dî:.zɔ] sem [j] ou [dʒ], mas com [d], provavelmente pela restrição que ocorre de [j] diante de /i/ e porque o fone [dʒ] não existe em Kuripako

O fonema /k/

Este fonema realiza-se como oclusiva velar surda [k].

(75) /k/ em Baniwa

- a) ['kaj.nɪ]
/'kai.ni/
'mandioca'
- b) [no.ne.'wi.ki.ke]
/nu-ne.'wi.ki-ke/
1SgM-pessoa-sp
'minha pessoa'
- c) ['â:.ɬe.kɪ]
/â:.ɬe.ki/

‘pimenta’

d) [pi.'ko.də]

/pi-'ku.da/

2Sg-peito

‘teu peito’

e) ['kâ:kõ.ŋõ.^{wə}]

/nu-'ká:ku/

1Sg-falar

‘eu falo’

(76) /k/ em Kuripako

a) ['kaj.nɪ]

/'kai.ni/

‘mandioca’

b) [no.ne.'wi.ki.ke]

/nu-ne.'wi.ki-ke/

1SgM-pessoa-sp

‘minha pessoa’

c) ['â:̣.ɬe.kɪ]

/â:̣.ɬe.ki/

‘pimenta’

d) [pi.'ko.də]

/pi-'ku.da/

2Sg-peito

‘teu peito’

e) ['no.kâ:kɔ]

/nu-ká:ku/

1Sg-falar

‘eu falo’

Este é um fonema extremamente corrente na língua. É um fonema que pode aparecer nos mais diversos contextos, sem apresentar alofonias. Entretanto, ele não

aparece em declive, nem como segundo elemento do aclave. Este fonema está em oposição equipolente com os outros fonemas da mesma classe.

O fonema /h/

Este fonema realiza-se como fricativa velar surda [h] e fricativa palatal surda [ç] diante de /i/.

(77) /h/ em Baniwa

- a) [háj.ku]
/hai.ku/
‘árvore’
- b) [hê:.zɨ]
/hê:.zɨ/
‘mutuca’
- c) [çi.paj]
/hi.pai/
‘terra’
- d) [pa.da.çî:.paj]
/pa.da.'hí:.pai/
‘planeta’
- e) [pi.'çi.ku]
/pi-hi.ku/
2Sg-nascer
‘tu nasces’
- f) [ho.ho.'de.nɨ]
/hu.hu.'de.ni/
‘nome de um dos clãs Baniwa’

Este fonema é o que gera o maior número de processos na língua. É um fonema extremamente recorrente. Dentro das obstruintes, é o único contínuo. Com

vogais, há uma alofonia, em que ele realiza-se [ç] diante de /i/ e /h/ nos demais contextos.

(78) /h/ em Kuripako

- a) [háj.ku]
/hai.ku/
'árvore'
- b) [hê:.zɪ]
/hê:.zɪ/
'mutuca'
- c) [çi.paj]
/hi.pai/
'terra'
- d) [pa.da.'çî:.pai]
/pa.da.'hí:.pai/
'planeta'
- e) [pi.'çi.ku]
/pi-hi.ku/
2Sg-nascer
'tu nasces'
- f) [ho.ho.'de.nɪ]
/hu.hu.'de.ni/
'nome de um dos clãs Baniwa'

O fonema /h/ é a única consoante que pode aparecer em posição de segundo elemento no aclave silábico. Neste caso, em que /h/ forma um onset ramificado (acrive) junto com uma obstruinte vozeada, esta consoante se aspira, como uma obstruinte desvozeada, esta consoante se ensurdece e se torna aspirada também, gerando uma neutralização entre os elementos que estão em oposição bilateral por vozeamento. Nos casos em que /h/ encontra uma soante, esta se torna ensurdecida

ou pré-aspirada. Contudo, as consoantes soantes também podem realizar-se com ensurdecimento, porém em variação livre como consoantes (fonéticas) ensuredecidas.

Com soantes nasais, em Baniwa, ele pode ensurdecê-las ou realizar-se como fricativa glotal [h], bilabial [ɸ] ou palatal [ç], dependendo da consoante com que interage, nasalizando as vogais do entorno. Com obstruintes, este fonema aparece foneticamente como uma aspiração; se for uma obstruinte vozeada, além da aspiração há ensurdecimento. Nos casos com glides, ocorre metátese e uma variação de [h] com [w] e [ç] com glide vocálico e [j] com glide consonantal [j]. Vejamos:

(79)

- a) [pje.'ts^hã:.pə]
/pi-e:.tshà:.pa/
2Sg-gengiva
'tua gengiva'
- b) [p^hi.'wa.ka.wə]
/pi-hi.'wa.kawa/
2Sg-cair
'tu cais'
- c) [ᵑõ.^wə] ~ [hõ.^wə]
/nuha/
'eu'
- d) ['noĩ.ᵑã] ~ ['noĩ.çã]
/nu-i:.ᵑha/
1Sg-comer
'eu como'
- e) [ᵑô:.ko.lɪ] ~ [ɸô:.ko.lɪ]
/mhú:.ku.li/
'piraíba'
- f) [ᵑw̃ɛ.ko.le] ~ [hw̃ɛ.ko.le]
/nu-'hai.ku-le/

1Sg-árvore-sp
‘minha árvore’

- g) [‘lí:.fə]
/li-ijha/
3SgM-fezes
‘fezes dele’

Com soantes nasais, em Kuripako, ele pode ensurdecê-las ou realizar-se como fricativa glotal [h], bilabial [ɸ] ou palatal [ç], dependendo da consoante com que interage, nasalizando as vogais do entorno. Com obstruintes, este fonema aparece foneticamente como uma aspiração; se for uma obstruinte vozeada, além da aspiração há ensurdecimento. Vejamos:

(80)

- a) [pje.ʔj^hã:.pə]
/pi-e:.tshà:.pa/
2Sg-gengiva
‘tua gengiva’
- b) [p^hi.‘wa.ka.wə]
/pi-hi.‘wa.ka.wa/
2Sg-cair
‘tu cais’
- c) [‘n̥õ.ʷə] ~ [‘hõ.ʷə]
/nuha/
‘eu’
- d) [‘noĩ.n̥ã] ~ [‘noĩ.çã]
/nu-i:.nha/
1Sg-comer
‘eu como’
- e) [‘m̥ô:.ko.lɪ] ~ [‘ɸô:.ko.lɪ]
/mhú:.ku.li/

- ‘piraíba’
- f) [ᵑ̠w̃ɛ.ko.le] ~ [ᵑ̠w̃ɛ.ko.le]
/nu-'hai.ku-le/
1Sg-árvore-sp
‘minha árvore’
- g) [ʎi:çə]
/li-í:jha/
3SgM-fezes
‘fezes dele’
- h) [ʎe.βi.də]
/wa-'hiwida/
1Pl-cabeça
‘nossa cabeça’

Nos casos com glides, ocorre metátese e uma variação similar em que /wh/ se realiza como fricativa bilabial surda [ʎ], como visto em **(80 n)**, ao passo que em Baniwa é [hw], e /jh/ se realiza como fricativa palatal surda [ç], como visto em **(80 m)**, ao passo que em Baniwa é [ʃ].

4.3.2.4. CONSOANTES OBSTRUENTES ASPIRADAS POR /h/

A sequência de segmentos /p/+h/ realiza-se como oclusiva bilabial surda aspirada [p^h] e fricativa bilabial surda [ʎ].

(81) Baniwa

- a) [pa.'na.p^he]
/pa.'na.phe/
‘folha’
- b) [p^hĩ.mə]
/'phi.ma/
‘duro’

- c) [p^ho.^wa.k^he]
/phu.a.khe/
'macaxeira espremida'
- d) [hê:..ma.ɸə]
/há:.ma-paha/
cansar.3Imp
'a gente se cansa/as pessoas se cansam'
- e) [p^hje.ko.te]
/pi-haj.ku.te/
2Sg-árvore-sp
'tua árvore'
- f) [p^ha.'çi.ku]
/paha-'hi.ku/
Imp-crescer
'a gente cresce'
- g) [ɸa.'çi.ku]
/paha-'hi.ku/
Imp-crescer
'a gente cresce'

(82) Kuripako

- a) [pa.'na.p^he]
/pa.'na.phe/
'folha'
- b) [p^hĩ.mə]
/phima/
'duro'
- c) [p^ho.^wa.k^he]
/phu.a.khe/
'macaxeira espremida'
- d) [hê:..ma.p^hə]
/há:.ma-paha/
'a gente se cansa'

- e) [p^hje.ko.te]
/pi-haj.ku.te/
'tua árvore'
- f) [p^ha.'çi.ku]
/paha-'hi.ku/
'a gente cresce'

Este fone é resultado da junção do fonema /p/ com o fonema /h/, em que o último torna o primeiro aspirado. Ele ocorre tanto em palavras compostas, resultado de junção e metátese, quanto em palavras simples. Vimos que em (81), em Baniwa, temos uma oscilação entre [ɸ] e [p^h], enquanto que em (82), em Kuripako, temos sempre [p^h]. Assim, a ocorrência da fricativa bilabial surda [ɸ], em (81) a), foi registrada somente nas palavras dos falantes Baniwa, ocorrendo em variação livre com a oclusiva bilabial surda aspirada [p^h], embora [p^h] seja bem mais corrente e não pareça haver uma regra clara que motivando a alternância em Baniwa, pois nos mesmos contextos foi verificada essa alternância.

A sequência de segmentos /t/+h/ realiza-se como oclusiva alveolar surda aspirada [t^h].

(83) Baniwa

- a) [t^hâ:.zɸ]
/thá:.zɸ/
'mariposa'
- b) [t^he.'wa.ka.lɛ]
/the.'wa.ka.lhe/
'abaixo'
- c) [wa.na.wa.t^he.zɛ]
/wa-na.wa.'the.zɛ/
1Pl-cotovelo
'nosso cotovelo'

(84) Kuripako

- a) [tʰâ:.zə]
/thá:.zə/
‘mariposa’
- b) [tʰe.'wa.ka.lə]
/the.'wa.ka.lhe/
‘abaixo’
- c) [wa.na.wa.tʰe.zə]
/wa-na.wa.'the.zə/
1Pl-cotovelo
‘nosso cotovelo’

Este fone é resultado do encontro dos fonemas /t/ e /h/ e é encontrado em palavras, em início de palavra, fim de palavra, em posição átona e tônica e ocorre igualmente nas mesmas palavras em baniwa e em Kuripako.

O fone oclusivo dental surdo aspirado [tʰ] cuja forma subjacente é /tʰ/ é resultado da junção de /t/ com /h/.

- a) [i.tʰâ:]
/i.ʧa-jhá:/
preto-meio
‘meio preto’

Este fone não é frequente na língua, ocorrendo em processo de metátese de /h/ na palavra seguinte, aspirando a consoante [t]. Não foi encontrado nenhum caso de palavra, em Baniwa nem em Kuripako, contendo uma consoante oclusiva dental surda aspirada sem que esta tenha sido resultado de junção. O exemplo aqui apresentado foi transcrito nas duas variantes.

O fone africado alveolar surdo aspirado [tsʰ] e o pós-alveolar surdo aspirado [tʃʰ] ocorrem como alofones de /ts/ + /h/.

(85) Baniwa

- a) [li.'ts^ha.wə]
/li-'tsha.wa/
3SgM-rasgar
'ele rasga'
- b) [mâ:.tʃ^hi.'da.li]
/má:.tshi.'da.li/
'cerrado'
- c) ['koj.tʃ^hjə]
/kui.tsi + ijha/
mutum-fezes
'fezes de mutum'
- d) [ts^ho.'zâ:.zə]
/tshu.zá:.zə/
'soldado'

(86) Kuripako

- a) [li.'tʃ^ha.wə]
/li-'tsha.wa/
3SgM-rasgar
'ele rasga'
- b) [mâ:.tʃ^hi.'da.li]
/má:.tshi.'da.li/
'cerrado'
- c) ['kuj.tʃ^hjə]
/kuitsi + ijha/
mutum-fezes
'fezes de mutum'
- d) [tʃ^ho.'zâ:.zə]
/tshu.zá:.zə/
'soldado'

A variação entre as africadas alveolar e pós-alveolar, esta última, diante de /i/ em Baniwa, se mantém, também neste caso, em que estas consoantes são aspiradas, como vimos acima. Em Kuripako, vimos que a realização de /ts/ + /h/ é sempre [tʃ^h].

Nos casos de /dz/ com /h/, Ramirez (2001) demonstra que há ensurdecimento, como apresentamos nas ocorrências fonéticas deste capítulo:

- a) –túda ‘socar’ /nu-tú**da**-h**ini**/ ‘eu soquei’ - [notót^heni]
- b) –íidza ‘chorar’ /nu-í**idza**-h**ini**/ ‘eu chorei’ - [nóits^heni]

O exemplo acima (transcrito exatamente como faz o autor), porém, mostra o que ocorre em Baniwa. Em Kuripako, é provável que o segundo exemplo realize-se [nojçjeni], já que /dz/ realiza-se [j] em Kuripako, fone que em contato com /h/ sofre a seguinte metátese, [çj], representação fonética da sequência /jh/, e possivelmente de /dzh/ também. Contudo não dispusemos de dados no levantamento de palavras da língua para verificar isso. Vale lembrar que os dados apresentados são os apresentados por Ramirez (2001) com suas próprias transcrições fonéticas e fonológicas.

Assim sendo, em Kuripako, teríamos, portanto, uma neutralização da oposição das consoantes /dz/ versus /j/, o que não se dá em Baniwa, pois ambos têm realizações fonéticas distintas nesta variante. Em Kuripako, contudo a realização fonética dos dois fonemas é exatamente igual.

O fone [k^h], cuja forma abstrata é a juntura de dois fonemas /kh/, ocorre igualmente em Baniwa e em Kuripako.

(87) Baniwa

- a) [ma.'na.k^he]
/ma.'na.khe/
‘açai’
- b) [o.ni.'jo.k^ha:]
/'u.ni + 'ju.kha:/
rio-água
‘onda do rio’
- c) ['bi.k^hi.me]
/'bi.khi.me/

‘esmagado’

(88) Kuripako

- a) [ma.'na.k^he]
/ma.'na.khe/
‘açai’
- b) [o.ni.'ɲo.k^ha:]
/'u.ni + 'ɲu.kha:/
rio-onda
‘onda do rio’
- c) ['bi.k^hi.me]
/'bi.khi.me/
‘esmagado’

Em seguida, apresentaremos a nossa proposta de quadro fonológico consonantal do que, para nós, é a língua Baniwa-Kuripako. Assim, ele representa a fonologia das duas variantes. Nele não usaremos ponto ou modo de articulação fonéticos como costumamos ver em “quadros fonológicos” apresentados por outros autores para a língua, justamente por ser este um quadro fonológico.

Por outro lado, apesar de nossa perspectiva teórica ser, sobretudo, de base estruturalista, nos valeremos dos traços fonológicos propostos em *SPE*, que são inspirados nas ideias de correlações opositivas de Trubetzkoy e nos traços desenvolvidos por Jakobson e depois Chomsky e Halle.

Este quadro representa as oposições baseadas nas representações binárias das oposições. Utilizaremos os articuladores *labial*, *coronal*, *dorsal* e *glotal* para agruparmos os grandes conjuntos de fonemas e os traços binários.

Tabela 4.5. Quadro fonológico consonantal

		labial	coronal			dorsal	glotal
			+ dist	- dist	+ estr		
- soante	- vozeado	p	t̥	t	ts	k	h
	+ vozeado	b		d	dz		
+ soantes	+ nasal	m		n		ɲ	
	- nasal	w		ɺ	z̥	j	

4.4. CLASSIFICAÇÃO DAS OPOSIÇÕES

Uma vez que este trabalho tem subjacente as noções de sistema de oposições apresentadas por Trubetzkoy (1932), apresentamos agora a classificação das oposições distintivas dos fonemas em Baniwa do Içana com base na teoria das oposições. Enumeramos as seguintes oposições possíveis na língua, a saber, bilateral, proporcional, equipolente, isolada, neutralizável e constante:

4.4.1. OPOSIÇÃO BILATERAL

Em Baniwa, estão em oposição bilateral, na classe natural das obstruintes, os fonemas /p/ x /b/, /t/ x /d/, /ts/ x /dz/. Todos esses fonemas são caracterizados por uma oposição em que na oposição bilateral, a soma das características fonéticas comuns a ambos os membros de oposição é comum a esses pares de membros apenas. A distinção entre eles se dá pelo traço de vozeamento, /p, /t/ e /ts/: [-vozeados] contra /b/, /d/ e /dz/: [+vozeados], porém, ambos fonemas são [+consoante], [-sonorante], [-contínuo] e, respectivamente [+labial], [+coronal] e [+dorsal], sendo, assim, os únicos fonemas a compartilhar esses traços em Baniwa. Em Kuripako, contudo, a oposição /ts/ x /dz/, assume um aspecto mais de uma oposição equipolente, pois não há

uma relação mínima opositiva entre o feixe de traços como ocorre em Baniwa, ou talvez, /ts/ estaria numa oposição isolada. Por sua vez, na classe das soantes estão em oposição por nasalidade os fonemas /m/ x /w/, /n/ x /l/, /ɲ/ x /j/. Nestes casos, o que distingue os fonemas é a presença do traço [+nasal] tanto em Baniwa quanto em Kuripako.

4.4.2. OPOSIÇÃO PROPORCIONAL

Estão em oposição proporcional os pares de fonemas /p/ e /b/, /t/ e /d/, /ts/ e /dz/, pois a oposição entre eles é idêntica à que entre ocorre cada par de membros apresentados. Dessa forma, a oposição entre /p/ e /b/ é considerada, proporcional, pois, na mesma língua, há outros pares que mantêm a mesma relação de oposição entre si, sendo o traço vozeado o que opera no jogo distintivo fazendo que haja uma escala proporcional da oposição dos pares.

4.4.3. OPOSIÇÃO EQUIPOLENTE

As oposições entre /t/ x /t̥/, /ts/ x /t̥s/, /b/ x /d/, /k/ x /h/ são oposições ‘logicamente equivalentes’, ou seja, não é possível distinguir um membro da oposição como possuidor de uma marca que falta no outro. Não é possível caracterizar os dois membros como diferentes pelo grau de alguma propriedade fonética. Assim, /t̥/ e /t/ estabelecem uma relação opositiva equipolente, pois diferem por características fonético-articulatórias, que envolvem pontos de articulação diferentes. Enquanto que em /t̥/ a articulação envolve a ponta da língua e o alvéolo, em /t/ a articulação envolve a ponta da língua e o dente superior.

4.4.4. OPOSIÇÃO NEUTRALIZÁVEL

A oposição que há entre os fonemas oclusivos surdos e sonoros /p/ x /b/, /t/ x /d/, e o par de africadas /ts/ x dz/, sofre neutralização quando as vozeadas encontram o fonema /h/. Como vimos anteriormente o fonema /h/ gera processos de aspiração nas surdas e ensurdecimento nas vozeadas e soantes. No caso das obstruintes vozeadas, elas ensurdecem-se e depois aspiram-se. Devido a isso, os segmentos vozeados /b/ e /d/ realiza-se como [p^h] e [t^h], gerando aí uma neutralização nos moldes da teoria de Trubetzkoy, em que os dois pares de fonemas cuja oposição é bilateral se neutralizam. O mesmo ocorre com [dz] que se realiza [ts^h]. Também há neutralização entre as vogais longas e breves por regras de redução moraic, em que a vogal se reduz para receber um sufixo com uma mora a mais e assim manter o mesmo número de moras no item lexical. Esta oposição se dá tanto em Baniwa quanto em Kuripako.

Há ainda, entre o par de soantes /l/ x /z/, uma oposição que deixa de existir em determinados contextos. Essa oposição entre estes fonemas não é bilateral no sentido Trubetzkoyano, entretanto, não se pode negar que deixa de haver oposição entre os dois fonemas após vogais anteriores abertas /i/, /i:/ e vogais anteriores baixas /e/ e /e:/, já que há, nesses contextos, restrição na ocorrência de /l/ em detrimento de /z/ respectivamente.

4.4.5. . OPOSIÇÃO ISOLADA

A oposição do fonema /t/ é uma oposição isolada, pois, ao contrário do que ocorre com a série de fonemas que estão em oposição proporcional, este fonema não tem um par oposto contrapondo-se em termos de vozeamento. O mesmo ocorre com os fonemas /k/, /h/, /m/ e /ɲ/ que não têm um par opositivo, porém opõem-se a todos

os demais fonemas da língua. Dentre todos, a oposição isolada mais interessante talvez seja a que ocorre entre /h/ e os demais fonemas da língua. Esta peça interage com os demais fonemas operando importantes processos fonológicos. Em Kuripako, /ts/ também parece assumir uma relação de oposição isolada, já que seu par opositivo realiza-se [j]. No grupo das soantes, /z/ está em oposição isolada.

4.4.6 OPOSIÇÃO CONSTANTE

As oposições entre /m/ x /n/, /t̥/ x /t/, /ts/ x /t/, /b/ x /d/, /w/ x /j/, /p/ x /b/, /t/ x /d/, /ts/ x /dz/, /t̥/ x /t/, /ts/ x /t̥/, /k/ x /h/ são de caráter constante, pois podem ocorrer em todas as posições possíveis em que esses elementos venham a ocorrer, sem haver neutralização dessa oposição.

4.5. PROCESSOS FONOLÓGICOS

Demonstraremos, agora, os principais processos fonológicos observados na língua e como eles são importantes para ajudar a decidir adequadamente na classificação e definição dos fonemas do Baniwa e a entender seu comportamento na busca do padrão silábico da língua. Apresentaremos, primeiramente, o processo de *palatalização*, pelo qual passam os fonemas /ts/, /dz/ e /h/.

Na sequência, observaremos os processos de *nasalização* envolvendo os fonemas vocálicos com consoantes nasais. Em seguida, apresentaremos casos de *apagamento* silábico, dessa vez envolvendo sílabas com o fonema /h/, em que se observam (1) a ocorrência de consoantes aspiradas, no caso das obstruintes descontínuas desvozeadas; (2) a ocorrência de consoantes ensurdecidas, com as soantes, devido à sua assimilação; e (3) metátese, com os glides.

Por último, apresentaremos casos de coalescência e alongamento vocálicos, *sandhi*, em que vogais unem-se formando um novo segmento ou alongando-se.

4.5.1. PALATALIZAÇÃO

Os primeiros casos de palatalização que demonstraremos aqui são os que envolvem os fonemas obstruinte descontínua vozeada /ts/ e obstruinte descontínua desvozeada /dz/. A palatalização ocorre diante da vogal alta anterior /i/, onde as consoantes assimilam o traço fonético [+ alto] da vogal /i/, que é alta, logo produzida na região do palato duro.

(89) Baniwa

- a) [tʃẽ.me]
/tʃa.me/
‘cerrado’
- b) [pi.'tse.zɪ]
/pi.'tse.zi/
‘meu cunhado’
- c) [tʃi.pa.'lâ:.pi]
/tsi.pa.'lá:.pi/
‘panela’
- d) ['koj.tʃi]
/'kui.tsi/
‘mutum’
- e) [tʃû:.me]
/'tʃú:.me/
‘perto’

(90) Kuripako

- a) [tʃẽ.me]

- /tʃa.me/
‘cerrado’
- b) [pi.'tʃe.zɪ]
/pi.'tse.zi/
1 Sg-cunhado
‘meu cunhado’
- c) [tʃi.pa.'lâ:.pi]
/tsi.pa.'lá:.pi/
‘panela’
- d) ['koj.tʃɪ]
/'kui.tsi/
‘mutum’
- e) ['tʃû:.me]
/'tsú:.me/
‘perto’

Vimos que diante de /i/ há palatalização, ou seja [tʃ] só ocorre diante de vogal alta anterior em Baniwa. Porém, em Kuripako, só ocorre [tʃ], logo o fonema correspondente em Kuripako é /ts/ sem alofonia como mostrado em II.

Em Baniwa, o mesmo processo ocorre com sua correspondente vozeada, /dz/, vejamos em (91):

(91) Baniwa

- a) ['dzâ:.wi]
/'dzá:.wi/
‘onça’
- b) ['dzê:.mə]
/'dzé:.ma/
‘tabaco’
- c) ['dzî:.zɥ]
/'dzí:.zɥ/

‘grilo’

- d) [ʽdzô:.kə]
/dzú:.ka/
‘machado’

(92) Kuripako

- a) [ʽjâ:.βɪ]
/dzá:.wi/
‘onça’

- b) [ʽjê:.mə]
/dzé:.ma/
‘tabaco’

- c) [ʽdî:.zɸ]
/dzí:.zɸ/
‘grilo’

- d) [ʽjô:.kə]
/dzú:.ka/
‘machado’

Com isso, demonstramos que o processo de palatalização que afeta o fonema /dz/ em Baniwa, não é o mesmo que ocorre em Kuripako. Em Kuripako, só ocorre uma aproximante palatal na representação fonética, [j], assim como vimos que só ocorre a africada pós-alveolar [tʃ].

Nesse processo, articulatoriamente falando, as consoantes /h/, ts/ e /dz/ assimilam o traço fonético [+ alto] da vogal /i/, por isso o processo de palatalização. Contudo, o fonema consonantal que se palataliza de fato é /h/ que ocorre como uma consoante palatal plena [ç].

Vejam os casos de palatalização com /h/. (93), para Baniwa e (94), para Kuripako:

(93) Baniwa

- a) [ʰa.pe.zɪ]
/ha.pe.zi/
‘frio’
- b) [ʰẽ:.mə]
/hẽ:.ma/
‘anta’
- c) [çi.'pẽn.də]
/hi.'pa.ni.da/
‘grosso’
- d) [ʰo.zɛ]
/hu.zɛ/
‘muito’
- e) [i.ʃə]
/i.jha/
‘fezes’
- f) [ʰkoj.tʃʰjə]
/kui.tsi + i.jha/
mutum-fezes
‘fezes de mutum’
- g) [ʰẽ:.ma.çjə]
/há:.ma-ih/
cansar-2Pl
‘vocês se cansam’

(94) Kuripako

- a) [ʰa.pe.zɪ]
/há.pe.zi/

- ‘frio’
- b) [hẽ:.mə]
/hẽ:.ma/
‘anta’
- c) [çi.'pãn.də]
/hi.'pa.ni.da/
‘grosso’
- d) [ho.zɛ]
/hu.zɛ/
‘muito’
- e) [i.çə]
/i.jha/
‘fezes’
- f) [koj.tʃʰjə]
/kui.tsi + i.jha/
mutum-fezes
‘fezes de mutum’
- g) [hẽ:.ma.çjə]
/há:.ma-iha/
cansar-2Pl
‘vocês se cansam’

Vimos com estes exemplos que /h/ se realiza como o fone [ç] diante de /i/ como nos mostrou o caso d em (93) e (94). No caso g em ambos, ocorre igualmente, contudo, ele nos aponta um caso de metátese. Um fato que nos ajuda na definição entre glide vocálico e consonantal é que /h/, quando ocorre com [j] fonologicamente vocálico /i/, realiza-se como [çj], ao passo que com [j] consonantal /j/, realiza-se [ʃ], sendo caso de metátese de /h/ em Baniwa. Já em Kuripako, essa distinção não ocorre, pois sempre que [h] ocorrer diante de glide, consonantal ou vocálico fonologicamente, teremos a mesma ocorrência fonética.

Os exemplos *g*, em (93) e (94), apresentam um pronome posposto ao verbo, esses pronomes ocorrem com aspiração, no caso das obstruintes, ou enurdecimento, no caso das soantes, em posição pós verbal e tem relação com o sistema de alinhamento verbal, uma vez que essa língua é classificada como tipologicamente ativo-estativa, como bem assinalam Taylor (1991), Ramirez (2001) e Aikhenvald (2007). Dessa forma há as seguintes representações fonológicas para os pronomes apresentados acima /i~/iha/, /nu~/nuha/, /pi~/piha/, /pa~/paha/, respectivamente, em que as primeiras formas são prefixos e as segundas, sufixo, significando exatamente a mesma coisa, porém alinhando-se diferentemente ao verbo. Dessa forma, podemos ver como *e* e *g* apresentam casos de glides fonéticos, porém consoante em *e*, e vogal em *g*, resultando, portanto, em realizações fonéticas diferentes do fonema /h/ em Baniwa, mas não em Kuripako.

O processo de palatalização se dá em Baniwa com o fonema /ts/, que se palataliza diante de /i/, isto é, glide palatal [j], vogal fechada anterior [i] e a quase fechada anterior [ɪ], ocorrendo como [tʃ], como nos mostraram os exemplos. Do mesmo modo, o processo de palatalização que ocorre com /dz/ também em Baniwa, se dá, igualmente, em contexto em que /dz/ precede /i/. Dessa forma, nota-se a produtividade desse processo que afeta as africadas do Baniwa. Vimos que em Kuripako não ocorre o mesmo, pois todas as realizações fonéticas das consoantes /ts/ e /dz/ já são palatalizadas, e este último tem um comportamento de soante.

Outro ponto importante aqui é que talvez, não seja, necessariamente, o mesmo, o processo motivador da palatalização dessas consoantes. Em português, por exemplo, o processo de palatalização em algumas variantes do Brasil afeta todas as alveolares, /t/, /d/, /n/ e /l/, em alguns dialetos como os do norte do Brasil, pois o articulador é a

ponta da língua, assim como no caso da vogal /i/. Ao passo que o que ocorre com /h/ que não possui um articulador supra-laríngeo é um processo que pode ser operado de outro modo, contudo, ainda claramente motivado pela conformação da boca para a articulação palatal de /i/.

4.5.2. APAGAMENTO VOCÁLICO

O apagamento é um fator fonético e que envolve a sílaba, uma vez que a sílaba é o núcleo, ou ápice da sílaba. Mostraremos, aqui, como ele ocorre. Vejamos os exemplos que representam tanto o Baniwa quanto o Kuripako:

(95)

- a) [no.tʃĩ.'nõn] em fala rápida e [no.tʃĩ.'nõ.ni] em fala pausada ‘meu cachorro’
cuja forma subjacente é /nu-tsi.'nu-ni/
- b) [kwẽŋ.ka.'wa.ɫi] em fala rápida e em fala pausada [kwẽ.me.ka.'wa.ɫi]
‘quando’ cuja forma subjacente é /kua.me.ka.'wa.lhi/
- c) [a.'tʃjẽn.ɫi] em fala rápida e [a.'tʃjẽ.na.ɫi] em fala pausada ‘homem’ cuja
forma subjacente é /a.'tsia.na.li/

Os exemplos nos mostram casos de apagamento fonético da vogal envolvendo três vogais e duas consoantes diferentes, [ni], [me] e [na]. Este apagamento se dá em fala espontânea, porém quando solicitados a silabificarem as palavras ou, ainda, ao falarem mais lentamente as palavras, suas realizações não demonstraram o apagamento fonético. Assim, as formas abstratas das palavras apresentadas são:

(96)

- a) /nu-tsi.'nu-ni/ ‘meu cachorro’

b) /kua.me.ka.'wa.lhi/ 'quando'

c) /a.'tsia.na.li/ 'homem'

O apagamento vocálico está associado à redução silábica de palavras que envolvem consoantes nasais. Isso nos faz poder pensar na hipótese de que, diacronicamente falando, casos de ocorrência da consoante aspirada /h/, uma proto-palavra como /CV.hV/, por exemplo, também seja resultante de apagamento vocálico em que teria havido redução ou total apagamento silábico e o fonema consonantal precisou ancorar-se em outra sílaba, resultando em /ChV/, mas que, diferentemente do que ocorre com as consoantes nasais, a consoante aspirada estaria ocupando o segundo elemento do afixo, enquanto que a nasal ocupa declive de sílabas fonéticas. Apesar disso, acreditamos que os possíveis apagamentos com a consoante aspirada /h/ já estejam lexicalizados na língua, enquanto que o que ocorre com nasais ainda não está totalmente.

4.5.3. NASALIZAÇÃO

A nasalização é mais um processo de assimilação da língua. Entretanto, enquanto que na palatalização é a consoante quem assimila o traço [+ alto] da vogal, na nasalização ocorre o inverso, é a vogal quem assimila o traço [+ nasal] da consoante. Todavia, não consideramos que a nasalização seja de relevância fonológica no que diz respeito à oposição entre vogais orais e nasais, mas sim de caráter fonético. Assim, como não há oposição entre vogais orais e nasais, o que há são ocorrências em que a vogal assimila o traço [+ nasal] em contextos em que aparece precedida das soantes nasais /n/, /m/, /ɲ/. Como apresentado abaixo:

(97)

- a) [i.ʔa.'mẽ.nə]
/i.ʔa.'ma.na/
'nuvem'
- b) [wa.pe.'zẽ.mə]
/wa-pe.'zɛ.ma/
1Pl-costela
'nossa costela'
- c) [no.ta.'wĩ.ɲə]
/nu-ta.'wí.ɲa/
1Pl-crescer
'eu cresço'
- d) [dê:.'nĩ.'k^ha.də]
/dé:.nhi.'kha.da/
'empregado'
- e) [ʔi.'dzẽ:.'mẽ.ni] (Baniwa) e [ʔi.'jẽ:.'mẽ.ni] (Kuripako)
/ʔi.'dzé:.'mhe.ni/
'carvão'
- f) [nwê:.'mẽ.ɲĩ]
/nu-é:.'ma.nhi/
1Sg-andar
'eu ando'
- g) [ô:.'hũ]
/ú:-nhV/
'sim'
- h) [l̥jẽ.'hẽ]
/li-he-nhV/
3SgM.Dem.Dei
'este'
- i) [l̥jẽ.'hĩ]
/li-ha-nhV/
3SgM-Dem-Dei
'este'

Como vimos nos exemplos acima, ocorre nasalização de vogais de duas maneiras: (1) aquelas em *a*, *b* e *c*, onde as vogais, que precedem a consoante nasal, assimilam seu traço nasal em posição tônica. (2) aquelas em *d*, *e*, *f*, *g*, e *h*, onde ocorre um espalhamento de nasalidade bilateral, ou seja, tanto em direção à vogal anterior quanto à vogal posterior. Nesses casos, a sílaba tônica é nasalizada. No segundo caso, as vogais que sucedem e precedem a fricativa glotal surda [h] e as nasais ensurdecidas [ŋ̃], [ɲ̃] e [m̃]. Todavia, esse processo de espalhamento de nasalidade não se mostrou fonologicamente pertinente, ou seja, com oposição entre nasais e orais em mesmo contexto, mas se mostrou um processo meramente fonético. Por outro lado, ele nos pareceu interessante, no sentido que pode indicar processos de variação livre, dadas as semelhanças de ocorrências entre os casos da fricativa e das nasais, em que coocorrem [ŋ̃] e [h], [m̃] e [ɸ], e [ɲ̃] e [ç] como apresentado, correspondendo, então, a /nh/, /mh/, /ɲh/. Descartamos, assim, a hipótese de que, para os casos *g* e *h*, a nasalidade espontânea se daria devido ao abaixamento do véu palatino na pronúncia de /h/, fazendo que o ar passe pelas vias nasais, o que parece não se sustentar plenamente, porque se fosse necessariamente assim, todas as vogais, em qualquer contexto, sofreriam nasalização ao lado da fricativa glotal /h/ o que não se dá em Baniwa-Kuripako.

Um processo que ocorre relacionado com a nasalização é o apagamento vocálico, em que todas as consoantes nasais, que aparecem em posição de coda fonética, são frutos de apagamento. Este processo foi demonstrado em 4.5.2. com consoantes nasais, onde vimos que vogais sofriam apagamento com consoantes que estavam em contato como /h/. Os exemplos *h* e *i* parecem nos sugerir um caso de apagamento.

Outra hipótese para tentar dar conta dos casos que aparecem nos exemplos *h* e *i* é o de metátese de /h/. Vale lembrar que, nesses exemplos, o morfema demonstrativo, em Baniwa, é /he/, enquanto que, em Kuripako, é /ha/. Estes casos nos mostram que, em Baniwa, ocorre processo de assimilação vocálica, da vogal do dêitico /nhV/ assimilando traços do morfema demonstrativo. Em Kuripako, no caso dos demonstrativos, não parece haver assimilação. Os casos dos termos de afirmação sim apresentam assimilação em Kuripako, independente do termo que se use, seja [ʔ̂:..hũ], [ʔ̂:..hẽ] ou [ẽ:..hã].

A relação entre fricativa glotal e nasalização é um fenômeno não raro em línguas Aruak. Facundes & Brandão (2005) mostram dados que relacionam casos de vozeamento espontâneo com fricativa glotal [h] em Apurinã, Mantinéri e Iñapari. Para eles, algumas palavras que parecem iniciadas por vogal, de fato seriam iniciadas por fricativa glotal na subjacência. O processo de nasalização generaliza-se para todo o vocabulário da língua, em Apurinã, por analogia aos casos foneticamente motivados pela presença da fricativa glotal, baseados nisso, levantam essa hipótese.

Segundo Facundes & Brandão (2005), estudos comparativos dessas línguas, realizados por Facundes (2002), apresentam evidências da relação entre a fricativa glotal e o surgimento de nasalidade espontânea, em que a presença da fricativa glotal em duas de três línguas Aruak aparentadas corresponde ao surgimento da nasalidade vocálica em Apurinã como o exemplo apresentado por eles seguindo a exata transcrição dos autores:

(98)

a) Apurinã: **ãpikiri** ‘urucum’

b) Piro: **hapixri** ‘urucum’

c) Iñapari: **hapisiri** ‘urucum’

Em Apurinã, a nasalização também ocorre em contextos de juntura de vogal seguida de fricativa glotal como nos casos apresentados por Segundo Facundes & Brandão (2005), seguindo a transcrição dos autores:

(99)

- a) /i+há/ [i_] ‘3M’ + [harita] ‘bater’ = [ĩarita] ‘ele bate’
- b) [ni_] ‘1S’ + [herẽga] ‘sangue’ = [nĩẽrẽga] ‘meu sangue’
- c) [a_] ‘1P’ + [harita] ‘bater’ = [ã:rita] ‘nós batemos’
- d) [pi_] ‘2S’ + [hãbuta] ‘abano’ = [pĩãbuta] ‘teu abano’

Embora não acreditemos que este seja o mesmo caso que ocorre em Baniwa, é importante atentar para estes processos de nasalização, envolvendo a fricativa glotal e a nasalização espontânea em línguas Aruak. Assim, nossa hipótese é a de que nos casos de nasalização espontânea de vogais, haveria uma consoante nasal abstrata ocasionando a nasalização espontânea, não que essa nasalização espontânea seja motivada pela consoante /h/, pois há casos de palavras que não são nasalizadas por /h/ e não há uma regra clara que nos demonstre os contextos em que tal nasalização diante da consoante se manifeste.

Para o Baniwa-Kuripako há as seguintes propostas para dar conta do caso de nasalização espontânea com fricativas glotais:

Taylor (1991) afirma que prefere não propor uma série de vogais nasais, mas que a nasalização é um fenômeno muito importante na língua. Assim, para ele, uma consoante nasal nasaliza a vogal seguinte e pré-nasaliza a consoante inicial da sílaba. Segundo ele, a aspiração associa-se à nasalização. Portanto, ao que tudo indica, a

própria consoante aspirada é o que gera a nasalização espontânea vocálica na análise de Taylor.

Para Valadares (1993), a nasalização espontânea das vogais está sempre relacionada a uma consoante nasal. De acordo com ela, a nasalização que ocorre com fricativas glotais é, na realidade, resultado de apagamento silábico: (1) motivado por apagamento da forma subjacente /-ni/ como em /oho-ni/ cuja representação de superfície é [ˈõ.hũ] ou (2) motivado por apagamento silábico da forma subjacente para dêiticos /-hini/ como /li-ha-te-hini/ cuja representação de superfície é [ˈlja.te.hẽ].

Por sua vez, Ramirez (2001) postula que há dois casos que motivam a nasalização espontânea, diferentemente de Valadares (1993). Para ele, há tanto casos de apagamento silábico quanto de realização do sufixo /-Nhi/. Ramirez, também, evidencia casos de nasalização que são gerados por apagamento silábico, como em /pa.ni.ti/ que na representação de superfície é [pẽn.ti]. Porém, para o caso de nasalização com fricativa glotal, sua forma subjacente para representar o sufixo que marca os dêiticos é /-Nhi/. Este sufixo é representado por uma consoante que é, para ele, uma nasal de ponto de articulação não especificado. Essa é a forma abstrata representada por ele para o que Valadares (1993) representa por /-hini/.

Para dar conta deste fato, propusemos que palavras cuja representação de superfície contenha vogais nasalizadas, adjacentemente a fricativas glotais, sejam representadas na subjacência por /nh/. Defendemos que, para os dêiticos e os termos de afirmação, haja um sufixo que se agrega a essas palavras que é /-nhV/ gerando na superfície vogais nasalizadas.

4.5.4. ASSIMILAÇÃO DE /h/

A fricativa glotal /h/ é uma das peças mais interessantes dentro do sistema fonológico da língua e acreditamos que a oposição mais importante em termos trubetzkoyanos se dê na oposição entre ela e todas as demais consoantes do sistema. Sua combinação com as outras peças desse jogo nos mostra importantes processos e nisso nos baseamos para sustentar sua oposição em relação às demais consoantes. Conforme mostrado nas ocorrências fonéticas, no início do capítulo, todas as consoantes do sistema são afetadas de alguma forma pela fricativa glotal. Umas ensurdecendo-se, outras se tornando aspiradas, cada grupo assimilando seu traço, [+ aspirado] no caso das obstruintes e [- vozeado] no caso das soantes. Conforme mostraremos, há oposição então entre as consoantes aspiradas e não aspiradas e as ensurdecidas e não ensurdecidas, vejamos os exemplos que demonstram ambas as variantes:

(100)

- a) [ʔi:.tə] ‘preto’ /ʔi:.ta/
- b) [ʔi:.t^ha:] ‘meio preto’ /ʔi:.ta + jha:/
- c) [ʔtâ:.zə] ‘duro’ /ʔtâ:.za/
- d) [ʔt^hâ:.zə] ‘mariposa’ /ʔthâ:.za/
- e) [ʔno.^wə] ‘eu dou’ /nu-a/
- f) [ʔnõ.^wə] ‘eu’ /nuha/
- g) [ʔkoj.tʃjə] ‘caldo de mutum’ /ʔkui.tsi + i.ja/
- h) [ʔkoj.tʃ^hjə] ‘fezes de mutum’ /ʔkui.tsi + ijha/
- i) [ʔmô:.ko.lɪ] ‘madeira-trançada *esp.*’ /mú:.ku.li/
- j) [ʔmõ:^w.ko.lɪ] ‘piraíba’ /mhú:.ku.li/

Pudemos ver acima as relações opostas entre os pares mínimos e como as consoantes assimilam seu traço [+ aspirado]. Em muitos casos, o resultado da junção de um fonema consonantal com a consoante aspirada é a ocorrência de um novo fone como o caso da consoante /z/ + /h/ que ocorre foneticamente como [ʒ] ou a consoante /j/ + /h/ que ocorre foneticamente como /ʃ/ e as demais soantes que se ensurdecem ou realizam-se como uma fricativa ladeada por vogais nasalizadas. Em resumo, o principal fator de assimilação é a perda do traço [+ glote dilatada], resultando em perda de voz nas soantes/obstruintes vozeadas e aspiração nas obstruintes desvozeadas.

O caso *b* mostra que, além de ocorrer internamente na palavra como em *a*, o processo de metátese se dá em junção de palavras. Uma pergunta a ser levantada é: seriam os casos de /Ch/ um caso de metátese interna à palavra como um conseqüente apagamento vocálico?

4.5.5. DITONGAÇÃO, ALONGAMENTO E COALESCÊNCIA VOCÁLICA

Veremos aqui como se dão as junções vocálicas em Baniwa. Nesse processo, ocorrem fenômenos diferentes, ditongação, coalescência, alongamento e epêntese. Vejamos abaixo os seguintes casos de junção, envolvendo três vogais altamente recorrentes na língua, a saber: /a/, /i/ e /u/. Tais vogais fazem parte da constituição silábica dos pronomes pessoais da língua. Esses pronomes interagem morfológicamente com verbos e nomes alienáveis (dependentes) ou não. Os pronomes são o de primeira pessoa do singular /nu/, segunda pessoa do singular /pi/ e primeira pessoa do plural /wa/, cada um com uma vogal diferente, encontrando as seguintes vogais /a/, /a:/, /e:/, /i/, /i:/, /u/ e /u:/. Os exemplos que se seguem nos mostram como os processos de junção vocálica operam na língua. Primeiramente, mostraremos o que ocorre quando as vogais /a/, /i/, /o/ em final de morfema encontram /a/.

(101)

- a) [aj.'ni.dzo] (Baniwa) e [aj.'ni.jo] (Kuripako)
/ai.'ni.dzu/
'carapanã/pernilongo'
- b) [nwaj.'ni.dzo.nɪ] (Baniwa) e [nwaj.'ni.jo.nɪ] (Kuripako)
/nu-ai.'ni.dzu-ni/
1Sg-carapanã-sp
'meu carapanã/pernilongo'
- c) [pjaj.'ni.dzo.nɪ] (Baniwa) e [pjaj.'ni.jo.nɪ] (Kuripako)
/pi-ai.'ni.dzu-ni/
2Sg-carapanã-sp
'teu carapanã/pernilongo'
- d) [wǎ:j.'ni.dzo.nɪ] (Baniwa) e [wǎ:j.'ni.jo.nɪ] (kuripako)
/wa-ai.'ni.dzu-ni/
1Pl-carapanã-sp
'nosso carapanã/pernilongo'

Os dados acima nos mostram os diferentes processos que ocorrem nas junturas vocálicas. Esse processo é motivado por processos de assimilação vocálica, ou seja, que envolvem semelhanças vocálicas. Dessa forma, quando ocorre juntura de vogais semelhantes temos como resultado *alongamento vocálico* no processo como um tipo, como em *d*. Em *b* e *c*, observamos o processo de ditongação, onde a vogal do declive silábico no pronome se converte em glide vocálico diante de /a/.

As junturas de /a/, /i/, /u/ com /a:/ nos mostram os seguintes casos em Baniwa e em Kuripako:

(102)

- a) [ǎ:.'la.ts^hə] (Baniwa) e [ǎ:.'la.tʃ^hə] (Kuripako)
/â:.'la.tsha/
'cantar'

- b) [nwa.'la.ts^hə] (Baniwa) e [nwa.'la.tʃ^hə] (Kuripako)
 /nu-à:.'la.tsha/
 1Sg-cantar
 ‘eu canto’
- c) [pja.'la.ts^hə] (Baniwa) e [pja.'la.tʃ^hə] (Kuripako)
 /pi-à:.'la.tsha/
 2Sg-cantar
 ‘tu cantas’
- d) [wǎ:.'la.ts^hə] (Baniwa) e [wǎ:.'la.tʃ^hə] (Kuripako)
 /wa-à:.'la.tsha/
 1Pl-cantar
 ‘nós cantamos’

Em *b*, temos casos de *ditongação*, em que as vogais /u/ e /i/ se convertem, respectivamente, nos glides [w] e [j]. Em *d*, há *alongamento vocálico* motivado pela junção de duas vogais semelhantes, /a/ e /a:/. Vale chamar atenção para o interessante jogo de moras que se estabelece nas junções. Isso evidencia uma tendência a evitar três moras. Outro ponto interessante que reforça nossa hipótese de que os glides podem ser fonologicamente ou vocálicos ou consonantais é que, quando os glides são vogais como em *b*, eles têm uma mora e, conseqüentemente, a sílaba precisa se reorganizar, a vogal perde uma mora e passa de longa a breve na superfície. Quando um glide é consoante fonológica, ele não entra no jogo moráico da sílaba, como resultado a vogal longa continua longa na superfície. O mesmo pode ser dito do valor fonológico, ora consonantal, ora vocálico, do glide [j]

Por sua vez, os fonemas /a/, /i/, /u/ em junção com /e:/ nos mostram os casos abaixo em ambas as variantes:

(103)

- a) [ê:.'mẽ.hĩ]

- /é:.'ma.nhi/
‘andar’
- b) [nwe.'mẽ.nĩ]
/nu-é:.'ma.nhi/
1Sg-andar
‘eu ando’
- c) [pje.'mẽ.nhĩ]
/pi-é:.'ma.nhi/
2Sg-andar
‘tu andas’
- d) [wê:.'mẽ.nhĩ]
/wa-é:.'ma.nhi/
1Pl-andar
‘nós andamos’

Os exemplos *b*, *e* e *c* nos mostram mais um caso de *ditongação* nos mesmos moldes observados com os dois casos anteriores. Porém, o caso *d* nos mostra um caso de *coalescência vocálica*, em que as vogais /a/ e /e:/ se assimilam e realizam-se [e:]. Não verificamos ocorrência de /e/ em posição inicial em palavra alguma. Não há ocorrência de palavras iniciadas por /e/, só há ocorrência de palavras iniciadas por /e:/.

As junturas dos fonemas /a/, /i/ e /u/ com /i/ aparecem nos seguintes exemplos em Baniwa e Kuripako:

(104)

- a) [ĩ.mâ:]
/i.má:/
‘dormir’
- b) [nõ.mâ:] ou [nĩ.mâ:]
/nu-i.má:/
1Sg-dormir
‘eu durmo’

- c) [ˈpĩ:.mâ:]
/pi-í.má:/
2Sg-dormir
‘tu dormes’
- d) [ˈwɛ.mâ:]
/wa-i.má:/
1Pl-dormir
‘nós dormimos’

O exemplo *b*, nos mostrou um caso de coalescência, onde há uma variação livre entre [i] e [o], ambos possíveis na língua. Em *c*, há um caso de *alongamento*, demonstrando a assimilação das vogais semelhantes. O caso *d* nos apresenta mais um caso de *coalescência vocálica*, onde o encontro de /a/ com /i/ se realiza [ɛ].

Os fonemas /a/, /i/, /u/, ao se juntarem com /i:/ realizam-se como abaixo em ambos os falares:

(105)

- a) [ˈĩ:.çõ]
/í:.ɲha/
‘comer’
- b) [ˈnoĩ.çõ]
/nu-i.ɲha/
1Sg-comer
‘eu como’
- c) [ˈpĩ:.çõ]
/pí-i.ɲha/
2Sg-comer
‘tu comes’
- d) [ˈwaĩ.çõ]
/wa-i.ɲha/
1Pl.comer

‘nós comemos’

Em *b*, a juntura motivou uma ditongação, ao que tudo indica, o alongamento de /i:/ impediu que houvesse coalescência dessa vogal com a vogal do declive de /nu/, tornando-se um glide vocálico. Em *c*, há dois prováveis fatores ocorrendo ou um apagamento da vogal do declive ou uma redução no ápice do verbo, porém o que isso nos indica, é uma tendência a evitar mais de dois segmentos vocálicos na mesma sílaba. O caso de *d* nos confirma o que ocorre em *b*.

Por sua vez, os processos envolvendo as junturas de /a/, /i/, /u/ com /u/ nos indicam os seguintes casos.

(106)

- a) ['o.hwǎ:]
/u.whà:/
‘sentar’
- b) ['nô:.hwǎ:]
/nú-u.whà:/
1Sg-sentar
‘eu sento’
- c) ['piw.hwǎ:]
/pi-u.whà:/
2Sg-sentar
‘tu sentas’
- d) ['waw.hwǎ:]
/wa-u.whà:/
1Pl-sentar
‘nós sentamos’

Essas junturas nos mostram um caso de alongamento em *b* e dois casos de ditongação, em *c* e em *d*.

Por fim, as vogais /a/, /i/, /u/ com /u:/ resultam no que se segue:

(107)

- a) [õ:.ma.jẽm.'pe.ti.də]
 /'ù:.ma + je.ni.'pe.ti.da/
 procurar criança
 ‘procurar criança’
- b) [nõ:.ma.jẽm.'pe.ti.də]
 /'nu-ú.ma + je.ni.'pe.ti.da/
 1Sg-procurar criança
 ‘eu procuro criança’
- c) [piw.ma.jẽm.'pe.ti.də]
 /'pi-u.ma + je.ni.'pe.ti.da/
 2Sg-procurar criança
 ‘tu procuras criança’
- d) [wã:.ma.jẽm.'pe.ti.də]
 /'wa-u.ma + je.ni.'pe.ti.da/
 1Sg-procurar criança
 ‘nós procuramos criança’

Temos aqui, casos que nos reforçam a tendência a evitar mais de dois segmentos vocálicos na mesma sílaba fonológica demonstrados com os casos de juntura de vogais /i:/. Em *b*, verificamos que a vogal continuou alongada. Em *c*, a juntura motivou uma ditongação, ao que tudo indica, o alongamento de /u:/ impediu que houvesse coalescência dessa vogal com a vogal do declive de /pi/, realizando-se como um glaide vocálico. O caso de *d* mostra um caso de coalescência com alongamento da vogal /a/.

4.6. A SÍLABA FONOLÓGICA

Iniciaremos agora a nossa análise fonológica em torno da sílaba em Baniwa-Kuripako. Por meio dela, é possível entender muito do ordenamento no jogo dos processos fonológicos. Assim, entendemos ser a sílaba considerável fonte de compreensão do sistema, dada a importância que ela tem dentro do sistema fonológico. Aqui há uma comparação e uma correspondência entre a sílaba fonética e a fonológica, com ênfase na última. A análise silábica, aqui desenvolvida, segue os moldes teóricos estruturalistas estabelecidos nos trabalhos de Mattoso Câmara, não necessariamente modelos arbóreos como de costume.

Propomos, então, a seguinte estrutura possível para a sílaba em Baniwa-Kuripako em que **C** representa consoante e **V** vogal, baseado numa perspectiva estruturalista europeia nos moldes de Câmara Jr. (1953):

$$(C^1)(C^2)(V)V \text{ ou } (C^1)(C^2)V(V)$$

Veremos, com os exemplos a seguir, que as sílabas podem conter no máximo duas consoantes e que a segunda só pode ser /h/. Veremos também que tritongos são possíveis na língua, embora pouco frequentes. Vejamos:

(108) Baniwa

- a) [dẽ:.ŋĩ.'k^ha.da.wa.ɺiw]
 /de:.nhi.'kha.da-wa-lhiu/
 empregado-1Pl-Dat
 ‘nosso empregado’
- b) [jẽm.'pe.ɺi]
 /je.ni.'pe.ɺi/
 ‘criança’

- c) [i.'me.t^hwə]
 /i-'me.thua/
 2Pl-arrebentar
 ‘vocês arrebentam’
- d) [aj.'ɲî:dzu] (Baniwa) e [aj.'ɲî:jʊ] (Kuripako)
 /ai.'ní:.dzu/
 ‘carapanã’
- e) ['ko.p^he]
 /'ku.phe/
 ‘peixe’
- f) [dza.ma.'poj.poj] (Baniwa) e [ja.ma.'poj.poj] (Kuripako)
 /dza.ma.'pui.pui/
 ‘cachorro do mato’
- g) [paj.za.ka.'zu.de]
 /pai.za.ka.'zu.de/
 ‘copo’

Em *a*, temos as seguintes estruturas silábicas **CV.CCV.CCV.CV.CV.CCVV**, em que a primeira sílaba é pesada, formada de aclave simples e uma vogal longa no ápice, depois uma sequência de CV, e a última é uma sílaba de onset complexo, composto de um tepe lateral ensurdecido no aclave da sílaba e um glide na coda. Isto nos mostra mais uma vez que a sílaba em Baniwa é composta de aclave e ápice basicamente, e que, no aclave, pode haver mais de um segundo elemento, sempre e somente /h/, como é o caso da última sílaba foneticamente composta por apenas um fone no aclave, mas equivalendo à forma abstrata /lh/, essa sílaba é composta por uma sílaba de núcleo pesado com um ditongo decrescente.

Em *b*, a sílaba fonética nos indica a forma **CVC.CV.CV**, evidenciando um possível caso de uma sílaba travada por consoante. Porém, apesar da realização fonética, vimos que o padrão silábico não nos permite sílaba travada por consoante,

logo consideraremos essa palavra como tendo a seguinte estrutura silábica **CV.CV.CV.CV**, pois como já sabemos, há aí um apagamento vocálico, resultado do desaparecimento do ápice da segunda sílaba.

O exemplo *c*, mostra um caso de sílaba sem aclave, em que o ápice também não apresenta declive, mostrando que a possibilidade de sílabas abertas e simples ao mesmo tempo, como é o caso da primeira sílaba. Essa palavra apresenta assim a seguinte estrutura silábica **C.CV.CCVV**. A terceira sílaba, por sua vez, é um caso de complexidade máxima da sílaba, sendo composta por um onset complexo e núcleo pesado com ditongo crescente.

Em *d*, **VV.CV.CV**, temos mais um caso que mostra a possibilidade de sílaba sem aclave, somente com ápice e declive, cujo declive é um glide vocálico. A primeira sílaba sendo uma sílaba de núcleo pesado ou complexo, enquanto que todas as outras são sílabas de núcleo simples.

Em *e*, temos **CV.CCV**, temos o casos de sílabas abertas, somente com ápice, sem aclave nem declive, seguida de uma sílaba travada por uma consoante nasal cujo ápice é um glide, seguida de outras sílabas em estilo, em que a segunda é formada por um onset complexo e um núcleo simples.

O exemplo *f*, por sua vez, nos mostra a ocorrência de sílabas de onset simples e coda pesada com ditongos crescentes e decrescentes, na terceira e quarta sílaba respectivamente com a seguinte estrutura **CV.CV.CVV.CVV**, já que todos os glides em coda são vocálicos e não há consoantes em coda. Por fim, em *g*, temos **CVV.CV.CV.CV.CV**, uma vez que interpretamos os glides em aclave como consoantes, enquanto que, em segundo elemento no aclave e em coda, como vogais,

dadas as restrições fonotáticas que restringem apenas /h/ como consoante em segunda posição segmental do onset.

Assim, podemos ver como a estrutura silábica admite (1) duas consoantes no aclave, sendo que a segunda é estritamente a consoante aspirada /a/, (2) uma vogal não silábica (um glide fonético) no aclave (3) uma vogal breve ou longa no ápice e (4) somente uma vogal não silábica (um glide fonético) no declive. Sendo assim, representamos esse padrão com as seguintes estruturas encontradas na língua: **V**, **vV**, **Vv**, **CV**, **CvV**, **CVv**, **CCV**, **CCvV**, **CCVv**. Registramos **V** as vogais silábicas e **v** os glides vocálicos apenas com a finalidade de explicitar os ditongos crescentes, os decrescentes e os tritongos.

Vimos então como pode haver sílabas abertas e fechadas em Baniwa. Elas podem ser, portanto, simples ou complexas. A sequência **CV** é uma sílaba simples, também chamada de aberta devido à ausência da coda. Não existem sílabas travadas por consoante em Baniwa, porém como vimos, há sílabas pesadas, cuja rima é composta por vogal longa ou ditongo.

O peso silábico será demonstrado com esses outros exemplos em Baniwa.

(109) Baniwa

- a) /i/ em [ĩ.'na.pɪ] ‘osso’ cuja estrutura é **V**.
- b) /i:/ em [ʼi:.tə] ‘canoa’ cuja estrutura é **V**.
- c) /pi/ em [pĩ.mi] ‘beija-flor’ cuja estrutura é **CV**.
- d) /khe/ em [ma.'na.k^he] ‘açai’ cuja estrutura é **CCV**.
- e) /pi:/ em [pî:.ti.zi] ‘morcego’ cuja estrutura é **CV**.
- f) /kai/ em [ʼkaj.ni] ‘mandioca’ cuja estrutura é **CVv**.

- g) /z̥hua/ em [pi.'ba.ɕwə] ‘tu arrancas’ cuja estrutura é **CCvV**.
- h) /phi:/ em ['phî:.tʃɪ] ‘cutia’ cuja estrutura é **CCV**.
- i) /lhiu/ em [dẽ:.ɲĩ.'kʰa.da.wa.ɻiw] ‘nosso empregado’ cuja estrutura é **CCVv**.
- j) /tʃia/ em [a:.tʃjə] ‘eu ando’ cuja estrutura é **CvV**.
- k) /wai/ em ['waĩ.ɲõ] ‘nós comemos’ cuja estrutura é **CVv**.
- l) /thio/ em [dza.wi'tʰjo.ko] ‘arco’ cuja estrutura é **CCvV**
- m) /jhá:/ em ['no.ʃâ:] ‘minha mentira’ cuja estrutura é **CCV**
- n) /whe/ em ['kô:.hwe] ‘saúva’ cuja estrutura é **CCV**

(110) Kuripako

- a) /i/ em [ĩ.'ɲa.pɪ] ‘osso’ cuja estrutura é **V**.
- b) /i:/ em [ĩ:.tə] ‘canoa’ cuja estrutura é **V**.
- c) /pi/ em ['pĩ.mi] ‘beija-flor’ cuja estrutura é **CV**.
- d) /khe/ em [ma.'na.kʰe] ‘açáí’ cuja estrutura é **CCV**.
- e) /pi:/ em ['pî:.ti.zi] ‘morcego’ cuja estrutura é **CV**.
- f) /kai/ em ['kaj.ɲi] ‘mandioca’ cuja estrutura é **CVv**.
- g) /z̥hua/ em [pi.'ba.ɕwə] ‘tu arrancas’ cuja estrutura é **CCvV**.
- h) /phi:/ em ['phî:.tʃɪ] ‘cutia’ cuja estrutura é **CCV**.
- i) /lhiu/ em [dẽ:.ɲĩ.'kʰa.da.wa.ɻiw] ‘nosso empregado’ cuja estrutura é **CCVv**.
- j) /tʃia/ em [a:.tʃjə] ‘eu ando’ cuja estrutura é **CvV**.
- k) /wai/ em ['waĩ.ɲõ] ‘nós comemos’ cuja estrutura é **CVv**.
- l) /thia/ em [ja.βi.'tʰi'a.pu] /dza.wi.thi.a.po/ ‘arco’ cuja estrutura é **CCVv**
- m) /jhá:/ em ['no.ɕjâ:] ‘minha mentira’ cuja estrutura é **CCV**
- n) /whe/ em ['kô:.ɸe] ‘saúva’ cuja estrutura é **CCV**

Quanto à distribuição, organização e posicionamento de fonemas dentro da sílaba, temos as seguintes regras fonotáticas:

- 1) Admite-se qualquer consoante na posição de primeiro segmento do aclave, logo qualquer fonema consonantal pode ocupar o lugar de primeira consoante como segmento de onset.
- 2) Só se admite a consoante aspirada, /h/, em posição de segunda consoante do aclave, logo só é realizável onset complexo em que a segunda consoante seja /h/.
- 3) Qualquer vogal, e somente vogal, é aceita como ápice de sílaba, tanto em sílabas tônicas, quanto em átonas. O ápice pode ser composto por vogal breve ou longa.
- 4) Não há tritongos em Baniwa, assim numa sílaba pode haver um ditongo crescente ou um decrescente. Porém no máximo duas vogais.

Com isso, demonstramos como pode compor-se a sílaba fonológica, sendo assim, portanto, o seguinte: $(C^1)(C^2)(V)V$ ou $(C^1)(C^2)V(V)$. Com isso, descartamos a possibilidade de haver sílabas travadas por consoantes em Baniwa-Kuripako, isto é, sílabas travadas por consoantes fonológicas no declive silábico. Os trabalhos de Taylor (1991), Valadares (1993) e Granadillo (2006) sugerem a possibilidade de estrutura silábica **CVC**, que, para nós, só há no nível de superfície, não no subjacente, em termos de *SPE*. Também descartamos a possibilidade de haver tritongo fonológico em Baniwa-Kuripako. Há tritongos fonéticos, contudo fonologicamente uma sílaba fonológica só comporta duas moras, isto é, um ditongo ou uma vogal longa.

Deste modo, uma sílaba como [waj] em [de.kaj.'waj.tə], que significa barranco, tem a estrutura fonológica /wai/, CVV, com ditongo decrescente (no nível abstrato), já

que interpretamos os glides, nessa posição de aclave, como sendo consoantes e não elementos vocálicos; e os glides em posição final de declive fonético como consoantes fonológicas. Assim, a sílaba mantém-se com apenas duas moras fonológicas no núcleo da sílaba.

A motivação para o registro das representações fonológicas com fronteira silábica demarcada, neste trabalho apresentadas, é justamente a didática, isto é, a de facilitar a compreensão das fronteiras silábicas e a separação, na nossa análise, das diferenças da sílaba fonética para a fonológica e mostrar que, apesar de foneticamente ocorrer determinados tipos de segmentos, como já falamos o caso das nasais em fim de sílaba fonética, fonologicamente, o valor desses segmentos pode ser diferente ou indicar processos diferentes.

4.6.1. LICENCIAMENTO PROSÓDICO

A palavra mínima em Kuripako, assim como em Baniwa é dissilábica. Com base nisso, é possível entender o funcionamento de alguns processos que são motivados para atender a essa estrutura. Mostraremos aqui alguns fenômenos de reduplicação, epêntese e apagamento.

4.6.1.1. REDUPLICAÇÃO

Em casos de junção de palavras, ocorre epêntese fonética como uma forma de evitar hiato, vejamos os seguintes exemplos:

(111)

- a) [ma] ‘dormir’
- b) [ˈnõ.mə] ‘eu durmo’
- c) [ˈpĩ.mə] ‘tu dormes’

- d) ['wẽ.mə] 'nós dormimos'
- e) [a] 'ir'
- f) ['no.^wə] ou ['nwa.wə] 'eu vou'
- g) ['pi.^jə] ou [pja.wə] 'tu vais'
- h) [wâ:.wa] 'nós vamos'

Observando os dados de *a* a *d*, vemos que o verbo /ma/ é composto pela estrutura **CV**, enquanto que, de *e* a *h*, o verbo é composto da estrutura **V**. Em ambos os casos ocorrendo juntura do verbo com uma palavra de estrutura **CV**. Contudo, a epêntese é um fato fonético, sendo uma tendência a evitar hiatos fonéticos, já no caso *h*, o processo foi de alongamento vocálico, em que as duas vogais são idênticas e o mais interessante é a reduplicação que ocorre nesta palavra como forma de reestruturar a palavra e evitar uma sílaba de uma única vogal. A questão da palavra mínima, isto é, a menor palavra fonológica independente possível na língua, poderia ser respondida também por ser a sílaba mínima bimoraica, contudo esta hipótese pode perder validade justamente com o que nos demonstra o exemplo *h* em que foi necessário uma nova sílaba para atender ao padrão dissilábico, apesar de a primeira sílaba em *h* ter duas moras com apenas uma sílaba.

Nos casos de vogais diferentes, pode haver um glide epentético na representação fonética portando o traço da vogal anterior, [+ labial] em *f* e [+ palatal] em *h*. Na representação da sílaba fonológica, contudo, não se faz necessário salientar este detalhamento fonético. Demonstramos apenas para indicar o comportamento superficial dos encontros vocálicos. Deste modo, as formas abstratas correspondentes aos exemplos de ambas as variantes apresentadas nos exemplos (111) são as seguintes:

(112)

- a) /-'ma/ 'dormir'
- b) /'nu-ma/ 'eu durmo'
- c) /'pi-ma/ 'tu dormes'
- d) /'wa-ma/ 'nós dormimos'
- e) /-a/ 'ir'
- f) /nu-a/ 'eu vou'
- g) /pi-a/ 'tu vais'
- h) /wa-a-wa/ 'nós vamos'

O último exemplo deve receber uma sílaba a mais a fim de adequar a palavra ao padrão mínimo dissilábico da palavra fonológica em Baniwa-Kuripako. Esta língua evita, portanto, palavras independentes com apenas uma sílaba, anexando um morfema reduplicador a mais.

4.6.1.2. DITONGAÇÃO

O fenômeno da ditongação, como já foi demonstrado nos processos da língua, ocorre em junturas de palavras, em que a vogal perde tonicidade e é inserida na sílaba que a precede como nos casos abaixo para os dois falares:

(114)

- a) [ĩ.jə] 'bater'
- b) ['noĩ.jə] 'eu bato'
- c) ['pî:.jə] 'tu bates'
- d) ['waĩ.jə] 'nós batemos'

Como vimos, essa parece ser uma evidência da tendência a evitar hiato fonético. Vimos que a vogal /i/ foi incorporada pela sílaba anterior, perdendo tonicidade. No exemplo *c*, devido à semelhança vocálica. Por sua vez, não ocorreu ditongação, mas sim alongamento vocálico. Assim, temos as seguintes formas abstratas:

(115)

- a) /'i.na/
bater
'bater'
- b) /'nu-i.na/
1Sg-bater
'eu bato'
- c) /'pi-i.na/
2Sg-bater
'tu bates'
- d) /'wa-i.na/
1Pl-bater
'nós batemos'

4.6.1.3. APAGAMENTO

O apagamento vocálico é um fator fonético, que envolve a sílaba fonética. Mostraremos, aqui, como ele ocorre. Vejamos novamente os exemplos que representam esse processo, em Baniwa e em Kuripako:

(116)

- a) [no.'tʃĩ. nõn] ou [no.'tʃĩ.nõ.nɪ]
'meu cachorro'
- b) [ko.wẽŋ.ka.'wa.ɫɪ] ou [ko.wẽ.me.ka.'wa.ɫɪ]
'quando'

- c) [a.'tʃjẽn.li] ou [a.'tʃjẽ.na.li]
 ‘macho’

Os exemplos nos mostram casos de apagamento vocálico com três vogais diferentes, [ni], [me] e [na]. Este apagamento se dá em fala espontânea, porém quando solicitados a silabificarem as palavras ou, ainda, ao falarem mais lentamente as palavras, suas realizações não demonstraram o apagamento fonético. Assim, as formas subjacentes das palavras apresentadas com apagamento são:

(117)

- a) /nu-'tsi.nu-ni/ ‘meu cachorro’
 b) /kua.me.'ka.wa.lhi/ ‘quando’
 c) /a.'tsia.na.li/ ‘macho’

Isso nos mostra que não há, fonologicamente, sílabas travadas por consoante na língua, já que, na subjacência, há duas vogais no ápice silábico, uma sustentando a sílaba e a outra na adjacência. Reafirmamos que dadas as regras fonotáticas, só pode haver, na língua, vogais seguindo o ápice (glides vocálicos fonologicamente), mas nunca consoantes fonológicas, justo por isso os glides em coda são vocálicos, compondo ditongos, sílabas pesadas.

4.6.2. ACENTO E DURAÇÃO

Aqui trataremos de dois fatores mais de caráter distintivo na língua, (1) acento e (2) duração, estes em nível suprasegmental. Veremos, aqui, que, em Baniwa, o acento atua sobre dois níveis: (1) o da sílaba e (2) o do segmento. Veremos também que a duração exerce fator distintivo, opondo vogais longas e breves.

Apresentamos abaixo uma sequência de pares cuja distinção está relacionada à oposição entre vogais longas e breves, ou seja, duração tanto em Baniwa quanto em Kuripako:

(118)

- a) [ma.tʃ^hi.'da.li]
/ma.tshi.'da.li/
'cerrado'
- b) [ma:.tʃ^hi.'da.li]
/ma:.tshi.'da.li/
'mau'
- c) ['a.pã.mə]
/'a.pa.ma/
'par'
- d) ['â:.pã.mə]
/'á:.pa.ma/
'uma mulher'
- e) ['pi-zə]
/'pi.zə/
'tu sobes'
- f) ['pi-zâ:]
/'pi.zə:/
'tu puxas'
- g) ['ne.zɨ]
/na-i.zɨ/
3Pl-filho
'filho deles'
- h) ['nê:.zɨ]
/'né:.zɨ/
'veado'
- i) ['kô:.hwe]

/kó:.hwe/

‘formiga’

j) [ˈko.p^he]

/ˈko.phe/

‘peixe’

Os exemplos *a* e *b* nos mostram o caso de oposição entre vogal longa e breve. Aqui, pode-se observar que ambas ocorrem em posição átona, o que também nos demonstra que tonicidade e duração não estão relacionadas em Baniwa-Kuripako. Assim, [ma.ts^hi.'da.lɪ] se opõe a [ma:.ts^hi.'da.lɪ] por duração. O mesmo ocorre com *c* e *d*.

Os exemplos *e* e *f* são casos em que dois verbos apresentam diferença de duração na sílaba final. Os pares mínimos nos demonstram a oposição entre [pi.zə] e [pi.zâ:] como fonologicamente pertinente e evidenciando o fator duração como fonologicamente pertinente.

Os casos *g* e *h* são casos em que o primeiro exemplo é composto por pronome e nome, sendo o nome dependente, isto é, não pode ocorrer sem outro morfema, indicador de posse na maioria das vezes. Consideramos aqui, portanto, uma palavra fonológica, juntamente com o morfema que indica o possuidor. Dado isto, consideramos haver um par mínimo entre as duas palavras fonológicas ['ne.zɪ] e ['nê:.zɪ].

Por último, *i* e *j* são pares análogos entre /o/ e /o:/ evidenciando que não haveria motivação de qualquer natureza que ocasionasse uma duração a mais no caso *i* que no caso *j*. Assim a duração está relacionada a duas moras fonológicas, que podem ser originadas de duas sílabas ou intrínseca à própria palavra a um único ítem lexical

ou sílaba. Manteremos, neste trabalho, o valor fonológico da duração, contudo, chamamos atenção para a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema e um olhar para a possibilidade de ser a duração sempre indicador de duas sílabas fonológicas, como no caso das junturas de palavras que possuem nomes dependentes de morfemas, ou ser, verdadeiramente, a vogal longa núcleo de uma sílaba única com duas moras nos itens lexicais ou sílabas que não sofrem juntura morfemática.

Por sua vez, o *acento* tem demonstrado ser outro fator de distinção dentro do jogo opositivo da língua. Porém, não encontramos, em nosso corpo de dados, exemplos de oposição de acento no nível silábico, embora haja raros exemplos de tal distinção na literatura, envolvendo ocorrência de sílabas acentuadas e não acentuadas operando no contraste do significado das palavras, ou seja, acento com valor distintivo na sílaba. Da mesma forma, só foram encontrados pares mínimos com função opositiva na sílaba longa em posição tônica, não pôde ser encontrado nenhum par mínimo de vogais longas com distinção tonal em posição átona.

O acento recai, mais frequentemente, na penúltima sílaba, havendo também considerável número de exemplos de palavras com acento na antepenúltima e outros na sílaba que antecede a antepenúltima. Todavia, como mencionamos na introdução deste tópico, o acento não atua somente no nível silábico, mas no moraico também, assim no caso das sílabas longas tônicas, há ainda um segundo acento que recai sobre a mora, fazendo que haja sílabas tônicas de tom descendente e as sílabas tônicas de tom ascendente.

Vejamos os exemplos dos dois dialetos com sílabas com tom ascendente e descendente com função opositiva:

(119)

- a) ['kê:.tʊ] ‘cavivara’
- b) ['kě:.tʊ] ‘formiga maniuara’
- c) ['wâ:.zʊ] ‘papagaio’
- d) ['wă:.zʊ] ‘nós derrubamos’
- e) ['tsô:.me.tsə] ‘perto’
- f) ['tsõ:.me.tsə] ‘pouco’
- g) ['ô:.pi.kə] ‘hoje’
- h) ['õ:.pi.kə] ‘há tempo’

Temos, em *a* e *c*, a primeira sílaba como descendente contra *b* e *d*, em que a primeira sílaba é ascendente, sendo *a* distinto de *b* e *c* distinto de *d*. O mesmo sucedendo entre *e* e *f* e *g* e *h*. Este papel opositivo do tom ascendente ou descendente nos mostra o seu valor opositivo dentro do sistema fonológico, entretanto, ao que tudo indica, ele só parece ser fonologicamente pertinente em posição tônica, uma vez que não foi possível evidenciar oposições em posições átonas e parece restringir-se somente à sílabas longas, pois também não verificamos pares mínimos revelando oposição com diferenças tonais em vogais breves. Dada esta relação entre tom e altura, as evidências indicam que se trate, portanto, de *pitch accent* o tipo do padrão acentual em Baniwa do Içana e em Kuripako.

Entretanto, há uma relação interessante entre mudança de tonicidade e duração no que se refere às palavras cuja primeira sílaba contém uma vogal longa tônica ao receberem um prefixo pronominal possessivo. Assim essas sílabas perdem a tonicidade e a duração, como nos exemplos abaixo:

(120)

- a) ['hê:.mə] ‘anta’
- b) [no.he.'mẽ.nɪ] ‘minha anta’
- c) ['kõ:.tʃɪ] ‘porco’
- d) [no.ko.'tʃĩ.nɪ] ‘meu porco’
- e) ['dzô:.kə] ‘machado’
- f) [no.dzo.'kẽ.nɪ] ‘meu machado’
- g) ['ĩ:.we] ‘remo’
- h) [no.ʔi.'wẽ.nɪ] ‘meu remo’
- i) [kaj.nɪ] ‘mandioca’
- j) [no.ke.nɪ] ‘minha mandioca’

Os exemplos acima parecem nos indicar uma relação entre tonicidade e duração diferentemente do que nos indicaram outros exemplos anteriores em que vimos palavras longas em posições não tônicas. Esta seria uma hipótese para tentar dar conta dos fatos. Isso nos indicaria que a tonicidade e a duração não têm alguma relação, em alguns casos, embora sejam independentes.

Outra hipótese, motivada pelos exemplos *i* e *j*, para tentar dar conta deste processo, seria a da reorganização moraica. Assim, haveria uma reorganização ou redução moraica, que faria que as palavras mantivessem o mesmo peso, tanto com palavras simples quanto com sufixos no ítem lexical, ou talvez motivadas pela adição do pronome. Entretanto, é necessário um estudo bem mais aprofundado com um número bem maior de casos do que os analisados para esta pesquisa.

Infelizmente, devido à falta de abundância de dados e testes no que diz respeito a questões de duração nossas considerações restringem-se às observações aqui apresentadas. É necessário, portanto, um estudo intenso para dar conta de maneira mais aprofundada e concreta do caráter fonológico da duração. Contudo, a duração parece-nos fonologicamente pertinente na língua, baseado nas evidências aqui demonstradas.

Sobre o acento, podemos dizer a mesma coisa, é necessário um aprofundamento maior para definir com mais precisão se se trata de uma língua tonal ou não. Entretanto, seguimos com a hipótese de ser uma língua de padrão *pitch accent* e não tonal, ainda que a duração pareça ser um suporte para o tom, pois se fosse uma língua tonal, talvez seria mais provável que cada sílaba tivesse um tom e isso incluiria as vogais breves que não evidenciam tom fonológico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, é bastante confusa a organização e classificação deste ramo da família Aruak. Fato ocasionado pelos processos históricos de isolamento e contato dos dialetos entre si, além do próprio problema da nomenclatura das línguas/dialetos e critérios de classificação. Além disso, o termo *Baniwa* é usado para duas línguas diferentes dentro da família e o termo *Kuripako* é um pouco questionado por alguns dos seus falantes que não usam *kuri* para dizer não.

Uma classificação do Baniwa do Içana e do Kuripako definitiva, bem como uma classificação de toda a família Aruak, é algo que, com certeza, só se pode fazer por meio de análises comparativas e de critérios eficientes para tal. O critério *sim/não* discutido neste trabalho é definitivamente um critério ineficaz para tal propósito, dadas as grandes irregularidades demonstradas nos capítulos iniciais dessa dissertação.

Este trabalho contribui para os estudos comparativos e classificatórios, uma vez que se pode ver as classificações já existentes e discuti-las, buscando critérios mais eficazes de organização dialetal. Além disso, este trabalho mostra avanços na análise de questões como nasalidade, padrão silábico, processos de junção de morfemas ou palavras e estabelecimento de fonemas.

Neste trabalho, diferentemente de outros, buscou-se, sobretudo, priorizar o aspecto fonológico na análise, por isso, no estabelecimento do quadro fonológico da língua, utilizamos critérios opostos binários de traços verdadeiramente fonológicos e não caracterizações fonéticas de ponto ou modo de articulação. Priorizou-se o estabelecimento de critérios baseados nos princípios de Fonologia de base trubetzkoyana, em que se prioriza a análise do sistema e dos processos para o

estabelecimento do inventário dos fonemas. Dessa forma, chegamos à conclusão que o fonema /z/ é, na realidade, uma soante, dado seu comportamento alinhado ao das soantes no jogo das peças do sistema da língua e não uma obstruinte. Se pensássemos em termos estritamente fonéticos, teríamos seguido uma classificação de caminho totalmente oposto. Nisso, baseia-se a importância da separação da Fonética na análise fonológica, como bem postulados por Jakobson e Trubetzkoy, para que os processos e o sistema sejam analisados de forma realmente fonológica.

Esse trabalho buscou fazer, na realidade, um resgate desses princípios de Fonologia num contexto acadêmico em que tanto se baseia numa análise fonêmica (pikeana), para o estudo das línguas indígenas brasileiras, que não leva em conta nada disso, uma vez que o meio acadêmico brasileiro alinhou-se ao modelo estruturalista americano, apesar do pai da Linguística brasileira ter sido Mattoso Câmara, cuja base estruturalista era europeia. cf. D'Angelis (2004)

Dados os fatos evidenciados no capítulo 4, acreditamos que se trate da mesma língua o Baniwa do Içana e o Kuripako. Assim, propusemos o mesmo quadro fonológico para representar as duas variantes aqui em questão. Obviamente há algumas diferenças, ainda que poucas, e ocorrências distintas de alguns fones. Por isso, acreditamos que, pelo menos, do ponto de vista fonológico seja a mesma língua.

As evidências de que tanto Baniwa do Içana quanto Kuripako sejam dialetos da mesma língua são muito grandes, pois funcionam de maneira extremamente semelhante, e alguns poucos fonemas com realizações fonéticas distintas, como observado nos capítulos 4. As diferenças são definitivamente, bem menores que as semelhanças e, inclusive, o entendimento do sistema fonológico de um nos auxilia no entendimento do sistema fonológico do outro por meio das alofonias e processos.

Assim, propomos o seguinte quadro consoanantal para a língua, como já apresentamos anteriormente.

		labial	coronal			dorsal	glotal
			+ dist	- dist	+ estr		
- soante	- vozeado	p	t̚	t	ts	k	h
	+ vozeado	b		d	dz		
+ soantes	+ nasal	m		n		ɲ	
	- nasal	w		ɺ	z̥	j	

E propomos o seguinte quadro fonológico para as vogais da língua:

	- posterior		+ posterior	
	+ longo	- longo	+ longo	- longo
+ alto	i:	i	u:	u
- alto	e:	e	a:	a

Assim, as diferenças entre o Baniwa e o Kuripako parecem ser, sobretudo, de caráter fonético, pois o que pôde ser observado foram realizações distintas de alguns fonemas. Dessa forma, resumidamente as principais diferenças ocorrem nas realizações de /ts/ e /dz/, que como já vimos, ocorrem, em Baniwa, como [ts] ou [tʃ] e [dz] ou [dʒ], enquanto que em Kuripako realizam-se como [tʃ] e [j]. Também a realização de /wh/ que, em Kuripako, resulta [ϕ], enquanto que, em Baniwa, resulta [hw]. Além desses, vimos que /jh/ em Kuripako realiza-se [ç], já em Baniwa, realiza-se [ʃ]. Por fim, em Baniwa /ph/ pode realizar-se [ϕ] ou [p^h], contudo, em Kuripako, somente [p^h].

Além dessas diferenças, não se observaram diferenças no padrão silábico, nos demais processos, nem na duração vocálica, nem no acento. Somente observaram-se distinções fonéticas nas realizações dos fonemas. Há algumas diferenças também lexicais, assim como pode ocorrer entre qualquer variação entre dois falares. Portanto, não parece haver diferenças consideráveis entre um e outro.

Entretanto, um trabalho como esse ainda não é exaustivo sobre a problemática, pois uma comparação linguística completa deve envolver, ainda, o componente morfo-sintático, e não unicamente o fonético-fonológico. E outros critérios, obviamente, são igualmente muito importantes para isso, tais como critérios não linguísticos como o que foi apresentado no capítulo 1.

Assim, análises descritivas são importantes para o esclarecimento de processos fonológicos recorrentes na língua. Dessa forma, procuramos não nos limitar a criar um inventário de fonemas para a língua, mas também descrever suas funções opositivas e os processos fonológicos que nela ocorrem para entendermos um pouco melhor as diferenças. Observamos aqui como está sistematizado o sistema fonológico que propusemos para as duas variantes

Esse trabalho sintetiza, portanto, um panorama da história dos Baniwa e dos Kuripako, bem como apresenta um pouco dos estudos realizados dedicados a classificá-los e descrevê-los até o momento. Essas discussões são não somente uma análise linguística, mas também um resgate da memória e identidade desses povos por meio de sua língua. Com isso, contribuímos não somente para o conhecimento e desenvolvimento linguístico, mas também para o conhecimento e valorização da língua e da cultura desses povos Aruak.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. The Arawak language family. In R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (Eds.), *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

_____. "Classifiers in Multiple Environments: Baniwa of Içana/Kurripako - A North Arawak Perspective", *IJAL* 73, 4: 475-500. 2007.

BEZERRA, Zenilson A. *Processos Fonológicos e as subclasses dos morfemas em Curripaco*. Manuscrito, New tribes of Brazil. 1997.

BLEVINS, J. *The Syllable in Phonological Theory*. In GOLDSMITH, J. (org.) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

BOLEY, Frederick e Paula. *Descrições preliminares da gramática baniwa*. *New Tribes of Brazil* (manuscrito). 1979.

CASTELLANOS, Juan M. *Fepaite, nuestro territorio: Atlas Curripaco*. Bogotá: Papawiya, Ñewiam. 1992.

CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões. 1953.

_____. *Problemas de Lingüística Descritiva*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes. 1976.[1ª ed.: 1969].

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes.1982 [1ª ed.: 1970].

_____.*Princípios de Lingüística Geral*. 4. ed. Riode Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974. [1ª ed.: 1942].

_____. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977b. [1ª ed.: 1965].

CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL. *Dialectology*. Cambridge University Press, 201 pg. 1980.

CHOMSKY, N. & M. HALLE. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row. 1968.

CRUZ, Aline. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 2011. (Tese de Doutorado)

D'ANGELIS, Wilmar R. O alinhamento pró-Estados Unidos da Fonologia no Brasil, 10/2004, *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (Impresso), Vol. 4, Fac. 1, pp.87-115, Belo Horizonte, MG, BRASIL, 2004.

FACUNDES, Sidney da S. Historical Linguistics and Its Contribution to Improving the Knowledge of Arawak”. In: *Comparative Arawakan Histories*, edited by Jonathan Hill and Fernando Granero. Illinois: University of Illinois Press, 2002.

FACUNDES, Sidi & BRANDÃO, Ana Paula Barros. Hipóteses sobre o Desenvolvimento de Nasalidade Espontânea em uma Língua Aruák. *Estudos Lingüísticos*, XXXIV, p. 762-767. 2005.

FABRE, Alain. *Arawak*. Dicionario Etnolingüístico y Guía Bibliográfica de los Pueblos Indígenas Sudamericanos. 2005.

FONTAINE, Jacqueline. *O Círculo Lingüístico de Praga*. São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, 1978.

FRANCA, M. C. Victorino. *Baniwa-Siusi: Um tratamento não linear*. Florianópolis: UFSC. 1993. (Dissertação de mestrado)

GONZÁLEZ-ÑÁÑEZ, Omar. *El piapoco, el baniva y el guarequena: tres lenguas arahuacas del sur de Venezuela*. Boletín Bibliográfico de Antropología Americana 37/46.1974.

_____. *Los numerales en un dialecto curripaco*. Boletín de Lingüística, 5: 15-28. Caracas: UCV. 1985.

_____. *Las lenguas indígenas del Amazonas venezolano*. En: Francisco Queixalós & Odile Renault-Lescure (eds.), *As línguas amazônicas hoje*: 385-418. São Paulo: ISA/ IRD/ MPEG. 2000.

GRANADILLO, Tania. *An Ethnographic Account of Language Documentation among the Kurripako of Venezuela*. Tucson: University of Arizona. 2006. (Tese de doutorado).

_____. *Nominal possessives in the ehe dialect of kurripako. Morphology, Phonology and semantics*. Article. University of Arizona.

HILL, Jonathan. *Wakuenai society: a processual-structural analysis of indigenous cultural life in the upper Rio Negro (Guainía) region of Venezuela*. Tese de Doutorado. Indiana University. 1982.

HYMAN, Larry. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston. 1975.

JAKOBSON, R. FANT, G. & HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge: MIT Press. 1952.

JAKOBSON, R. & HALLE, M. *Fundamentals of Language*. The Hague: Mouton. 1956.

JAKOBSON, Roman. *Fonema e Fonologia*. Trad. J.M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

JOURNET, Nicolas. *Los Curripaco del rio Isana : economia y sociedad*. Rev. Colombiana de Antropologia, Bogotá: Instituto Colombiano de Antropologia, n.23, p.127-82, 1981.

_____. *Hommes et femmes dans la terminologie de parenté curripaco*. Amerindia, Paris: A.E.A., n. 18, p. 40-74, 1993.

KAUFMAN, Terrence. The native languages of South America. In C. Mosley & R. E. Asher (Eds.), *Atlas of the world's languages*. London: Routledge (pp. 46–76), 1994.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Die Indianerstämme am oberen Rio Negro und ihre Sprachliche Zugehörigkeit*. ZE 38: 166-205. 1906.

_____. *Zwei Jahre unter den Indianern: Reisen in nordwest-Brasilien 1903-1905 ("Two years among the indians")*. 1909.

_____. *Aruaksprachen nordwestbrasilien und der angrenzenden Gebiete*. MAGW 41: 33-153; 203-282. 1911.

_____. *Die Volkgruppierung zwischen Rio Branco, Orinoco, Negro und Yapura*. En: W. Lehmann (ed.), *Festschrift Eduard Seler*: 205-266. Stuttgart. 1922.

MARTIUS, Karl. *Glossaria linguarum brasiliensium: Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallao os Indios no imperio do Brazil*. Wörtersammlung brasilianischer sprachen. Druck von Junge & Sohn, 546 páginas. 1863.

MEIRA, M. *Baniwa, Baré, Warekena, Maku, Tukano: os povos indígenas do baixo Rio Negro que querem ser reconhecidos*, in *Povos Indígenas no Brasil -87/88/89/90*. Aconteceu, especial 18, CEDI, São Paulo. 1991.

MELGUEIRO, Edilson Martins. *Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação lingüística das entidades na concepção do mundo dos Baniwa*. Dissertação de Mestrado, UnB. 2009.

MOSONYI, Esteban Emilio. "*Introducción al análisis del idioma baniwa*", in: González de Pérez, María Stella (coord.), *Lenguas indígenas de Colombia: una visión descriptiva*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 499-514.2000.

_____. "*Breve caracterización conjunta de las lenguas curripaco y piapoco*", in: Instituto Caro y Cuervo. 2000.

MEIRA, Márcio. *Laudo antropológico Área Indígena Baixo Rio Negro*. Belém: MPEG, 183 p.1991.

NIMUENDAJÚ, Curt. Idiomas indígenas del Brasil. *RIEUNT (Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán)*. 2/2: 543-618.1932.

_____. Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés: março a julho de 1927 - Apontamentos Lingüísticos. Parte II. *Journal Société des Américanistes*, Paris: Société des Américanistes, n.44, p.149-97, 1955.

OLIVEIRA, Adelia Engracia. *Depoimentos Baniwa sobre as relações entre índios e "civilizados" no Rio Negro*. Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém: MPEG, n.72, 31 p., jan. 1979.

_____. *A terminologia de parentesco Baniwa - 1971*. Boletim do MPEG: Série Antropologia, n.56, 34 p. 1975.

ORTIZ, Francisco. *Waaku Idana: cartilha para leer y escribir en Curripaco - Aja*. Bogotá: Fundación Etnollano, 64 p. 1993.

ORTIZ, Maribel. *Introducción a la lengua kurripako*. Forma y Función, 11: 55-75. 1998.

PAYNE, David L. Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. In Derbyshire D. C. and Pullum G. K. (eds) *Handbook of Amazonian Languages, vol. 3*. . New York: Mouton de Gruyter, 1993. pp.355-499.

RAMIREZ, Henri. *Dicionário do Baniwa-Curripaco*, Manaus: EDUA. 2000.

- _____. *Línguas Arawak da Amazônia setentrional*, Manaus: EDUA. 2001.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As línguas indígenas no Brasil. In: RICARDO, C. A.; RICARDO, F. (org.). *Povos Indígenas no Brasil (2001-2005)*. São Paulo: Instituto Socioambiental. 2006.
- SANTOS, Sérgio A. Botileiro. *Análise Fonológica da Língua Kurripako*, descrição preliminar. New Tribes of Brazil (manuscrito).1996.
- SAPIR, Edward. Sound Patterns in Language. *Language* 1, 37-51. 1925.
- SCHAUER, Stanley y Junia. "El yucuna", in: González de Pérez, María Stella (coord.), *Lenguas indígenas de Colombia: una visión descriptiva*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 515-532, 2000.
- SCHEIBE, Paul. *Phonemic Analysis of Baniwa*. New tribes of Brazil. Manuscrito no Museu Nacional no Rio de Janeiro. 1957.
- SELKIRK, E. On the major class features and syllable theory. In: ARONOFF; OEHRLE (org). *Language Sound Structurn* Cambridge, Mass: MIT Press, p. 107-136, 1984.
- TAYLOR, Gerald. *Introdução à língua Baniwa do Içana*. Campinas: Editora da Unicamp, 136 p.1991.
- _____. *Proposta ortográfica para o Baniwa do Içana*. Chantiers-Amerindia, Paris: A.E.A., n.2, 20 p., jan. 1989.
- TELES, Iara Maria. *Atualização fonética da proeminência acentual em baniwa-hohodene: parâmetros físicos*. Florianópolis: UFSC, 1995. (Tese de Doutorado)
- TRUBETZKOY, N. *Principes de Phonologie*. Paris: C. Klincksieck. 1949. [1ª ed., em alemão: 1939].
- VALADARES, Simoni M. B. *Aspectos fonológicos da língua kurripako (falas kumandáminani e ayáneni)*. Florianópolis: UFSC, 1993. (Dissertação de Mestrado)
- WRIGHT, Robin M. Os Baniwa no Brasil. In: KASBURG, Carola; GRAMKOW, Márcia Maria, orgs. *Demarcando terras indígenas: experiências e desafios de um projeto de parceria*. Brasília: Funai/PPTAL/GTZ, p. 281-95.1999.
- _____. *Pursuing the spirits: Semantic construction in hohodene kalidzamai chants for initiation*. Amerindia, Paris: A.E.A., n. 18, p. 1-40, 1993.